



INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA

**O IMAGINÁRIO SOCIAL E A CRIMINALIDADE
REGISTRADOS NA CIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL**

AILTON PEREIRA AZEVEDO

**Dissertação de mestrado em Ciências Policiais
Área de especialização em Criminologia e Investigação Criminal**

Orientação Científica

Professor Doutor Nuno Caetano Lopes Barros Poiães

Lisboa / Dezembro / 2017

À minha amada e companheira de todas as horas, Núbia, o agradecimento pelo amor, carinho, compreensão, apoio total e irrestrito durante a realização desta jornada, indispensável ao amadurecimento e crescimento funcional. O meu muito obrigado pela paciência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, a quem reconheço pelo conhecimento, inteligência, camaradagem e amizade, mas com a firmeza de quem indica um caminho para o propósito da glória.

Aos professores do Curso, que contribuíram para este aprendizado.

Aos amigos do dia a dia, por permitirem me conhecer e conhecê-los um pouco mais.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Ao meu sogro e minha sogra que também deram o suporte imprescindível para a realização desta jornada.

A minha mãe e ao meu pai, os quais partiram para outra viagem rumo ao criador, nesta mesma época de realização dos estudos e trabalho, o reconhecimento e o agradecimento por orientarem-me para a vida. A eles, onde quer que estejam, o meu pedido de desculpas em orações, pois permaneci distante em momentos que necessitava estar perto.

A Busca da Verdade

O que constitui o valor do homem não é a verdade, que qualquer pessoa pode possuir ou supõe possuir, mas o empenho sincero que o homem empregou para descobrir a verdade. Pois é por meio da busca pela verdade, e não com a posse desta, que as suas forças se ampliam, e somente nisto consiste a sua perfeição sempre crescente.

Gotthold Lessing, in "Eine Duplik"

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar como o imaginário social (medo – sensação de medo), obtido pela pesquisa de levantamento efetuado em inquérito por questionário perceptivo (percepção), se relaciona com a criminalidade registrada oficialmente. A fonte da informação relativa aos índices de criminalidade banco de dados da Secretaria de Segurança Pública, que são alimentados pelos registros efetuados na Brigada Militar (BM) e na Polícia Civil (PC), no ano de 2016 e no 1º semestre do ano de 2017 e tem como base a cidade de Santa Cruz do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Neste estudo, tentar-se-á estabelecer qual é a relação (se existe) entre a sensação de medo e o que de fato ocorre em termos de criminalidade na cidade. Também será efetuada uma análise dos fatores determinantes, componentes, intervenientes e resultantes desta interação.

De acordo com os resultados obtidos precisamos considerar, que a criminalidade real é menor do que a percebida em consciência coletiva ou imaginário social (medo), ou seja, há diversos fatores que contribuem para que se pense que ocorrem mais crimes do que realmente acontecem.

Palavras-chave: Sensação de medo. Imaginário. Pânico Moral. Medo. Violência. Criminalidade. Segurança Pública.

ABSTRACT

The objective of this work is to investigate how the social imaginary (fear - fear sensation), obtained by the survey carried out in a survey by perceptual questionnaire (perception), is related to officially registered criminality. The source of information related to crime database indexes of the Public Security Secretariat, which are fed by the records made in the Military Brigade (BM) and the Civil Police (PC), in the year 2016 and the first half of the year 2017 and is based in the city of Santa Cruz do Sul, in the State of Rio Grande do Sul (RS), Brazil. In this study, it will be tried to establish what is the relation (if there is) between the sense of fear and what occurs in terms of crime in the city. An analysis of the determinants, components, intervenient and resulting from this interaction will also be carried out.

According to the results obtained, we must consider that real crime is less than perceived in collective consciousness or social imaginary (fear), that is, there are several factors that contribute to the belief that more crimes occur than occur.

Key-words: Fear sensation. Imaginary. Panic Moral. Fear. Violence. Criminality. Public Security.

ÍNDICE

RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO.....	11
I – REFERENCIAL TEÓRICO	14
1. O imaginário e os delitos.....	14
1.1 O crime, a criminalidade e a violência.....	14
1.2 O medo, o medo do crime e pânico moral	17
1.3 O imaginário, o imaginário social, a segurança pública e a mídia.....	19
2. Prevenção situacional: O ambiente e o indivíduo em análise	22
2.1 Teoria das atividades de rotina.....	23
2.2 Teoria da opção racional	24
2.3 Teoria do padrão criminal	24
2.4 Teoria da criminologia ambiental	24
2.5 Anatomia do indivíduo.....	25
3. Contexto da pesquisa.....	26
II – MÉTODO	29
1. Caracterização da amostra	32
2. Instrumentos.....	35
3. Procedimento	36
III – RESULTADOS	38
1. Dados gerais de identificação da população e dos pesquisados	39
2. Registros criminais em Santa Cruz do Sul.....	41
3. Afirmativas sobre segurança pública / brigada militar / crime.....	42
4. Perguntas sobre o sentimento em relação ao efetivo	50
5. Perguntas relativas ao imaginário dos delitos.....	56
6. Análise da relação entre a densidade populacional e os índices criminais entre o Estado do Rio Grande do Sul e a cidade de Santa Cruz do Sul.....	61
7. Opinião dos respondentes acerca do que tornaria a cidade mais segura.....	72
IV – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	74
1. Contributos e implicações práticas.....	81
2. Limitações e pesquisa futura	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
APÊNDICE	92

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Idade.....	33
Gráfico 2 – Sexo.....	34
Gráfico 3 – Escolaridade.....	34
Gráfico 4 – Pertence à entidade que defende interesses comunitários em Santa Cruz do Sul?	40
Gráfico 5 – É Presidente, Representante, Diretoria, Associado ou não pertence a entidades?	41
Gráfico 6 – Afirmativa 1: O efetivo da Brigada Militar é suficiente para prover Segurança Pública no Município.	42
Gráfico 7 – Afirmativa 2: Segurança Pública é problema de Polícia.....	43
Gráfico 8 – Afirmativa 3: Os principais crimes acontecem no centro da cidade.	44
Gráfico 9 – Afirmativa 9: Acontecem crimes que não são registrados pela Polícia.	45
Gráfico 10 – Afirmativa 10: Não acontecem muitos crimes na cidade.....	46
Gráfico 11 – Afirmativa 11: Os crimes acontecem mais durante o dia.....	46
Gráfico 12 – Afirmativa 12: Locais perigosos (escuros e desertos) aumentam a probabilidade de ocorrer um crime.....	47
Gráfico 13 – Afirmativa 13: O Crime ocorrerá independentemente da presença ou não de Policiais e Viaturas.	48
Gráfico 14 – Afirmativa 14: Sinto-me seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.	49
Gráfico 15 – Afirmativa 15: Não me sinto seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.	49
Gráfico 16 – Pergunta 1: A Polícia Militar consegue lhe trazer a sensação de segurança nesta cidade?	50
Gráfico 17 – Pergunta 2: Como você é tratado por policiais militares na cidade?.....	51
Gráfico 18 – Pergunta 3: Você costuma ver com frequência os integrantes da Brigada Militar, na cidade?	51
Gráfico 19 – Pergunta 4: Você anda na rua com tranquilidade durante o dia?	53
Gráfico 20 – Pergunta 5: Você anda na rua com tranquilidade durante a noite?	53
Gráfico 21 – Pergunta 6: Os policiais militares da cidade agem com violência, ou se prevalecem da condição de policiais?	54
Gráfico 22 – Pergunta 7: Como os policiais militares atendem à população?	55
Gráfico 23 – Pergunta 1: Você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime na cidade de Santa Cruz do Sul?	56
Gráfico 24 – Pergunta 2: Qual é o local da cidade em que você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime?	57
Gráfico 25 – Pergunta 3: Qual é o local da cidade que lhe causa maior medo?.....	57

Gráfico 26 – Pergunta 4: Qual é o local da cidade que você acredita ser o mais violento?	58
Gráfico 27 – Pergunta 5: Qual é o local da cidade que você acredita que existe o maior número de crimes?	59
Gráfico 28 – Pergunta 6: Qual é o local da cidade que você acredita que é o mais seguro?.....	60
Gráfico 29 – Dados dos registros criminais relativos ao ano de 2016	63
Gráfico 30 – Dados dos registros criminais relativos ao ano de 2017 - 1º Semestre	63
Gráfico 31 – Crimes registrados de furto simples e furto qualificado.	64
Gráfico 32 – Sentimento do sofrimento do crime de furto.....	65
Gráfico 33 – Sentimento do sofrimento do crime de furto qualificado.....	65
Gráfico 34 – Crime de roubo 2016.....	66
Gráfico 35 – Crime de roubo 1º semestre de 2017.....	66
Gráfico 36 – Percepção do sofrimento do crime de roubo à pessoa	67
Gráfico 37 - Roubo de veículo no ano de 2016.....	68
Gráfico 38 – Roubo de veículo no 1º Semestre no ano de 2017	68
Gráfico 39 – Percepção do crime de roubo de veículos	69
Gráfico 40 – Crime de homicídio 2016.....	70
Gráfico 41 – Crime de homicídio no 1º Sem de 2017.....	70
Gráfico 42 – Afirmativa 8: Um dos crimes que mais acontece na cidade é o homicídio.....	71

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – População da cidade de Santa Cruz do Sul	40
Tabela 2 – Crimes registrados no ano de 2016	42
Tabela 3 – Crimes registrados no 1º semestre do ano de 2017	42
Tabela 4 – Comparação dos dados populacionais entre o estado e a cidade.....	62
Tabela 5 – Comparação de dados de registros de crimes entre o estado e a cidade.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS

AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil

BM – Brigada Militar

CF – Constituição Federal

DETRAN – Departamento de Transito

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISCPSI – Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna

MJ – Ministério da Justiça

PC – Polícia Civil

PM – Polícia Militar

RS – Rio Grande do Sul

SCS – Santa Cruz do Sul

SENASP – Secretaria Nacional de Segurança Pública

SSP – Secretaria da Segurança Pública

INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado em Ciências Policiais na área de especialização em Criminologia e Investigação Criminal propõe-se a investigar como o imaginário social (medo – dados colhidos da comunidade local por meio de inquérito por questionário) se relaciona com a criminalidade registrada oficialmente. Este estudo foi realizado na cidade de Santa Cruz do Sul, RS, Brasil, e tem por base a análise dos aspectos quantitativos dos registros oficiais do banco de dados de ocorrências “Sistema Consultas Integradas da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul” (SCI/SSP-RS), do ano de 2016 e do primeiro semestre de 2017 e a coleta dados relativos a percepção da comunidade acerca da criminalidade. Há necessidade de ressaltar que os registros são efetuados pela população da cidade por meio das Polícias (Polícia Militar e Polícia Civil), cabe ainda lembrar que a Polícia Militar do Rio Grande do Sul recebe a denominação de Brigada Militar.

A necessidade de identificação da real criminalidade, contrapondo-se à forma de como são percebidos os fenômenos da violência pela consciência coletiva (imaginário social – medo) e assim quantificados, conduzirá, por embasamento científico, à melhor compreensão da realidade dos acontecimentos criminosos em relação à sua divulgação por qualquer meio de comunicação (mídia), bem como o sentimento em relação ao real ocorrido. Desta forma, possibilitará compreender o que revela a pesquisa, como um processo de investigação que se interessa em descobrir as relações existentes entre os aspectos que envolvem fatos, fenômenos, situações ou coisas, sendo um “procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento” (ANDER-EGG apud LAKATUS e MARCONI, 2003, p. 155).

A escolha do tema prende-se com razões da relevância prática às ações da Polícia Militar do Rio Grande do Sul, Brigada Militar, uma vez que não são conhecidos na literatura, especificamente no contexto em análise, estudos que abordem cientificamente esta temática. Ainda relevante ressaltar que se enquadra na agenda de investigação de assuntos do ISCPPI (Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna), pois abordará as faces da criminalidade, visto que busca em seu âmbito a ampla discussão sobre o assunto, que na realidade é um tema complexo e visa ao melhor entendimento da real situação social da sociedade (cidade) e a forma como é sentida, bem como observada acerca da prevenção em segurança pública.

É amparada por vasta bibliografia, tanto nacional quanto internacional sobre o tema, sendo, também, linha de pesquisa em universidades. Por esse motivo, neste trabalho investigativo, encontra-se uma abordagem com recorte para a criminalidade na cidade de Santa

Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, sendo que a construção do plano de trabalho supõe a capacidade de distinguir o fundamental do acessório, sob o prisma dos assuntos pesquisados e estudados, conduzindo a ideia principal e a secundária, além de fazer distinguir o mais importante do menos importante, requerendo a inteligência necessária para distribuir equitativamente as partes desproporcionais que possam surgir, de sorte que o todo resulte equilibrado e proporcionado, fazendo salientar o fundamental e o essencial (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 97).

A construção do conhecimento é um processo contínuo, gerando discordâncias e filiações a corrente de pensamentos. Porém, isto só melhora a qualidade das informações produzidas, como ensina Vergara (2003) quando relata que a ciência busca pelo desenvolvimento da pesquisa, por meio de sistematizações e ressystematizações, reflexões, discussões na busca da explicação de fenômeno(s), porém estes resultados não se tornam dogmas, pois são discutíveis ao longo de seu processo e no resultado, e é justamente por isso que lhe dá sempre vitalidade e novas discussões acerca dos temas.

A presente investigação visa conhecer e analisar o sentimento da comunidade de Santa Cruz do Sul em relação ao imaginário social – medo (consciência coletiva), em comparação com a criminalidade registrada na cidade. Neste desiderato foram definidas as seguintes questões de pesquisa:

- Será que a criminalidade real é menor do que a percebida em consciência coletiva ou imaginário social (medo)?

- Será que criminalidade existente de fato na cidade de Santa Cruz do Sul é percebida como fator preponderante para a *sensação de medo*?

Assim, a partir do problema apresentado e da necessidade se estabelecerem os próximos passos, como por exemplo a consignação do objetivo geral que é a identificação da percepção da comunidade de Santa Cruz do Sul em relação à consciência coletiva ou ao imaginário social (medo), em comparação com os dados de criminalidade registrados na cidade, relativos ao ano de 2016 e ao primeiro semestre de 2017. Neste seguimento, foram definidos cinco objetivos específicos, que são a (1) coleta e análise da percepção da criminalidade; (2) coleta dos índices (dados) de criminalidade, ambos, na cidade de Santa Cruz do Sul, por meio da análise de dados disponíveis do módulo banco de dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP) do Estado do Rio Grande do Sul (RS) – Divisão de Estatística; (3) Quantificar os dados sobre a percepção da criminalidade na Cidade de Santa Cruz do Sul; (4) Estabelecer o sentimento da comunidade de Santa Cruz do Sul em face da criminalidade “sentida” e da criminalidade registrada; e (5) Analisar os dados obtidos sobre a criminalidade

e a consciência coletiva ou o imaginário social (medo), visando verificar se existe relação de proporção entre ambos, considerando a comparação entre os dados analisados.

Ainda no contexto da pesquisa há necessidade de pensarmos nas possibilidades e das perguntas de pesquisa que precisamos considerar, que a criminalidade real é menor do que a percebida em consciência coletiva ou imaginário social (medo), ou seja, há diversos fatores que contribuem para que se pense que ocorrem mais crimes do que realmente acontecem. Bem como como uma questão derivada a considerar que a *sensação de medo* está diretamente baseada na crença da existência do delito e no aumento do medo em relação à criminalidade.

O presente trabalho está organizado em capítulos. O primeiro capítulo dedicado à exposição do referencial teórico que se divide em duas partes, a saber, na primeira parte tratando do imaginário e os delitos, no qual serão abordados os principais autores que estudaram o tema, conceitos e definições dos assuntos referentes ao crime, criminalidade e violência; ao medo, medo do crime e pânico moral; e o imaginário, o imaginário social, a segurança pública e a mídia. Na segunda parte, tratamos A prevenção situacional: o ambiente e o indivíduo em análise onde se faz uma breve abordagem as teorias das atividades de rotina; da opção racional, do padrão criminal; da criminologia ambiental e da anatomia do indivíduo. Um capítulo sobre o método, que explicará a construção do estudo, a sua contextualização e as variáveis; análise dos dados, em que serão expostos os dados e devidamente interpretados, bem como os resultados alcançados; e um capítulo final de discussão, e conclusões, no qual constarão as principais descobertas da pesquisa em razão do problema de pesquisa, objetivos e perguntas formuladas.

I – REFERENCIAL TEÓRICO

1. O imaginário e os delitos

A organização desta seção apresenta e conceitua temas indispensáveis à pesquisa proposta, ou seja, os conceitos básicos necessários à sistematização de raciocínios referentes às relações entre o que realmente ocorre em termos de crime/criminalidade e aquilo que permanece no imaginário social/medo (consciência coletiva), como se fosse um espelho da realidade na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, fundamentando, nos dados e em suas especificidades, o cumprimento dos objetivos, bem como para se chegar às repostas das perguntas de pesquisa e estabelecer as relações geradas entre o confronto registrado/sentido (GLASSNER, 2003).

A tarefa de investigar os agentes que constituem um macroambiente, levantar o medo do crime, reconstruir a realidade social do município, por meio das expressões captadas dos atores sociais, é, de fato, o trabalho do pesquisador, constitui um esforço de compreender as demandas sociais. E esta pesquisa vem tocar exatamente nesta questão, uma vez que questiona a diferença entre a criminalidade real ocorrida na localidade referenciada e o que se imagina que esteja ocorrendo, comparando-se estes dados. O ponto a destacar, na construção do estudo, é o contexto das respostas em confronto com os números registrados.

É importante ressaltar o alvo do presente estudo, em face do sistema em que se vive (estrutural, social e tecnológico), que remonta às organizações e a sua complexidade em relação à vultosa gama de problemas e variáveis que interagem numa situação a que estão sujeitas as pessoas (MAXIMIANO, 2010).

1.1 O crime, a criminalidade e a violência

Na construção deste trabalho, será tratado o crime como descumprimento da lei, constituída nas casas do povo (Câmara de Vereadores, Assembleia Legislativa e Câmara dos Deputados - municipal, estadual e federal), competentes para este fim, traduzindo o limite para a entrada no universo da criminalidade. Contudo, é preciso conceituar e estabelecer a diferença entre crime e criminalidade. Embora muitas vezes pareçam sinônimos, não são. Ambos estão ligados a uma conduta, situação ou fato que é tida como fora do normal, sendo este um conceito estático que considera um comportamento dominante, do qual se segue uma ou mais regras. “O crime é a quebra ou desvio, o que não está em conformidade com o determinado conjunto de

normas aceito por um número significativo de pessoas de uma comunidade ou sociedade” (GIDDENS, 2004, p. 205). O comportamento desviante é definido como conduta inconformista que viola uma lei, e a criminalidade é a condição e circunstância do ocorrido, ainda “na análise da criminalidade representada pelo aumento dos conflitos sociais, não só pelos aspectos de levantamento da violação da lei, mas também a avaliação e investigação das variáveis culturais, antropológicas, sociológicas econômicas e políticas” (CARRILLO, 2002, p. 40). Em consequência disso, o conceito de criminalidade, neste trabalho, será utilizado e especificado conforme o Novo Dicionário Aurélio (2010): “qualidade ou estado de criminoso – grau de crime – conjunto de crimes – história de crimes”.

Sobre a noção de crime, Cusson (2011, p 14) descreve: “Os criminólogos não estão sujeitos às limitações de vocabulário que pesam sobre os juristas, utilizam mais ou menos indistintamente os termos crime, delito, delinquência e infração...”, referindo-se ao entendimento do crime como desviância, seja delito como infração, seja o crime como violência e como astúcia e as funções sociais da noção de crime; levando à compreensão do fenômeno criminal, no tocante às normas penais, à violação dessa norma e à reação social repressiva, tudo representado pelos personagens – o delinquente, a vítima e o agente do controle social, em três fases: a prevenção, o ato e a resposta penal.

Continua ainda o mesmo autor (2011, p. 190) ao descrever “sobre incivildades (desordens), insegurança e delinquência” onde demonstra o estreitamento da relação incivildades/crimes, estimulando-se uns aos outros, conduzindo à relatividade das *representações sociais* no intuito da compreensão dos fenômenos coletivos, ou ainda, à permeabilidade das influências, quando da sua formação, constituídas de um mosaico intemporal, com peças de diferentes idades, origens, articulando-se entre o individual e o todo, transformando numa multiplicidade de sentidos, objeto privilegiado das ciências sociais, como destaca Peixoto (2012).

Durkheim (2002), em síntese, coloca o ato do crime como algo natural a todas as sociedades. Para ele, a sociedade não é simplesmente o produto da ação e da consciência individual, mas, pelo contrário, as formas coletivas de ação dos indivíduos esclarecem ou contêm realidades, as quais pertencem ao mundo exterior. Entendia, assim, que o crime é um fenômeno social normal. Ao observar e explicar o fato social denominado crime, colocando-o como algo de natureza universal, ao considerá-lo, apresentou ainda a arguição que em primeiro lugar o crime é normal, não existindo uma sociedade isenta desse fenômeno, isso é completamente impossível. Sustenta ainda que o crime não diferencia sociedades, desta ou daquela região, origem ou cultura ou lugar, ele (crime) esteve, está e estará presente em todas.

Também necessária para a compreensão do trabalho, verificar-se-á a palavra violência derivada do Latim “*violentia*”, que significa “veemência, impetuosidade”. Mas na sua origem está relacionada com o termo “violação” (*violare*). Segundo Organização Mundial da Saúde, *violência* é definida como “o uso intencional de força física ou poder, ameaçados ou reais, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade, que resultem ou tenham grande probabilidade de resultar em ferimento, morte, dano psicológico, mal desenvolvimento ou privação.” A descrever ainda quando esta que se manifesta de maneiras diversas, seja no dia-a-dia, nos crimes, em guerras, torturas, conflitos étnico-religiosos, preconceitos, assassinatos, na violência urbana, entre outras. Quando se trata de direitos positivados, quando desrespeitados, a violência pode abranger todos os atos de violação de direitos: sejam, civis (liberdade, privacidade, proteção igualitária); sociais (saúde, educação, segurança, habitação); econômicos (emprego e salário); culturais (manifestação da própria cultura) e políticos (participação política, voto).

Todavia, segundo Roesch (1996, p. 97), “as opções normalmente giram em termos de focalizar ou expandir os conteúdos”. Entende-se aqui conteúdos que se elegem para amparar e aprofundar cientificamente um determinado estudo, e neste sentido é que se reforça a necessidade de trabalhar com conceituação básica, referente à violência, visto tratar sobre uma terminologia com significados extremamente amplos e estudados na criminologia, na sociologia e em outras ciências. Quando se fala em violência, por exemplo, recorre-se a conceituações consagradas como as expostas a seguir.

Conforme Chauí (1999), violência é tudo o que age usando força para ir contra a natureza de algum ser, salienta que é um ato de força e contra a espontaneidade, constringendo, coagindo, torturando, brutalizando a liberdade de alguém; ainda compreende-se sobre o assunto toda a violação da natureza de alguém ou de alguma coisa que tenha valor pela sociedade, dito o ato de violação, transgressão contra alguém ou à uma sociedade, sendo conseqüentemente, um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém, e se caracteriza por relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror.

Ainda, segundo Michaud (1989), ocorre violência quando em uma situação de relação, interação entre partes, uma ou mais pessoas de forma direta ou indireta, causa danos substanciáveis ou não, a uma ou a várias pessoas tanto na integridade física ou moral, independentemente do grau de intensidade.

Tratando ainda do crime, criminalidade e violências como fenômenos de alta complexidade, que envolvem a conduta humana e suas relações na sociedade e a relação destes, face ao controle social, como nos ensina Molina (2008), “o controle social está amparado em

um conjunto de recursos simbólicos ou concretos que um grupo social dispõe para garantir a conformidade dos comportamentos...”, assim o controle social corresponde a um “conjunto de instituições, estratégias e sanções sociais que pretendem promover e garantir referida subordinação do indivíduo aos modelos e normas comunitários. Para alcançar a conformidade ou a adaptação do indivíduo aos seus postulados normativos. Este controle social, seja na instância informal (a família, a escola, a profissão, a opinião pública) ou na instância formal (a polícia, a justiça e a administração penitenciária), existe para que se possa conviver dentro dos parâmetros estabelecidos pela legislação.

1.2 O medo, o medo do crime e pânico moral

Na esteira das conceituações sobre a expressão *medo*, de acordo com o Novo Dicionário Aurélio (2010), trata-se de “perturbação resultante da ideia de um perigo real ou aparente; apreensão; receio de ofender, de causar algum mal, de ser desagradável.” Já Cordeiro (1987, p. 3) define que “o medo é uma reação instintiva, automática a uma ameaça à integridade física ou psicológica, quer em termos individuais quer em termos coletivos, podendo ser real ou desconhecida.”

Considerando Dantas (2007), o medo, quando extrapolado em certo limite, deteriora a qualidade vida das pessoas e das comunidades. Ainda para Morley (2004), pode ser considerado como uma reação emocional caracterizada pela percepção do perigo, remoto ou iminente, proporcionado pelos fatores sofridos ou noticiados do ambiente, causando efeitos psicológicos e sociais, podendo ser dramáticos.

Também é importante trazer à tona, em razão da ideia da pesquisa, quando da realização do trabalho, o entendimento do sentimento do *medo* em relação aos fatos criminosos registrados e os de fato ocorridos em relação ao percebido pelas pessoas. Delumeau (1989) define que o medo como “uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável...”, considera e justifica ainda que deve ser controlado, pois se ultrapassar uma dose suportável, ele se tornará patológico e criará bloqueios. “Pode-se morrer de medo, ou ao menos ficar paralisado por ele”.

Ainda do mesmo autor e obra, “o medo é uma construção social, onde se teme o que se considera ser um grande perigo, não se levando em conta os riscos mais frequentes”. Contudo, é importante também ressaltar que o trabalho abordará questões sobre o “*imaginário do medo*”, de certa forma traduzindo o aspecto da insegurança de modo que se compreenda, se traduza em negação, ou seja o não atendimento da segurança. Ainda do dicionário

anteriormente mencionado, segurança é: “1. Ato ou efeito de segurar. 2. Estado, qualidade ou condição de seguro. 3. Certeza, confiança, firmeza. 4. Confiança em si mesmo.”

Amparado ainda por Dantas (2007, p. 3), “o medo pode ser entendido como uma sensação de ansiedade que produz um estado de alerta em face de uma percepção de risco ou perigo iminente. Tal percepção tanto pode estar baseada em fatores reais quanto imaginários”. Do mesmo modo, Frias (2004, p. 3) afirma que “o medo do crime se manifesta, sobretudo, em comportamentos de proteção do domicílio ou medidas cautelares em face da vitimização, sendo expresso na primeira pessoa: tenho medo de ser assaltado ou não me sinto seguro na rua à noite”.

Segundo Grabosky (1995), “o medo do crime” pode também estar relacionado ao conhecimento de ocorrências de delitos a pessoas próximas (familiares, amigos e conhecidos), denominando isso de “vitimização indireta”. Menciona, ainda, que as pessoas, conforme estudos em diferentes países, têm a tendência de evitar certos lugares, por terem sido vítimas, ou locais de delitos, principalmente à noite.

Como frequentemente observado em outras pesquisas, o medo do crime é sinônimo de sentimento de insegurança, tendo capacidade de influenciar a vontade e as opções individuais e sendo muito influenciado pelo acesso à informação (PENEDO, 2003). Para Peixoto (2012, p 111), “o medo do crime é uma experiência subjetiva, independentemente da experiência ou não, se vítima ou não, ligada exclusivamente à percepção de risco do próprio indivíduo de ser alvo de ação criminosa”.

É importante revisar o que escreve Machado (2004, p 60 e 61), quando em seus escritos, sobre pânico moral, realiza uma revisão conceitual no tema e traz a lume o que escreveu Cohen (1987) ao utilizar instrumentos conceituais do marxismo e do interacionismo simbólico conjugando-os na gênese do pânico. E destaca na sequência a definição de pânico moral como “fenômenos recorrentes aos quais as sociedades parecem estar periodicamente sujeitas”, relatando ainda “uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais, a sua natureza é apresentada de uma maneira estilizada e estereotípica pelos mass media”. Destaca ainda o tema ao partir para afirmação que “os fenômenos de pânico moral assumem uma natureza essencialmente *performativa*, correspondendo a formas discursivas localizadas e transitórias, adaptadas ao objetivo de alcançar a visibilidade e a voz pública, através da difusão midiática.”

1.3 O imaginário, o imaginário social, a segurança pública e a mídia

Em se tratando destas questões (imaginário, vida em sociedade, segurança pública e mídia), nota-se que tais assuntos vêm ganhando destaque em produções intelectuais, discussões acadêmicas e no cotidiano das pessoas, gerando uma ideia de consciência coletiva, em que pesem as dificuldades do tema, bem como a própria dificuldade de enfrentamento dos problemas pelas pessoas e pelo poder público.

De tal forma, quando se pensa, quando se vive, visualizam-se situações do dia ou da noite, enfrentando intempéries, socializando e se relacionando com os outros, sejam conhecidos ou desconhecidos, nos mais diversos lugares da existência humana; desnuda-se uma teia de sentimentos diversos e, a partir destas sensações, imaginam-se circunstâncias, formando-se consciência acerca de ocorridos; conjecturam-se situações no subconsciente a partir de um simples olhar, transmitindo e repassando sentimentos. Isso faz, de imediato, lembrar Jean Paul Sartre (1986), quando afirma que o contato visual é que nos faz real e diretamente conscientes da presença de outro ser humano dotado de consciência e intenções próprias, trazendo à tona a questão do realmente saber do ocorrido, em ver, interagir, em propagar uma sensação pelo do olhar, sem a necessidade de expressar valores e conceitos acerca de fatos, crimes e outros ocorridos.

Além das questões relativas ao medo, ligadas ao imaginário, traz-se também ao contexto deste trabalho, o conceito de consciência coletiva, definido por Durkheim (2002), “...uma comunhão de ideias coletivas que penetram nas consciências individuais, organizando-se aí de modo duradouro, e que se fixam também objetos “materiais” (Direito, Leis, Símbolos Nacionais e Educação)”, o amálgama que garantirá a construção da comunhão social...”. Conceito que conduz ao conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade que forma um sistema determinado com vida própria.

Também é importante ressaltar que, no contexto do trabalho, escrever sobre *imaginário* é também estabelecer uma ligação deste tema com as definições de Lacan (1953), de que o imaginário é o território da ilusão; de Durand (1989), que se refere ao conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do “homo sapiens”; este último é leitor de Bachelard (1947), que afirma o imaginário como “um instrumento de tradução imagética do pensamento humano”; bem como de Maffesoli (2001), uma fonte comum de sensações, lembranças e afetos; porém, estabelecendo como vínculo e conceito principal a ser seguido, o tratado por Silva (2003, p.11-18) quando descreve que “... imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente. É

simultaneamente reservatório e motor: depósito de imagens, sentimentos, lembranças e experiências, e uma força que impulsiona. O imaginário é ao mesmo tempo, uma fonte racional e não racional de impulsos para ação”.

Ainda sobre a expressão *imaginário social*, verifica-se o que descreveu Moraes (2002), quando relata que: “O imaginário social é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade”.

É importante também contextualizar segurança pública, usando o conceito definido pela Secretaria Nacional de Segurança Pública (SENASP), disponível no site do Ministério da Justiça (MJ/ SENASP) que a “ A Segurança Pública é uma atividade pertinente aos órgãos estatais e à comunidade como um todo, realizada com o fito de proteger a cidadania, prevenindo e controlando manifestações da criminalidade e da violência, efetivas ou potenciais, garantindo o exercício pleno da cidadania nos limites da lei”.

O sentimento deste atributo tem seu cerne na Constituição Federal de 1998, conforme disposto no art. 144, caput, a saber, “*dever do Estado, o direito e a responsabilidade de todos*” para o seu intento, sendo exercido pelos órgãos policiais, para a preservação da ordem pública. A última é uma situação de fato oposta à desordem, conforme Lazzarini (2004), que muda no tempo e no espaço em função de concepções políticas e jurídicas, segundo Moreira Neto (2005).

Embora não estudada diretamente neste trabalho, a imprensa/mídia desempenha um papel fundamental neste raciocínio, pois se localiza exatamente entre a realidade dos delitos praticados/registrados e a sua transformação em informação a ser transmitida e como é/será “sentida/interpretada”. Porém, fica em zona nebulosa, como ressalta Rolin (2006), uma vez que a mídia pode ser tendenciosa e disseminar intenções diversas, granjear simpatia, promover antagonismo, políticos-eleitorais e desestabilizar o poder público, na medida em que estas notícias traduzem a realidade social do seu significado.

Nesta esteira, Michaud (1989) escreve que a “mídia pode não tornar mais violentas as pessoas, mas certamente contribuem a estimulá-las”, ainda destaca em outro momento que em estudos recentes notou-se que existe uma correlação entre a observação de violência e agressão. Não só pelas considerações de outros autores, mas é notório e não há dúvidas de que as imagens de violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal, muitas vezes beirando a barbárie.

Já se conhecem estudos, tais como o de Muniz Sodré (2002) e Teixeira (2002), referentes às relações entre a realidade social e o imaginário produzido, fomentado, conduzido pelas notícias (informações, imagens, conteúdos e opiniões) transmitidas na mídia. Isso é

corroborado por Bosi (2009), quando escreve que a mídia (televisão, rádio, os jornais e a internet) tem um importante papel na engrenagem da indústria cultural, alcançando e disseminando ideias, o domínio da inteligência, da vontade, do sentimento e da emoção dos seres humanos.

É imperativo também destacar o que escreve Bordieu (1997) sobre os perigos políticos inerentes ao uso ordinário da televisão e o notável interesse em fatos que podem dar margem ao sensacionalismo, o que torna a televisão um instrumento de realidade e não de registro, conforme corrobora Ramonet (2010), quando refere a “tirania da comunicação” na divulgação de notícias que envolvem as pessoas vítimas de delitos.

Assim, para se identificar e conhecer a realidade local, necessitar-se-á da devida reconstrução da realidade social, descrevendo cenários e atores sociais que ora participam deste teatro da vida, que passam por dificuldades no dia a dia em relação ao sentimento vivenciado e experienciado. Contudo, esta tarefa do pesquisador, tanto em nível empírico quanto em nível científico; não será das mais fáceis, visto que o trabalho de captar a realidade é um, e o de traduzi-la é outro. Neste meio é que entra a difícil posição que ocupa o “*imaginário social*”.

Resta alguma dúvida, ainda, quanto ao uso da expressão “*imaginário social*” em vez de “*consciência coletiva*”, ou de ambas; em virtude do que já se descreveu, fato que necessita de maiores aprofundamentos na literatura especializada que trata dos dois conceitos. Embora a ideia central seja a pesquisa e o entendimento de como esta violência, esta criminalidade e este medo são percebidos em relação à verdade real dos registros, de como os participantes da sociedade os “sentem”, e apesar da quantidade de obras sobre o assunto e de autores que escrevem sobre o tema, entre tantos, inclusive os já citados, como a matéria ainda é controversa em relação ao termo “*imaginário*”, será utilizada, neste trabalho, a expressão “*sensação de medo*”, para que se coadune a ideia de percepção do que sentem as pessoas da cidade em relação ao objeto da pesquisa.

Dentre os fatores e conceitos já dispostos na presente apresentação, no que se refere ao estudo ora trabalhado, constata-se que a tarefa a ser realizada será esclarecedora e procurará buscar e entender os motivos que contribuem para o entendimento do “sentimento” das pessoas. Pretende-se mostrar também a relação do medo do crime e a sensação de insegurança, acerca dos resultados obtidos quanto à pesquisa realizada na comunidade, em face dos registros da criminalidade.

2. Prevenção situacional: O ambiente e o indivíduo em análise

Levando-se em conta a proposta deste trabalho, no estudo dos números, tanto de ocorridos como percebidos, importantes para a correlação e a percepção dos fenômenos criminais ocorridos e em comparação com o que se sente, é necessário compreendermos, embora não estejam descritas no contexto do trabalho, as teorias de prevenção criminal, expondo o tema em duas divisões básicas para a prevenção ao crime, seja em nível da prevenção social, que atua sobre as causas sociais do delito, para reduzir a motivação criminal, e da prevenção situacional do crime que atua e nos apresenta estratégias de prevenção centradas em ações dirigidas à redução das oportunidades para a prática de crimes e violências na sociedade por meio de ações que relacionam aumentos e/ou redução de benefícios associados à prática de crimes e violências, não se interessando pelas causas do delito, mas tão somente pelas suas manifestações, arquitetando pelo estudo das ações e possibilidades, por meio de programas que se limitam a neutralizar as oportunidades sendo dirigidas a formas altamente específicas de crime, que envolvem a gestão, o *design* ou a manipulação das condições ambientais de modo sistemático e permanente, e que tornam mais difícil a prática do crime, aumentam o risco ao cometimento do delito, reduzindo as recompensas e as desculpas dos infratores.

Como observação policial a ser destacada, é imperativo lembrar o que descreve Rocha (1993) sobre administração de polícia ostensiva, justamente ao pensarmos sobre prevenção situacional. Referindo-se aos “fatores intervenientes”, elencando-os e especificando-os como “determinantes, condicionantes e componentes” a respeito da tarefa de garantir a segurança pública, em relação às pessoas e ao crime, justamente com o objetivo de propiciar sensação de segurança à comunidade, seja na ligação e no atendimento à população (às pessoas), na observação e no conhecimento do local, do clima, dos recursos disponíveis, do histórico de delitos, das probabilidades, entre outros, associando e realizando o cruzamento desses elementos adversos na tarefa a ser realizada no tocante à função de polícia.

Como complementação ao que descreve Rocha (2003), traz-se à tona os significados conforme o Novo Dicionário Aurélio (2010): *determinante* “que determina, que marca, que limita, que indica com precisão, o que fixa”; *condicionante*, “capaz de condicionar, de estabelecer condições para que algo se desenvolva ou que põe condições, que torna dependente”, e *componente*, “que faz parte de alguma coisa; que pode ser utilizado na composição de; que é uma parcela da constituição de um sistema, que concorre com outros em

uma composição, uma força que atua simultaneamente entre outras para produzir uma resultante“.

Para melhor compreender o descrito, consideremos no estudo as orientações da criminologia sobre a prevenção situacional, como método de prevenção de delito, buscando a diminuição de oportunidades que possibilitam decisivamente na efetivação da vontade de produzi-lo, tratando delito como vontade consciente do agente causador, que antes de agir pondera os benefícios e os prejuízos de uma situação, o espaço-tempo; buscando entender também as nuances da criminologia ambiental, na opção racional, nas atividades de rotina e no padrão criminal; tudo, conforme os estudos e obras produzidos por Molina, Brantingham & Brantingham, Cornish e Clarke, Bentham, Beccaria, Torres, Cohen e Felson, dentre tantos outros, dos quais poder-se-ia elaborar uma tese, somente sobre isso, embora não se esmiúce o assunto disposto acima relacionado, é de extrema importância pautarmos e trazer à tona para o desenvolvimento do trabalho algumas questões referentes ao delito, ao indivíduo e ao ambiente, sobre os quais tratam as Teorias de Prevenção Criminal Situacional, calcadas na conjectura da seletividade do crime, onde se verifica que o crime é “uma opção reflexiva, calculada, oportunista, que pondera os custos, riscos e benefícios em função sempre de uma oportunidade ou situação concreta” (MOLINA, 2008).

2.1 Teoria das atividades de rotina

Tratemos da Teoria das Atividades de Rotina, a qual está diretamente adstrita às características do crime, tendo por base os escritos de Cohen e Felson (1979), sustentam que existem suprimentos permanentes, amplos, constantes e firmes na motivação para o crime e no provável delinquente. Nesta linha existiriam três componentes essenciais para ocorrência de delitos objetivando o patrimônio, sejam eles o provável delinquente, um alvo apropriado e a ausência de um guardião efetivo. Essa teoria considera ainda, pelos autores citados, que o aumento da taxa de criminalidade está relacionado à quantidade e variação dos alvos convenientes, além de guardiões efetivos. Levando em conta também como fatores preponderantes, os padrões de trabalho, moradia, lazer, a forma de vida na sociedade moderna, o tempo e o lugar em que os possíveis infratores (motivados) estivessem, de tal forma que estes alinhamentos afetam diretamente a disposição das possibilidades da ocorrência do crime.

2.2 Teoria da opção racional

Relacionemos ao estudo também as questões referentes à Teoria da Opção Racional, e os estudos produzidos por Cornish e Clarke (1986), que se utilizam de conceitos da Escola Clássica (Teorias das Relações Humanas e a Escola Positivista), e da Escola Sociológica para nos demonstrar que o comportamento delitivo está relacionado ao esforço para produzir o delito, à vontade e à busca de benefícios e de recompensas pelo delinquente, adotando um comportamento que avalie o “custo-benefício” da ação e que evite danos a si, quando do cometimento. Onde o agente do delito analisa as oportunidades e potenciais riscos à ação.

2.3 Teoria do padrão criminal

A respeito das teorias também é importante lembrar a hipótese de que o crime não é um evento aleatório e que todos os indivíduos no seu dia-a-dia, por vários os motivos, se movem enquanto realizam suas atividades. Essas atividades, quando realizadas frequentemente pelas necessidades do indivíduo, criam um modelo de deslocamento das pessoas em um espaço geográfico que será rastreado por outros que praticam atos criminosos e procuram um determinado alvo ou vítima de acordo com seu objetivo, assim, Boba (2005) sucintamente explica que eventos criminosos geralmente ocorrem em áreas onde o espaço de ação dos criminosos se suplanta ao espaço de atividades dos alvos ou vítimas. Desta forma, analisando o número de alvos ou vítimas e a ocorrência de crimes, seria possível construir um padrão criminal que mostra um agrupamento geográfico com a distribuição temporal e espacial das vítimas, alvos e ofensores.

2.4 Teoria da criminologia ambiental

Notemos o que escrevem Brantingham & Brantingham (1991), Verma e Lodha (2002) sobre a Teoria da Criminologia Ambiental quando analisam o fenômeno da criminalidade e seus padrões, pois atribuem o acontecimento do delito ao levarem em conta os aspectos do espaço urbano e sua urbanização, conglomerados, construções, ruas, iluminação, os movimentos diários das pessoas e o impacto dessas variáveis nas ações e percepções de possíveis criminosos e vítimas, tratando de modelos (chavão) de insegurança, lugares propícios ao acontecimento ou sofrimento de delitos, tais como “beco sem saída”, “lugares escuros”, “ruas desertas”. São estes locais, que apresentam alta concentração de oportunidades para a

ocorrência de crimes, por fornecerem alvos fáceis e compensadores, ou por apresentarem dificuldades de ordem técnica ou física para a implementação de mecanismos eficientes de controle social e vigilância. Por essa análise a criminalidade é observada em cinco perspectivas, o espaço urbano; o espaço temporal; a norma penal aplicável; o delinquente (infrator) e pela vítima (alvo). Desta forma, a teoria possui, conforme o descrito, uma natureza multidimensional do crime, pois necessita da convergência das perspectivas para a sua ocorrência.

2.5 Anatomia do indivíduo

Destaque-se ainda que, sobre o indivíduo e as questões da anatomia da violência, o psiquiatra britânico Adrian Raine, da Universidade da Pensilvânia, dedicou mais de 30 anos tentando entender o cérebro dos criminosos, realizando tomografias cerebrais em homicidas, nas prisões norte-americanas, ainda nos anos 80. Na obra, *A Anatomia da Violência: As Raízes Biológicas da Criminalidade* (2015), sugere que a propensão à violência ocorre pela soma de alterações nas funções cerebrais causadas pela genética (a amígdala dos psicopatas seria até 18% menor do que o normal) e pelo ambiente (como mães que fumam durante a gravidez e má alimentação nos primeiros anos de vida). O autor e outros neurocientistas chegaram a resultados semelhantes sobre a relação, a partir de pesquisas incipientes as quais já mostravam que os cérebros dos homicidas tinham uma redução significativa no córtex pré-frontal comparadas com aos demais participantes do estudo, demonstrando uma propensão maior a comportamentos violentos quando comprovada essa redução. Dizer que o cérebro é um dos responsáveis pela propensão à violência pode parecer simples hoje, mas durante anos despertou muitos questionamentos, a partir de tomografias cerebrais em homicidas em prisões americanas, ainda nos anos 80. Defende o autor que mães com má nutrição, que bebem ou fumam durante a gestação têm o dobro de chances de gerar um filho violento. Nos estudos realizados se demonstrou que, possibilitando uma melhora na alimentação e que não existisse a exposição ao álcool e ao cigarro entre outras drogas às crianças de três a cinco anos, ao atingirem 23 anos, a criminalidade foi reduzida em 34%. “Claro que não estamos solucionando a criminalidade, mas é possível reduzi-la”, descreve Raine (2015). Para o pesquisador, os estudos têm demonstrado que é possível reduzir a criminalidade com o estímulo as atividades físicas e melhor alimentação (a ingestão de ômega 3 é destacada por ele como essencial) para as mães grávidas e aos seus filhos nos primeiros anos de vida.

A respeito do crime, nesta perspectiva do ambiente e do indivíduo, as questões relativas à vulnerabilidade e a proximidade dos indivíduos, constituídos por valores externos,

quando das oportunidades para a ocorrência de um delito, devemos considerar a análise das circunstâncias relativas às características das prováveis vítimas, constituídas pelos referenciais da idade, da etnia, do gênero, da saúde física, da saúde mental, tudo à mercê do medo, do espaço público e sua ocupação. Nesse diapasão, está Cusson (2011, p. 188) que alude “medo do crime, vitimação e criminalidade...”. No centro deste processo em espiral, encontra-se o sentimento de insegurança” – é este contexto descritivo e de compreensão do trabalho que levará à conclusão e validação do estudo.

3. Contexto da pesquisa

O trabalho foi estruturado no desígnio de conhecer e reconhecer o cenário vigente na cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, aliado às questões difundidas pela mídia acerca dos assuntos relativos à segurança pública. Em virtude da aproximação do pesquisador com a cidade e os integrantes daquela sociedade, de modo que “a escolha do assunto exige frequentemente orientação de caráter pessoal (análise das próprias possibilidades e limitações)” (SALOMON, 2001, p. 196), alicerça ideias que são motivo de preocupações diárias para todos os gestores públicos, principalmente os da segurança pública, quais sejam, violência e criminalidade, aliando o estudo à prática profissional do pesquisador, assim como sugere Köche (1997, p. 128), que “o pesquisador deve propor temas que estejam ao alcance da sua capacidade ou do seu nível de conhecimento”.

Também houve o propósito de perceber e entender o sentimento da comunidade a ser pesquisada, analisada, observada, além de registrar e correlacionar os aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos humanos ou naturais, sem manipulá-los, sem interferência do pesquisador, que apenas “procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e características.” (CERVO; BERVIAN, 1983, p. 55). Será obtida uma resposta acerca da diferença entre o que a comunidade como um todo *sente* sobre o crime e de fato quais e quantos crimes são *registrados* nos órgãos policiais. Tentar-se-á, assim, estudar esta lacuna que normalmente permanece sem resposta ou fica à mercê de explicações empíricas, ou até mesmo infundadas e, quase sempre, sem fundamentações teóricas e explicativas, em termos da realidade da criminalidade, do quanto em números; de onde; do porquê; de que forma; em que circunstâncias, entre outros fatores. Isso frequentemente conduz a uma opinião pública equivocada e a uma premissa falsa e amiúde com consequências catastróficas. Por isso, pesquisa é, conforme Rauen (2002), o “esforço dirigido para aquisição de um determinado

conhecimento, que propicia a solução de problemas teóricos, práticos e/ou operativos mesmo quando situados no contexto do dia-a-dia do homem”.

Na construção do conhecimento relativo ao trabalho ora apresentado, lembremo-nos o que descreve Gil (2008, p. 02) quando define ciência mediante a identificação de suas características essenciais, que pode ser caracterizada como uma forma de conhecimento objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível.

Esse conhecimento, acima referenciado, conforme ensina Ghedin (2002), “é sempre uma relação que se estabelece entre a prática e as nossas interpretações da mesma; é a isso que chamamos de teoria, isto é, um modo de ver e interpretar nosso modo de agir no mundo”. Neste sentido, esta pesquisa é esclarecedora, uma vez que trará à tona várias facetas ocultas das diferenciações entre o que ocorre e o que se pensa que ocorre, alicerçada no estudo científico, apoiado no que ensina Ruiz (1991, pág. 48) “a pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”.

Também é importante relatar o que escreve Cervo (1983, pág. 50), “pesquisa é uma atividade voltada para a solução de problemas, através do emprego de processos científicos”. E nesse diapasão é que se propõe o estudo do tema, alcançando os objetivos e validando o trabalho realizado.

Partindo das premissas expostas na introdução e na contextualização inicial da pesquisa até aqui apresentada, chega-se ao entendimento e à exposição do problema de pesquisa:

Necessitamos também delimitar o tema, e neste estudo, como ensina Gil (2008), delimitar significa indicar a abrangência do estudo de forma espacial e temporal, é estabelecer a extensão e compreensão do assunto, bem como o que nos mostra Rudio (1980) no “campo de observação”, ou seja, a população a ser estudada. Assim, está direcionado à cidade de Santa Cruz do Sul e ao sentimento da comunidade quanto à *sensação de medo* (imaginário coletivo) em relação ao quantitativo registrado de ocorrências policiais referentes aos crimes contra pessoa e contra o patrimônio, nos seguintes tipos: furto simples; furto qualificado; roubo a pessoa; roubo de veículo e crime de homicídio, relativos ao ano de 2016 e do primeiro semestre de 2017.

Salienta-se que os crimes escolhidos para análise se justificam em razão do emprego de violência ou grave ameaça contra a pessoa, explícita nas ocorrências quando do seu episódio. Também foi escolhido o furto qualificado em razão de neste estarem contidos, em regra, os crimes relacionados ao patrimônio.

A partir da formulação do problema apresentado, com a ajuda de instrumento de pesquisa e apoiado pelas obras consultadas (literatura), foi efetuada uma revisão bibliográfica e documental que possibilitou um embasamento teórico, além de definir a linha a ser seguida, passando pelas etapas utilizadas na investigação em face da necessidade proposta de comparação, pois, conforme ensina Durkheim (1997, p. 20), “só se explica comparando”. Neste contexto, conforme o autor, não se deve ignorar o real parentesco das coisas e sua respectiva natureza, já que só se explica comparando. Assim, uma investigação científica só pode atingir seu objetivo se referir-se a fatos comparáveis, tendo mais probabilidade de êxito, quando reúne aqueles que podem ser utilmente comparados, pois é interpretada a relação do que ocorre e do que se sente, em termos de crime, até a explanação dos resultados e sugestões obtidas. A metodologia fornece um caráter científico e de credibilidade à pesquisa desenvolvida.

Decorrente da ideia da comparação dos dados das ocorrências e do sentimento, como descrevem Alves e Sahr (2015) sobre o assunto, nos mostram que todas as descrições e explicações em linguagem são comparativas, não importam a singularidade, individualidade ou idiossincrasia. Por isso, toda a análise comparativa passa a oferecer significância à descrição e explicação de semelhanças e diferenças de condições aos resultados entre as unidades sociais de grande escala, como regiões, nações, sociedades e culturas. Refere ainda que “A regra principal é fazer várias medidas para a mesma coisa, sistematizando o contexto de comparações tanto no que diz respeito à seleção de índices comparativos (medições), quanto à explicação comparativa das semelhanças e diferenças”.

Ainda como método, o estudo busca a análise de conteúdo tal como propôs Bardin (1979), sendo subdividida em pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

II – MÉTODO

O desenvolvimento desta pesquisa, voltada para as ciências policiais, tal qual leciona Valente (2014), pois como ciência, seja em forma, método e objetivo científico, nas visões histórica, sociológica, matemática, econômica, filosófica, política e jurídica, amparada na legitimidade, na validade, na vigência e na efetividade, busca em seu âmago a construção do “saber saber”, do “saber pensar”, do “saber fazer”, do “saber interrogar-se”, tudo sobre polícia, voltado para a construção do conhecimento da ação policial de qualidade e de excelência. Não seria diferente, pois como diz Pietrobon (2006) enfrenta percalços e dificuldades que todas possuem.

Assim sendo, é “uma atividade humana, honesta, cujo propósito é descobrir respostas para as indagações ou questões significativas que são propostas”, conforme Ferrari (1982, p. 167), está metodologicamente estruturado e sistematizado “... utilizando para isto método próprio e técnicas específicas” (RUDIO, 1980, p. 9). Está fundamentado em dados da cidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, de conhecimentos teóricos colhidos e desenvolvidos à luz do tema na literatura especializada e baseado em um referencial metodológico que permite alcançar os objetivos do estudo. Este referencial é a bússola que norteia a pesquisa, sendo esta “a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagrados pela ciência.” (RUIZ, 1991, pág. 48).

Amparado em Silva & Menezes (2001) para explicar que pesquisa, se trata do desenvolvimento de um conjunto de ações, propostas com o firme objetivo para encontrar solução para algum problema, e têm por base procedimentos racionais e sistemáticos. Discriminando ainda que “A pesquisa é realizada quando se tem um problema e não se tem informações para solucioná-lo”.

A natureza do objeto de estudo e análise direciona-se, de forma aplicada, a verificar a criminalidade registrada na cidade e de que forma se relaciona com o sentimento das pessoas, avaliado por meio de inquérito por questionário, visando produzir conhecimentos para a solução de problemas específicos de ocorrências de crimes e a sensação de acontecimentos dos mesmos, atendendo às necessidades para a produção de sensação de segurança para o município e consequente diminuição da *sensação de medo*.

Como abordagem, este trabalho mesclará as questões quantitativa (numéricas) e qualitativas. Será quantitativa no que diz respeito aos dados de ocorrências registradas na cidade de Santa Cruz do Sul, visando compreender as suas nuances e situações, pois, segundo Gil (2008), a pesquisa quantitativa, por considerar que tudo pode ser quantificável, significa

traduzir, em números, opiniões e informações, para classificá-las e analisá-las por meio de recursos e técnicas estatísticas simples ou complexas, visto ter sido aplicada aleatoriamente ao público da cidade, amparado por Peixoto (2012, p. 68), como pesquisa quantitativa, constituindo uma amostra da população. Será qualitativa, pois, por meio de um recorte fidedigno da população em estudo possibilita produzir informações aprofundadas e ilustrativas por intermédio da amostra: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações, ou seja, o que “importa é a qualidade e a diversidade, mas não necessariamente a quantidade. Para nós, a qualidade, credibilidade, confiabilidade, proximidade e profundidade, que permita produzir uma imagem coerente do fenômeno pesquisado” (POUPART et al., 1991, p. 305). Pessoas que representam a comunidade de forma geral e o entendimento de suas representações e significações são o alvo da pesquisa em inquérito por questionário, que traduz, em tese, a ideia de representação de conceitos e sentimentos como amostra representativa da população estudada.

Com o intuito de confrontar os índices criminais registrados e a percepção das pessoas sobre os delitos, busca, por meio de investigação das percepções pessoais e a ligação destas com os crimes, entender e compreender a ideia da *sensação de medo* em face do que se pensa em relação aos crimes registrados na cidade, trabalhando nos dados e seus significados, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto, como escreve Minayo (1997) em virtude de que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

Desta forma aglutina-se em um estudo quanti-qualitativo, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34), serão utilizados, no presente trabalho, ambos os métodos citados, em conjugação de ideias, uma vez que, para Minayo (1997, p 23), “os métodos qualitativos e quantitativos podem ser usados conjuntamente, conforme as exigências da situação investigada”. Assim, na conjugação de esforços, buscou-se, a partir dos dois tipos de pesquisa, a explicação do *porquê* e a compreensão de *como* ocorrem estes fenômenos estudados (para ambos, tanto em ocorrências quanto em sentimentos).

A pesquisa desenvolvida seguiu a classificação apresentada por Vergara (2003), considerando os aspectos relacionados aos fins e aos meios, classificada como exploratória e descritiva, conforme o autor, uma pesquisa exploratória é aquela realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado. Seguindo, Silva & Menezes (2001) complementam que as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de

proporcionar uma visão geral de um determinado fato. É descritiva ao exigir do investigador uma série de dados e informações a respeito do que se deseja pesquisar, ao pretender descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade da cidade e ao propor estudar o nível da percepção e do sentimento dos índices de criminalidade registrados (GIL, 2008, p. 28).

Com o objetivo de conhecer e reconhecer a criminalidade de Santa Cruz do Sul, de forma exploratória e descritiva, procurou-se, neste trabalho, a partir dos índices dos crimes registrados para a cidade, efetuados pela população nas Polícias (Militar e Civil), realizar a exploração e a sistematização em tabelas e gráficos para análise destes dados oficiais, e após, a partir da aplicação de inquérito por questionário ao público selecionado, identificar e quantificar os dados sobre a percepção da criminalidade dos respondentes, operacionalizando a análise e interpretação dos mesmos e efetuando o cruzamento destas informações para atingir os objetivos propostos, além de responder as perguntas de pesquisas previstas.

É justamente a ideia de se partir de um ponto geral e estruturar-se num ponto específico, com método a partir da matemática e de suas regras de evidência, análise, síntese e enumeração, para produzir, de acordo com a lógica aristotélica, o subsídio, para fundamentar os objetivos e solucionar o problema de pesquisa.

Para se chegar às respostas as perguntas de pesquisa formuladas, precisou-se, no presente trabalho, entender conceitos acerca de termos específicos utilizados na tarefa, como a ideia de identificação e reconhecimento de situações práticas (crimes registrados para o município), os quais só foram constatados, após a realização de uma pesquisa bibliográfica, que é o início de todas as pesquisas, pois é necessário ter um conhecimento prévio do estágio em que se encontra o assunto (LEITE, 2001). É também documental, no momento em que foram analisados dados que não receberam tratamento analítico. Além disso, foi efetuado levantamento por meio da aplicação de inquérito por questionário, para verificar e quantificar as respostas sobre o sentimento de cidadãos da cidade de Santa Cruz do Sul.

Também Salomon (2001, p. 306) destaca a importância da revisão da literatura e mostra que o pesquisador “as consultou”. Constitui ainda como o fim principal do uso da bibliografia, o objetivo de pôr-nos em contato com tudo o que se tem feito em torno do assunto de que vamos tratar. “Se omitirmos o devido esforço nessa pesquisa pode ruir por terra todo o nosso trabalho”.

A análise de dados e sua interpretação, embora conceitualmente distintas, aparecem estritamente relacionadas na organização dos dados e na possibilidade do fornecimento das respostas, que propiciaram e proporcionaram a interpretação de acordo com o plano de pesquisa. Seguiram-se a estruturação e o estabelecimento de categorias, descrição, codificação

e tabulação dos dados, consubstanciando a devida análise e avaliando as generalizações obtidas, além das inferências de relações causais a serem produzidas na interpretação, utilizando assim a estatística, para a abordagem quantitativa, e análise de conteúdo, para a abordagem qualitativa, conforme Minayo (1997) e Gil (2008).

1. Caracterização da amostra

Os dados pesquisados têm sua origem na cidade de Santa Cruz do Sul, localizado na região central do Estado Rio Grande do Sul conhecida como Vale do Rio Pardo. Está situado na encosta inferior do nordeste do Estado. Suas coordenadas geográficas são 29°43'59" de Latitude Sul e 52°24'52" de Longitude Oeste. Os limites geográficos são as cidades de Vera Cruz (leste), Rio Pardo (sul), Sinimbu (noroeste), Venâncio Aires (nordeste) e Passo do Sobrado (leste), com acessos pela BR 471 e pela RSC 287. Apresenta altitude média de 122m do nível do mar. Possui área total de 794,49 km², sendo 156,96 km² de área urbana e 637,53 km² de área rural.

A população, estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em aproximadamente 128.887 habitantes, e no decorrer da pesquisa, será estratificada por faixa etária e estará disposta adiante demonstrada em tabela, junto da apresentação e análise dos dados para melhor compreensão.

Com uma taxa de urbanização em 66,2% e com taxa de densidade demográfica de 165,1 hab/km² e expectativa de vida ao nascer em 76,10 anos, o município é a quinta economia do estado e uma das dez maiores cidades do Rio Grande do Sul. Polo mundial da indústria fumageira, tem no tabaco sua principal fonte de receita, emprego e renda. Segundo dados da AFUBRA (Associação dos Fumicultores do Brasil) referentes ao diagnóstico socioeconômico das propriedades produtoras de fumo (fumicultores), de 2014/2015, são 2,6 mil proprietários e 3,4 mil famílias envolvidas com essa cultura, em propriedades com um tamanho médio de 12,7 hectares.

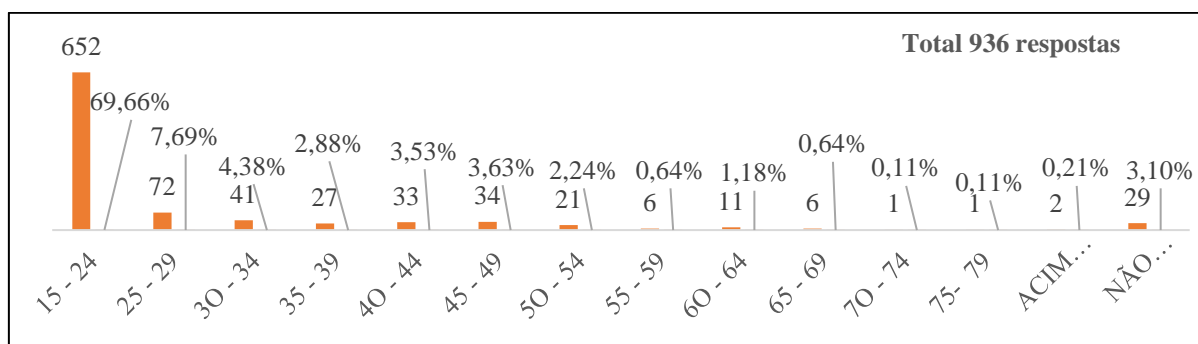
Com atividade industrial e empresarial forte, este polo de referência regional possui mais de 4.500 empresas registradas na Prefeitura Municipal e mais de 600 indústrias fomentando uma infinidade de negócios nos mais diferentes segmentos, como vestuário, estética e cabeleireira, pedreiros e pintores, lancheiras em geral, fabricação de móveis, lojas na área da informática, fotógrafos, transporte escolar, paisagismo, esquadrias de metais, confeitarias, produção musical, mecânicos de automóveis, sonorização, entre outros.

Convém ressaltar que Santa Cruz do Sul, hoje, possui uma das médias mais altas do estado em número de veículos por habitante, com um veículo a cada 1,5 habitante. Segundo dados de janeiro de 2017 do DETRAN/RS (Departamento de Trânsito do Estado do Rio Grande do Sul), a frota é de 86.786 veículos.

Sobre o universo da amostra da pesquisa, convém ressaltar que foi o de amostragem casual simples, considerando-se o universo populacional da cidade, em 128.887 habitantes, de acordo com o IBGE, sendo estes compostos por 62.376 (sessenta e dois mil trezentos e setenta e seis) homens, o que corresponde a um percentual aproximadamente 48% (quarenta e oito por cento) da população e de 65.511 (sessenta e cinco mil quinhentas e onze) mulheres, o que corresponde a um percentual aproximadamente 52% (cinquenta e dois por cento) e a posterior coleta dos dados em relação ao sentimento de 936 participantes da pesquisa, compostos por 411 (quatrocentos e onze) homens, caracterizando um percentual aproximado de 44% (quarenta e quatro por cento) da população e 486 (quatrocentas e oitenta e seis) mulheres, caracterizando um percentual aproximado de 56% (cinquenta e seis por cento) da população constituindo-se uma amostra probabilística, confiável, fidedigna e válida. Considerando ainda a ponderação e a natureza dos itens pesquisados, a coleta dos subsídios de informações ocorreu de forma aleatória, casual, simples, elementar. Foram estabelecidos dias, horários e locais diferenciados na cidade. Desta forma, todos os elementos da população tinham igual probabilidade de pertencer à amostra e todas as possíveis amostras tinham também igual probabilidade de ocorrer. Assim, foi fundamentada em leis estatísticas, conferindo cientificidade à pesquisa (GIL, 2008).

Destaque-se o percentual graficamente demonstrado abaixo referente aos participantes da pesquisa quando responderam à pergunta de identificação no quesito idade. A salientar que a análise desta constituição será feita a posterior junto do respectivo capítulo dos resultados obtidos. E justamente por isso mantém a numeração gráfica da ordem sequencial dos gráficos em análise, constante da lista de gráficos e tabelas discriminada na página nº 9 (nove) do presente trabalho.

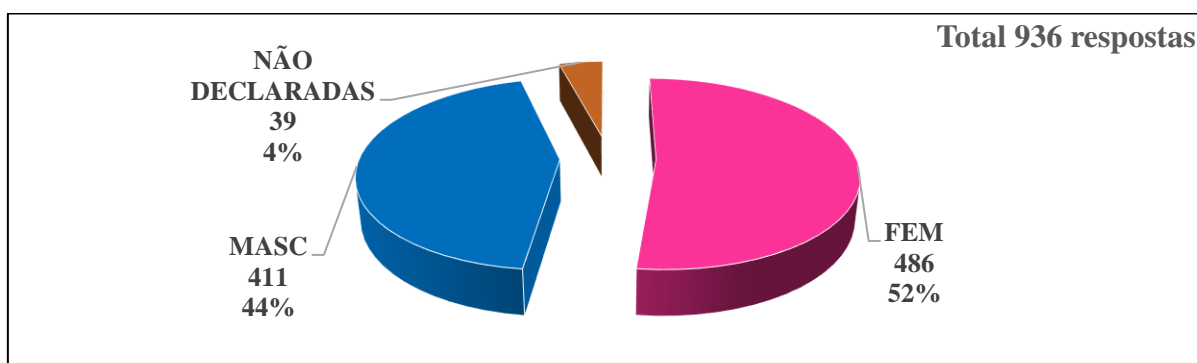
Gráfico 1 – Idade



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Neste ponto, ao analisar as respostas da composição das faixas etárias do público respondente, contidas no gráfico de nº 1: Idade, já apresentado na caracterização da amostra, verifica-se um percentual equilibrado entre as idades das respostas em relação às faixas populacionais da cidade, conforme será demonstrado na Tabela nº 1 do presente trabalho, o que dá uma ideia geral de gerações, em relação ao assunto da pesquisa (sensação de medo), haja visto a experiência individual, o tempo de vida, os conflitos, amizades e suas relações pessoais das circunstâncias da vida cotidiana, sendo uma amostra representativa de cada faixa etária.

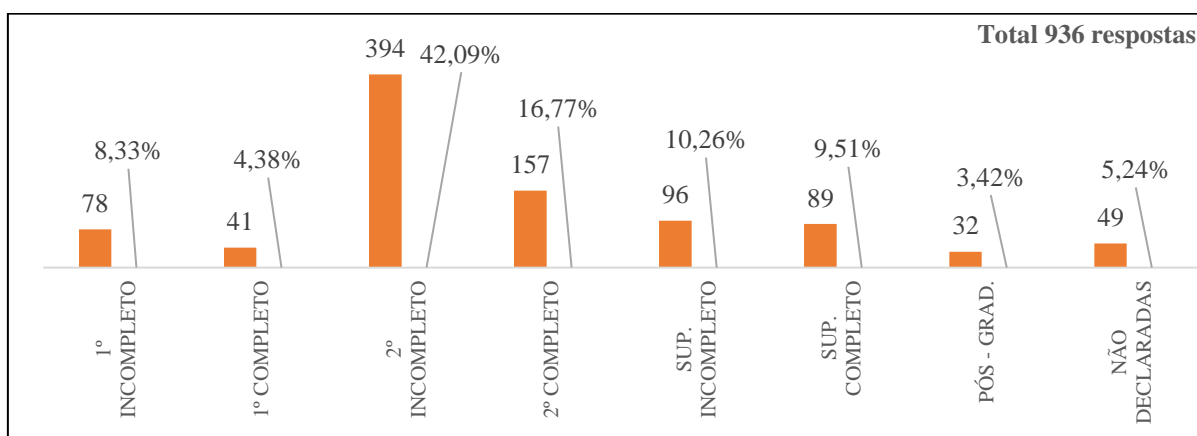
Gráfico 2 – Sexo



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Quanto ao público respondente, em análise preliminar, é possível afirmar que se tem uma amostra significativa e equilibrada de ambos os sexos, e também de acordo com as representatividades da demonstração contida na Tabela nº 01 do presente trabalho, quanto ao sexo dos integrantes da cidade, visto a ligeira superioridade da existência de mulheres sobre homens, principalmente a partir das faixas etárias dos participantes da pesquisa, o que dará uma ideia do pensamento da *sensação de medo* em relação ao tema de pesquisa.

Gráfico 3 – Escolaridade



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Em relação ao grau de estudo do público respondente, pode-se afirmar que aproximadamente 25% (vinte e cinco por cento) possuem a frequência do ensino superior e mais de 80% (oitenta por cento) do público respondente possui, no mínimo, a formação de 1º Grau Completo. Em tese, todos estes conhecimentos estão calcados para a educação básica do cidadão, conforme as previsões do Ministério da Educação e Cultura, previstas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Nos dias de hoje, teoricamente, em termos de cultura geral, é uma percepção mais apurada e eclética, em razão dos conhecimentos adquiridos individualmente nos bancos escolares, em análise das questões gerais do tema proposto pelo presente trabalho.

2. Instrumentos

Para organizar o estudo, foi construído um inquérito por questionário, considerado um “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” conforme Lakatos e Marconi (2003, p.100), e foram estabelecidas questões e relações acerca da identificação, da visão, do entendimento e da percepção de cada um dos entrevistados sobre polícia, segurança, crime, criminalidade e as relações entre eles e utilizado para buscar dados junto ao público de Santa Cruz do Sul, com o objetivo de mapear, localizar e principalmente compreender o sentimento dos indivíduos.

O inquérito por questionário foi dividido em cinco blocos estruturais: “Dados gerais de identificação”, em que os participantes informaram idade, escolaridade, pertencimento a entidades, cargos etc.; “Afirmativas sobre a segurança e o crime na cidade em relação a mais ou menos gravoso ou incidente”, em que o participante deveria responder em valores correspondentes a uma escala de 1 a 5 (um a cinco), sendo estes relacionados em ordem sequencial (concordo totalmente, concordo, neutro, discordo e discordo totalmente), dados estes calcados na valoração da escala atitudinal de Likert, na qual, segundo Mattar (2001), a simplicidade de construção e o uso de afirmações, que não estão explicitamente ligadas à atitude estudada, permitem a inclusão de qualquer item que se verifique, empiricamente, sendo coerente com o resultado final e, ainda, a amplitude de respostas permitidas, pois apresentam 5 (cinco) informações mais precisas da opinião do respondente em relação a cada afirmação; a seguir, um bloco de “Perguntas diretas e objetivas de escolha a respeito do sentimento em relação ao serviço policial na cidade e o tratamento dispensado pelos policiais quando em atividade de polícia”; posterior, um bloco de “Perguntas diretas e objetivas com opções de respostas no tocante ao sofrimento individual no crime, medo, bairros violentos, local da cidade

e sentimento de segurança”, e por fim, “críticas e sugestões” com a pergunta direta e aberta: “O que tornaria a cidade de Santa Cruz do Sul mais segura?”.

3. Procedimento

Em um primeiro momento foram coletados dados estatísticos disponíveis no *site* da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, na forma em que estão disponíveis no site: <http://www.ssp.rs.gov.br/estatisticas>, relativos às ocorrências (crimes) definidas como objeto de estudo do ano de 2016 e do primeiro semestre de 2017. Estes dados foram inseridos no programa de computador – *Microsoft Office/Excel*, versão 2016, para então chegar aos resultados.

A tipologia de crimes estudada respeita a definição dos delitos contra e contra o patrimônio, que a seguir serão especificados:

- Crimes de furto simples que tem sua significação com o ato de recolher, pegar” objetos de outros, em casa ou na rua, em veículos, bolsas, carteiras entre outros, furtivamente, sem o conhecimento e a autorização, caracterizado pela não-violência.

- Crimes de furto qualificado que tem sua significação com o ato de recolher, “pegar” objetos de outros, em casas ou na rua, em veículos, ou o próprio veículo, bolsas, carteiras entre outro, sem o conhecimento e a autorização, caracterizado pela não-violência, a salientar que o ocorrido se dá pela destreza (chave falsa ou arrombamento; uso de objetos; arrombamento de casas sem violência contra o morador).

- Crimes de roubo a pessoas que tem sua significação com o ato de levar, “pegar” objetos de outras pessoas com o emprego de violência, e/ou grave ameaça, com o uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa.

- Crimes de roubo a veículo que tem sua significação levar, “pegar” veículo de outros com emprego de violência, e/ou grave ameaça, com o uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa, dentro do carro ou nas imediações para levar o carro.

- Crimes de homicídio que tem seu significado no ato ou efeito de matar alguém.

Em um segundo momento para a busca do sentimento e comparação futura dos dados foi aplicado o inquérito por questionário para então chegar-se aos resultados constantes atingimento dos objetivos e consubstanciar as respostas do problema de pesquisa.

Para aplicação da pesquisa, foi constituído pelo pesquisador um grupo de pessoas, em número de 3 (três), todas com roupas civis, costumeiramente utilizadas na cidade, utilizando um crachá, com identificação de “pesquisador”, que ao mesmo tempo em dias e horários

alternados, instalaram pequenas mesas para apoio descritivo, quando necessário, no centro e em bairros/vilas da cidade, onde aplicavam o inquérito por questionário nas pessoas que aquiescessem a participar da pesquisa, possibilitando ainda que os mesmos preenchessem manualmente as respostas, ou se preferissem, eram perguntadas verbalmente sobre as questões contidas no instrumento de pesquisa. Ainda no intuito de possibilitar que todos (população) tivessem igual chance de responder, foram os locais escolhidos de acordo com as rotas de passagens, fluxo de pessoas e locais que costumeiramente existem aglomeração de pessoas, tais como os parques da cidade, centros comerciais e praças públicas (centro e bairros), além dos eventos em geral. Desta forma e com o universo pesquisado, visando atingir um percentual confiável para a análise do tema e de acordo com a proposta do estudo. Como fim qualificador, no intuito de atingir uma representatividade significativa da população, esta ação de aplicação do questionário buscou atingir na comunidade em geral, os presidentes, representantes e associados de associações comunitárias, da Associação Comercial e Industrial, do Sindicato de Lojistas, dos diretores de escolas particulares, municipais e estaduais e das universidades, além de uma parcela de alunos de cada centro de ensino pesquisado do município, para ao final qualificá-los e identificá-los a partir de suas respostas em razão da significância.

Foi construída uma planilha de dados para a inserção no programa de computador – *Microsoft Office/Excel*, versão 2016, para então chegar aos resultados, no que se refere ao aspecto da criminalidade “sentida” pela comunidade, na qual foram pesquisados aleatoriamente, na cidade, cidadãos, presidentes de associações de bairros, presidentes, diretores e associados da associação comercial e industrial, do sindicato dos lojistas, diretores de escolas particulares, estaduais e municipais, reitores das universidades, bem como os alunos do município de Santa Cruz do Sul.

III – RESULTADOS

Na conjugação de esforços, em face do confronto de dados e percepção, a pesquisa foi estruturada e desenvolvida de acordo com as informações já dispostas sobre a origem, o universo e a natureza da amostra, o método, a abordagem, a fonte, o objetivo e para a análise dos dados.

Assim, a seguir, serão apresentados os dados colhidos: população, índices de ocorrências e tabulação estatística dos questionários aplicados, referentes às situações pesquisadas na cidade de Santa Cruz do Sul, nos meses de junho, julho, agosto e setembro de 2017; as ocorrências especificadas como norte e analisadas no presente trabalho (furto, furto qualificado, roubo, roubo de veículo e homicídio), extraídas da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, da Divisão de Estatísticas, nos tipos e períodos estabelecidos para o estudo (ano 2016 e 1º semestre de 2017), sendo inseridas no trabalho no local adequado para o melhor entendimento, comparação e compreensão dos objetivos propostos; e a tabulação estatística dos questionários aplicados, subdividida de acordo com suas características específicas, a serem analisadas em conceitos e conteúdo, sendo que o questionário e a consequente apresentação tabulada estão subdivididos em blocos estruturais, no total de 5 (cinco).

Primeiramente, serão especificados e analisados alguns dados de identificações gerais dos respondentes, tais como idade, sexo, escolaridade e outros. No bloco seguinte, vêm as afirmações acerca de crimes, situações sobre locais e presença policial. Em continuidade, noutro bloco, encontram-se as perguntas sobre o sentimento dos respondentes em relação a turnos de maior incidência de delitos, sobre a Polícia Militar (Brigada Militar) e o seu efetivo, bem como sobre os aspectos da segurança na cidade. Posteriormente, está o bloco de perguntas diretas objetivas acerca do entendimento de assuntos relativos ao medo, violência, crimes e segurança. Por fim, o último bloco traz críticas e sugestões, com uma pergunta aberta e delineadora do estudo a respeito do sentimento sobre segurança na cidade.

Como o objetivo desta pesquisa é avaliar as ocorrências registradas e confrontá-las com os resultados da interpretação dos questionários, nas nuances aplicadas à realidade diária das pessoas, buscando o real entendimento da violência e da criminalidade na cidade de Santa Cruz do Sul e, por conseguinte, o entendimento da *sensação de medo* em relação ao sentimento das pessoas, buscou-se um universo confiável de participantes. Em tese, aqueles que decidiram colaborar (respondentes do inquérito por questionário) exerceram a representatividade dos interesses comunitários da cidade. Destaque-se que 936 (novecentas e trinta e seis) interessados do universo populacional da cidade aquiesceram em responder ao inquérito por questionário

apresentado, quando suscitados a colaborar com a pesquisa, sendo condensados em um recorte populacional válido e confiável ao estudo.

Ressalta-se que, em um primeiro momento, foram analisadas as respostas de forma simples e direta, acerca do sentimento dos respondentes, a partir das tabelas e dos gráficos dos respectivos blocos do questionário e dos dados coletados. A análise qualificada e a correlação com o referencial teórico foram apresentadas no capítulo “Considerações Finais”.

1. Dados gerais de identificação da população e dos pesquisados

A apresentação dos dados estatísticos resultantes da pesquisa (inquérito por questionário) aplicada na comunidade em geral identificou, de forma qualitativa, os participantes, detalhando suas informações gerais, constituindo um total de 936 (novecentos e trinta e seis) questionários respondidos na rua, em pontos de concentração populacional, ou ainda em locais de grande fluxo ou deslocamento para as adjacências da cidade, conforme proposta de escolha aleatória dos locais a serem pesquisados, no período de estudo compreendido nos meses de junho, julho e agosto de 2017, realizado em todos os dias da semana.

É importante também ressaltar que os dados foram extraídos do inquérito por questionários, tabulados e lançados tal e qual foram gerados nos relatórios do programa de análise quantitativa do Microsoft Office/Excel 2016, onde foram inseridos conforme a denominação de indicação de dados, definidas neste trabalho de pesquisa, como Gráficos, visto o melhor entendimento e a melhor apresentação.

Para melhor compreensão do estudo e possibilidade de elações acerca do público da pesquisa, seu universo de participação e representatividade, também foram coletados dados populacionais dos registros oficiais da Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Estado do Rio Grande do Sul, conforme a tabela 1, referente à caracterização populacional da cidade.

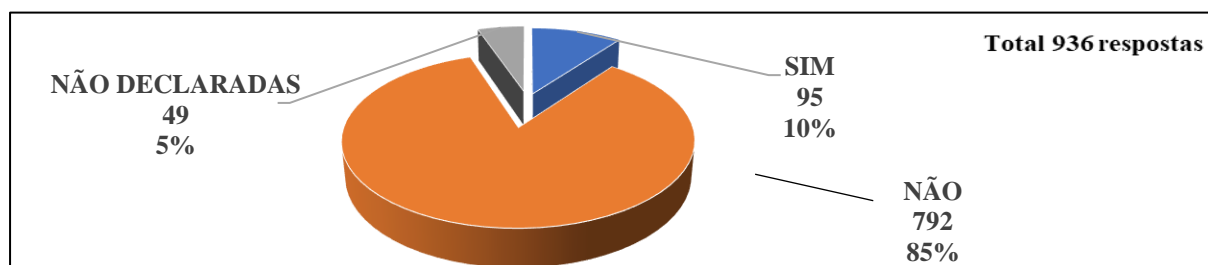
Tabela 1 – População da cidade de Santa Cruz do Sul

Faixa etária	Homens	Mulheres	Total
00 a 04	4121	4052	8173
05 a 09	3759	3409	7168
10 a 14	3896	3889	7785
15 a 19	4798	4657	9455
20 a 24	5140	5154	10294
25 a 29	5398	5404	10802
30 a 34	5538	5665	11203
35 a 39	5062	5083	10145
40 a 44	4472	4466	8938
45 a 49	4103	4602	8705
50 a 54	4233	4551	8784
55 a 59	3731	4024	7755
60 a 64	3014	3524	6538
65 a 69	2172	2757	4929
70 a 74	1308	1956	3264
75 a 79	924	1416	2340
80+	707	1902	2609
Total	62376	66511	128887

Fonte: FEE – Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (Ano-base 2016)

Da exposição acima, verificou-se que as faixas etárias contidas entre 20 (vinte) e 39 (trinta e nove) anos apresentam maior expressividade, representando 32,93% (trinta e dois vírgula noventa e três por cento) da população. O menor contingente populacional verificou-se entre as pessoas com mais de 80 (oitenta) anos. As mulheres foram maioria, representando 51,60% (cinquenta e um vírgula sessenta por cento) da população santa-cruzense. Essa superioridade sobrepôs-se à população masculina a partir dos 20 (vinte) anos.

Gráfico 4 – Pertence à entidade que defende interesses comunitários em Santa Cruz do Sul?

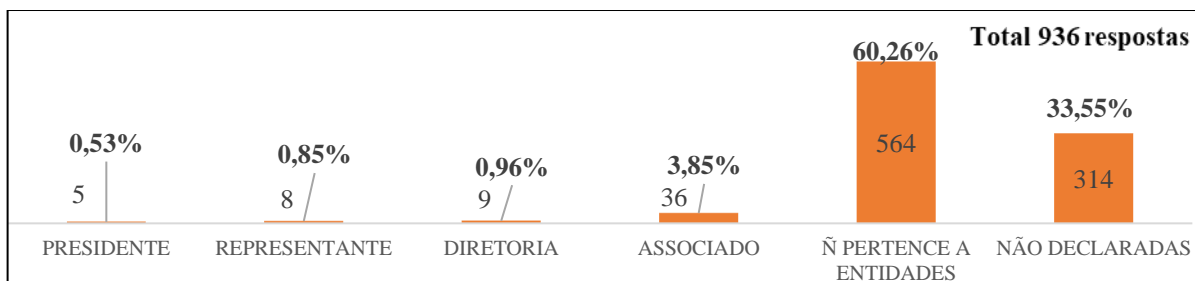


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Ressalta-se, em primeira análise, que, do total de 936 (novecentas e trinta e seis) pessoas pesquisadas, 95 (noventa e cinco) delas – totalizando 10 % (dez por cento) - declaram-se pertencentes a entidades que defendem interesses comunitários em Santa Cruz do Sul, ao passo

que 792 (setecentas e noventa e duas) delas – perfazendo um total majoritário de 85 % (oitenta e cinco por cento) – declaram-se não integrantes e defensoras de interesses comunitários.

Gráfico 5 – É Presidente, Representante, Diretoria, Associado ou não pertence a entidades?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Na esteira da identificação de dados gerais, a análise do presente gráfico mostra que, dos participantes da pesquisa, um total de 60,26% (sessenta vírgula vinte e seis por cento) declaram-se não pertencentes a entidades de representação, ao passo que apenas 6,20% (seis vírgula vinte por cento) declaram-se no campo da efetiva atividade representativa, no seu papel dentro da entidade que dizia representar. Destaca-se, na análise, o número expressivo de 314 (trezentos e quatorze) respondentes, aproximadamente 33% (trinta e três por cento), que não se reconhecem em nenhuma das alternativas dispostas na pesquisa.

2. Registros criminais em Santa Cruz do Sul

Os dados relativos às ocorrências estudadas no presente trabalho (furto, furto qualificado, roubo, roubo de veículo e homicídio) foram extraídos e inseridos na pesquisa tal e qual se encontram na página da internet da Divisão de Estatísticas da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul, onde estão disponíveis para consulta e *download* aos interessados, conforme referência na indicação (fonte) de dados, definida nesta pesquisa, como tabelas e gráficos, descritos na apresentação e no local de análise residual dos crimes estudados e de forma comparativa, no intuito de proporcionar o melhor entendimento ao apresentado, no tamanho e na fonte definidos à apresentação de trabalhos de pesquisas científicas.

Os dados foram dispostos, para observação inicial, em tabelas, distribuídos por tipo de crime, com os respectivos anos (ano e semestre) e acontecimentos estratificados (tipos de crime), bem como os percentuais relativos à totalidade em comparação com o universo total de registros de todos os delitos para a cidade, sem haver neste momento análise primária das tabelas “2” e “3”. Estes dados também foram apresentados, em seguida, em conjunto com os

dados pesquisados nos questionários, no item “3.6” e seus subitens, para facilitar o entendimento e a correlação do estudo, em consonância com a devida análise de dados, visando à melhor compreensão do tema e ao alcance dos objetivos do presente trabalho.

Tabela 2 – Crimes registrados no ano de 2016

Tipo / Quantidade	Homicídios	Furtos	Roubos	Roubo de Veículos	Outros crimes	Total
Nº	28	2.302	460	62	1.065	3.917
Percentual	0,71%	58,77%	11,74%	1,58%	27,19%	100,00%

Fonte: Secretaria de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016.

Tabela 3 – Crimes registrados no 1º semestre do ano de 2017

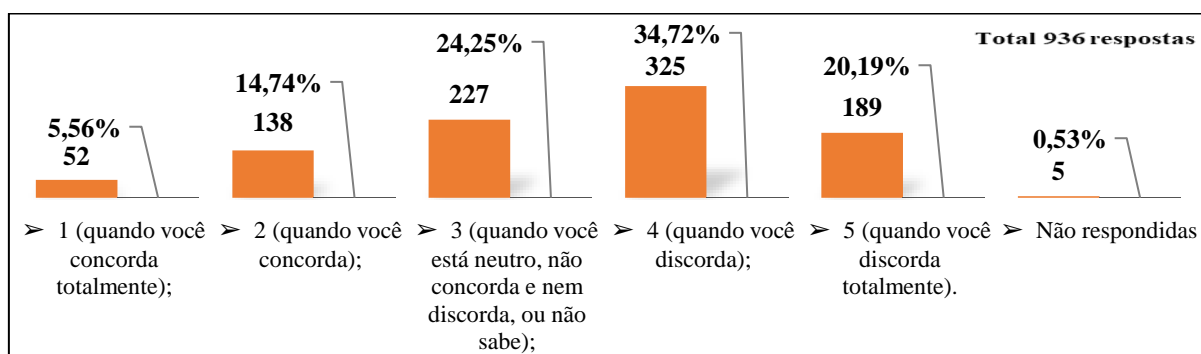
Tipo / Quantidade	Homicídios	Furtos	Roubos	Roubo de Veículos	Outros crimes	Total
Nº	18	1.020	254	24	510	1.826
Percentual	0,99%	55,86%	13,91%	1,31%	27,93%	100,00%

Fonte: Secretaria de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2017.

3. Afirmativas sobre segurança pública / brigada militar / crime

A partir deste item, foram elencadas afirmativas acerca do efetivo da Brigada Militar existente na cidade de Santa Cruz do Sul, da segurança pública na cidade e ainda sobre crimes (já definidos no objeto de estudo), sendo que o respondente deveria expor seus sentimentos e suas percepções em relação aos fatos e às circunstâncias descritas no questionário.

Gráfico 6 – Afirmativa 1: O efetivo da Brigada Militar é suficiente para prover Segurança Pública no Município.

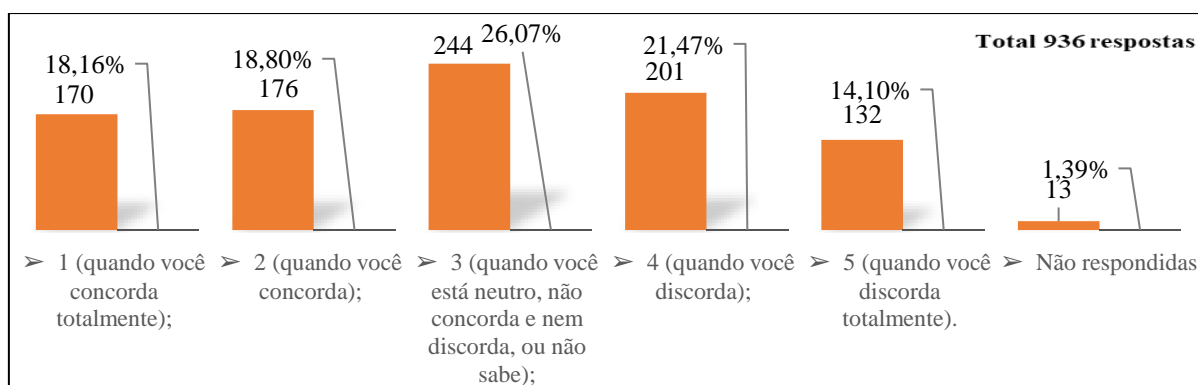


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Inicialmente, foi possível observar que em torno de 54% (cinquenta e quatro por cento) do público respondente acredita que o efetivo da Brigada Militar não é suficiente para propiciar a segurança pública na cidade, devido à conjugação das classes de respostas a partir do

somatório das opções “discorda” e “discorda totalmente”. Agregado ao conjunto de pessoas, em torno de 25% (vinte cinco por cento) não concordam e nem discordam ou não sabem, permanecendo na neutralidade. Em uma análise primária, acredita-se que a falta de policiais prejudica as questões de segurança para a maioria dos entrevistados, traduzindo um universo da representatividade e a importância do serviço policial para a manutenção da segurança pública e agregando-se a ideia do sentimento relacionado ao delito e à presença policial.

Gráfico 7 – Afirmativa 2: Segurança Pública é problema de Polícia.



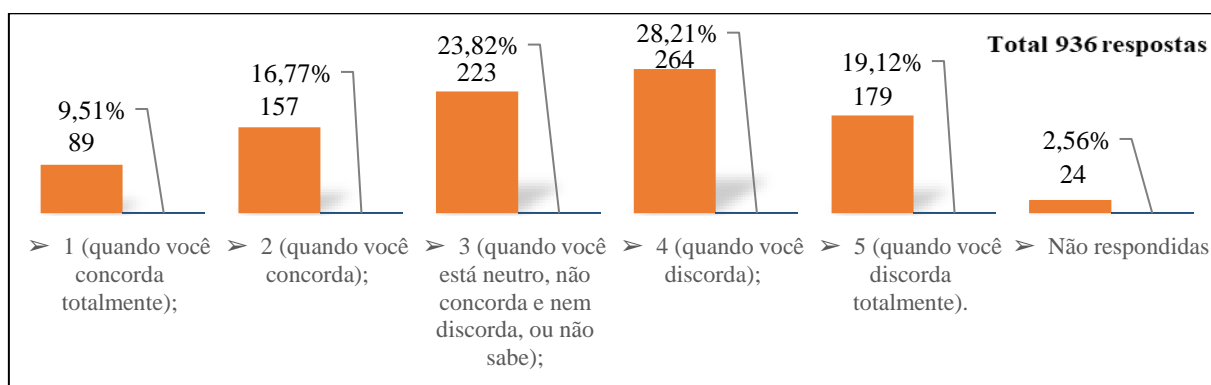
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

O assunto segurança pública é matéria constitucional e está sempre em discussões acadêmicas, políticas ou ainda em conversa entre amigos, em relação às preocupações diárias do cidadão, uma vez que todos os indivíduos, em tese, devem ou deveriam estar preocupados com esta matéria, que também é de sua responsabilidade, conforme o Art. 144, Caput, do texto constitucional: “**dever do Estado e responsabilidade de todos**” (grifo nosso). Isto posto, é possível depreender do gráfico acima que aproximadamente 35 % (trinta e cinco por cento) do público respondente acredita que segurança pública seja “problema de polícia”, mesmo índice aproximado das pessoas que discordam ou discordam totalmente do tema. É necessário levar em conta a circunstância do perguntado, uma vez que a dubiedade no entendimento da resposta, em virtude da possibilidade das significações e as interpretações que possam surgir (principalmente ao ser destacado o verbo “ser”, no caso em questão “**é problema de polícia**” (grifo nosso), em comparação com “**somente problema de polícia**” (grifo nosso), dependendo da análise efetuada ou do viés de pesquisa, pode conduzir equivocadamente a uma interpretação errônea do tema. Segurança pública é *problema de polícia*, pois dela (polícia) se espera o dever de agir em termos legais, mas é, de fato, responsabilidade não só dela e sim da sociedade como um todo, como já referenciado no texto constitucional.

De forma preocupante em relação ao tema, é importante destacar que mais de 25 % (vinte e cinco por cento) das respostas se amparou na neutralidade ou no desconhecimento da

matéria. Entre os fatores de participação em uma sociedade, é imperativo estar presente e atuante nas ações e interações possíveis do indivíduo, em todos os âmbitos de suas relações, principalmente na vida, na sociedade democrática de direito, como máxima da vida diária, não permanecendo alheio ou desconectado das discussões sobre o tema, ou ainda estar despreocupado com as questões de segurança. Essa desconexão ou despreocupação, apesar de todas as informações já dispostas em trabalhos, estudos em relação à atividade e ainda pelo que é divulgado diariamente pela mídia, bem como a análise, se efetuada em comparativo com o nível formação do público respondente, muitas vezes, pode levar o indivíduo a ser vítima de delitos.

Gráfico 8 – Afirmativa 3: Os principais crimes acontecem no centro da cidade.

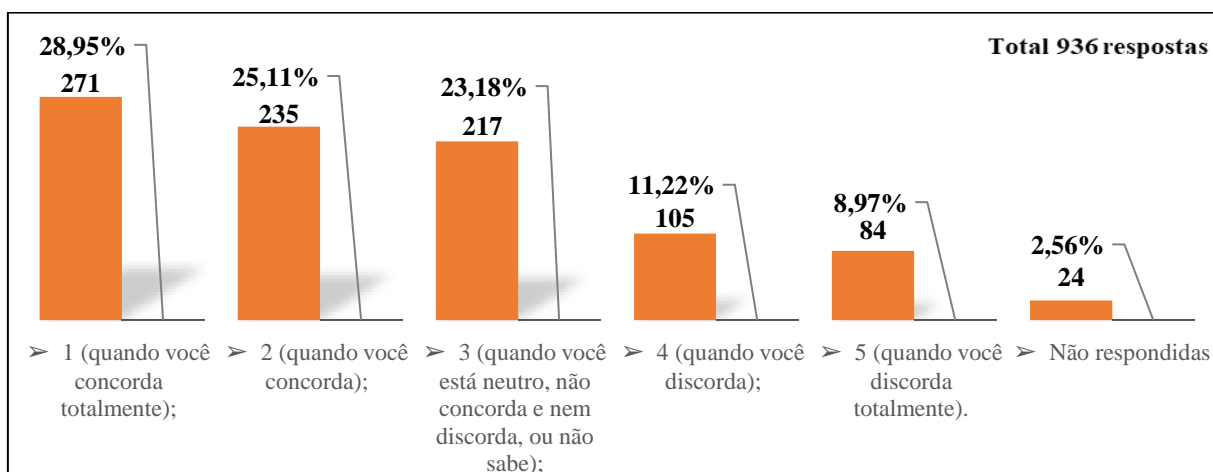


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Qualquer cidade possui um “centro”, aquele que normalmente reúne, seja pelo comércio, seja pelo fluxo na região, ou ainda pessoas que procuram por produtos e serviços. Neste estudo, com base nos dados informados pelos respondentes, pode-se afirmar que o centro da cidade de Santa Cruz do Sul, para aproximadamente 50% (cinquenta por cento), **não** (grifo nosso) é o local onde mais acontecem delitos. Aliados a eles, somam-se em torno de 25 % (vinte cinco por cento) daqueles que não sabem ou não concordam e nem discordam, desmistificando a máxima cultural de que o centro é o local de maior concentração de crimes, devido ao grande fluxo de pessoas, por seus comentários na vida cotidiana e porque circulam na área central da cidade, de forma empírica ou “imaginária”, por ideias próprias ou ainda influenciadas pela mídia, a acreditar que os crimes estão ali, no centro da cidade, massificados.

Foi visível ainda que aproximadamente 25 % (vinte e cinco por cento) das pessoas que responderam ao inquérito por questionário efetivamente acreditam que o centro é o local de maior concentração de crimes.

Gráfico 9 – Afirmativa 9: Acontecem crimes que não são registrados pela Polícia.



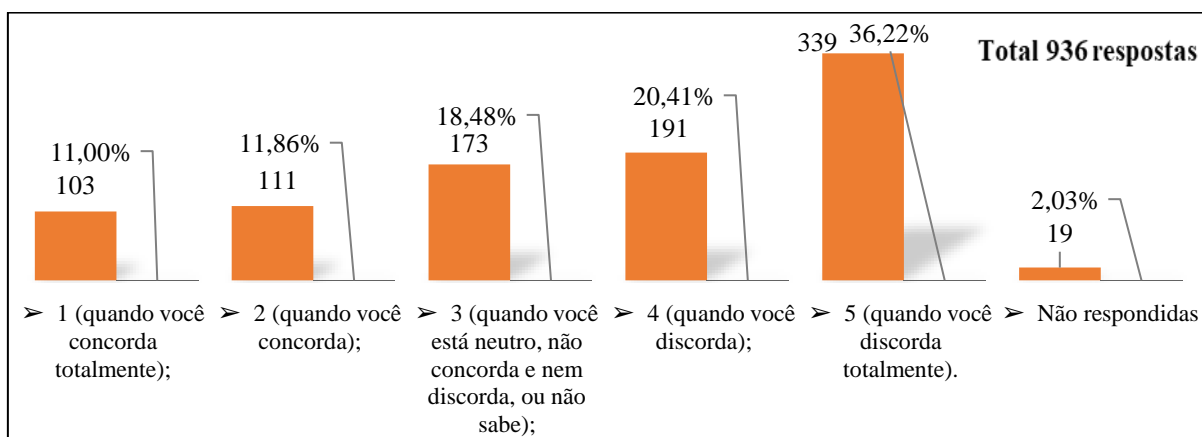
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Ao analisar o gráfico acima, concluiu-se que, em relação à *sensação de medo*, as pessoas acreditam que existem mais crimes do que aqueles que são registrados na polícia, visto que o percentual de mais de 50% (cinquenta por cento), conjugando os respondentes das assertivas “concorda” ou “concorda totalmente”, afirmou que ocorrem mais crimes do que aqueles registrados. Neste ponto, é necessário trazer a lume a lembrança da temida, principalmente pela polícia, falta de registros de fatos criminosos ocorridos, o que tem relação direta com o trabalho (*sensação de medo versus crimes registrados*). Esta diferença, a chamada “cifra negra”, é definida pelo professor Juarez Cirino dos Santos (2006, p. 13) a cifra negra representa a diferença entre aquilo que aparenta acontecer, um “conhecimento oficial dos registros” e o que de fato ocorre, a realidade da criminalidade convencional, é composta por “fatos criminosos não identificados, não denunciados ou não investigados” sejam eles pelo desinteresse da polícia, nos crimes sem vítima, ou por interesse da polícia, ou ainda pela pressão do poder econômico e político relativo ao ocorrido, além de limitações dos órgãos de controle social.

O sentimento e a percepção das pessoas entrevistadas levaram a crer, por motivos diversos e amparado pela bibliografia sobre o tema, lembrando Rolim (2006) em a *Síndrome da Rainha Vermelha*, que as pessoas sofrem delitos e não os registram, seja por medo, seja pelo entendimento da ineficiência da polícia, seja ainda pela insignificância do que as vezes lhe foi subtraído, ou ainda pelo receio de exposição dependendo do delito sofrido.

Circunstâncias do não registro prejudicam a ação policial, especialmente no campo da prevenção e detecção de novos delitos relacionados, que só aumentam o sentimento de medo em face das preocupações diárias.

Gráfico 10 – Afirmativa 10: Não acontecem muitos crimes na cidade.



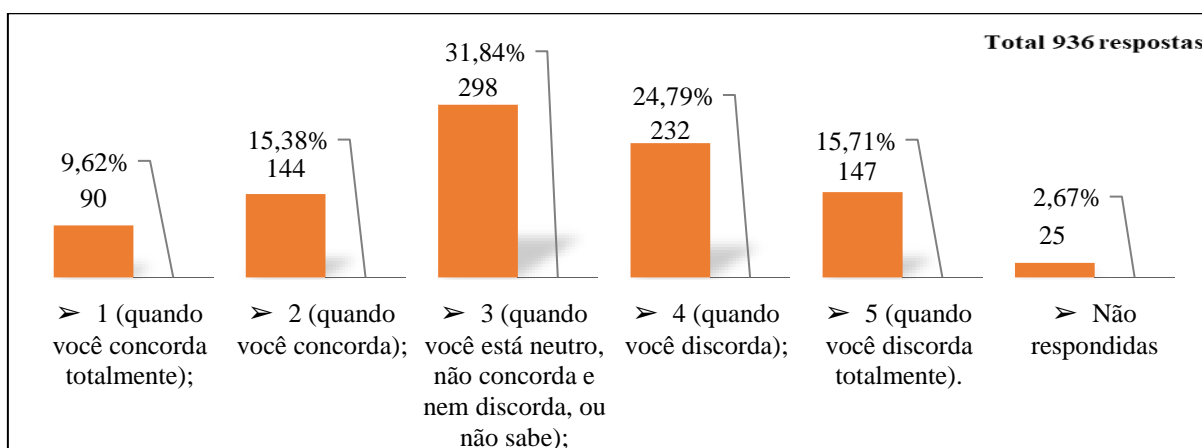
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Ao analisar os dados acima expostos, verificou-se que mais de 55 % (cinquenta e cinco por cento) do grupo respondente discordou ou discordou totalmente da afirmação de que não ocorrem muitos crimes na cidade, acreditando, assim, que muitos crimes acontecem na cidade, como sentimento e imaginário de delitos, em face de suas percepções diárias, muito embora, para 22 % (vinte e dois por cento) dos entrevistados, no universo de representação de significados, não existam tantos crimes na cidade.

Também nesta esteira, os dados referentes aos crimes estudados no presente trabalho, os quais estão apresentados na forma de “gráficos” do quantitativo em números de crimes, foram dispostos logo em seguida, no item “3.6” e em seus subitens, onde serão realizadas as elações acerca deste tema, sendo objeto de estudo em relação ao sentimento.

Ainda, pelo sentimento aqui referenciado, mais uma vez, é necessário exsurgir as situações e circunstâncias dos crimes não registrados e ocorridos, confirmando mais uma vez a *cifra negra*.

Gráfico 11 – Afirmativa 11: Os crimes acontecem mais durante o dia.

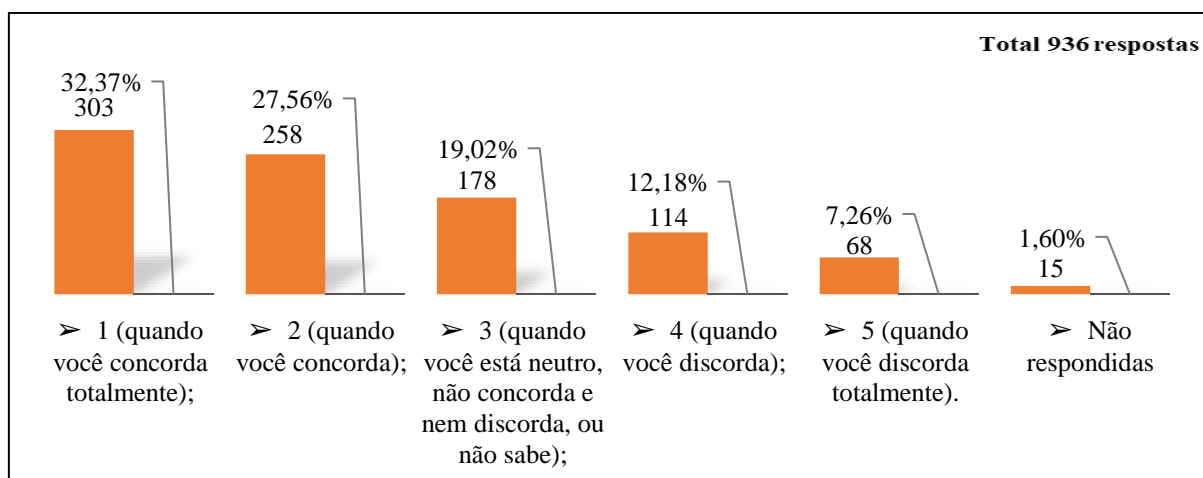


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

No gráfico acima, o que denota a necessidade de maior atenção para análise é a quantidade de respondentes que utilizou de neutralidade para esta afirmação, em face do que tanto se fala no município a respeito de segurança, delitos e suas circunstâncias de acontecimentos, contabilizando aproximadamente 31% (trinta e um por cento). Visto que o fato está na vida e no cotidiano, já que os mesmos respondentes haviam, em respostas anteriores, relatado seus sentimentos acerca de crimes, aqui não estabeleceram escolha entre os crimes para o dia ou noite. Constatou-se, entretanto, que aproximadamente 40 % (quarenta por cento) do público respondente acreditam que a maioria dos crimes acontece no período da noite.

Ainda é importante ressaltar que, em relação à ocorrência dos delitos na cidade, não foi possível correlacionar os seus períodos (dia, noite, tarde, turnos e horários), em virtude de não estarem disponíveis para a coleta, devido à análise dos delitos efetuada pela SSP/RS e consequente disponibilização destes dados. Isso dificultou uma melhor análise, na medida em que se tornaram oficialmente registrados, mas desconhecidos abertamente para comparação com o sentimento.

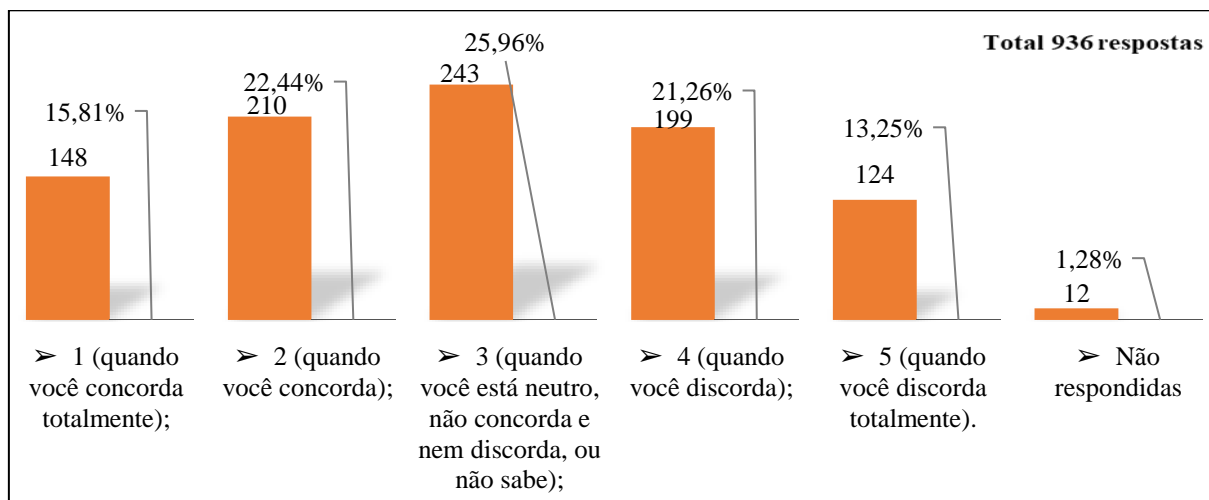
Gráfico 12 – Afirmativa 12: Locais perigosos (escuros e desertos) aumentam a probabilidade de ocorrer um crime.



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Neste gráfico pode-se concluir o que de fato a literatura policial já ensina quanto às questões de crime e que se aproxima e muito das sensações e do medo, uma vez que lugares ermos, escuros e desertos aumentam a probabilidade de ocorrer um crime. Neste caso, aproximadamente 60% (sessenta por cento) do público respondente acredita que, em locais perigosos, aumenta a probabilidade da ocorrência de algum tipo de crime.

Gráfico 13 – Afirmativa 13: O Crime ocorrerá independentemente da presença ou não de Policiais e Viaturas.



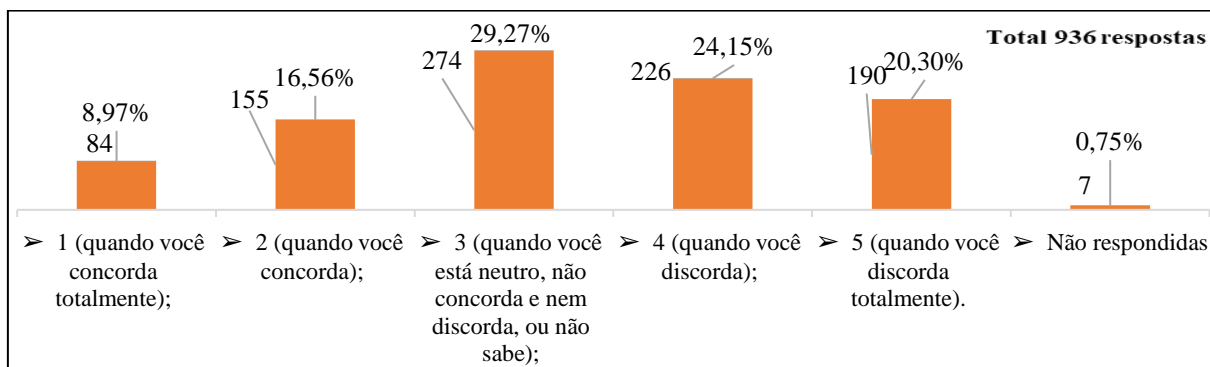
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Da análise deste gráfico, chegou-se à conclusão que o público respondente está dividido em relação à credibilidade da atuação policial, pois cerca de 32 % (trinta e dois por cento) acreditam ainda nas atividades realizadas pela polícia em Santa Cruz do Sul, sentem e percebem a presença da polícia e imaginam que o crime não ocorrerá por este motivo.

A necessidade de se efetuar aqui a relação a respeito da participação de todos no aspecto segurança e o sentimento que envolve a prática dos delitos, tal qual já foram abordadas nas considerações acerca de sua ocorrência em razão do ambiente, do indivíduo, das possibilidades e facilidades, além da possível predisposição, conforme o abordado no primeiro capítulo do presente trabalho.

Porém, também chama a atenção o descrédito nas instituições, a desconfiança em relação à ação policial e ao serviço prestado, ou ainda, de outro prisma, pela audácia, pelo sentimento de impunidade, pelo sentimento de ineficácia da lei ou as suas permissividades, pelo excesso de garantias ou pela morosidade dos julgamentos e comprovações à luz do direito sobre as responsabilidades, haja vista os recentes acontecimentos no cenário brasileiro. Assim, consubstanciou-se um total de 38 % (trinta e oito por cento) dos perguntados, para os quais o crime ocorrerá independentemente da presença ou não da polícia e de viaturas.

Gráfico 14 – Afirmativa 14: Sinto-me seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

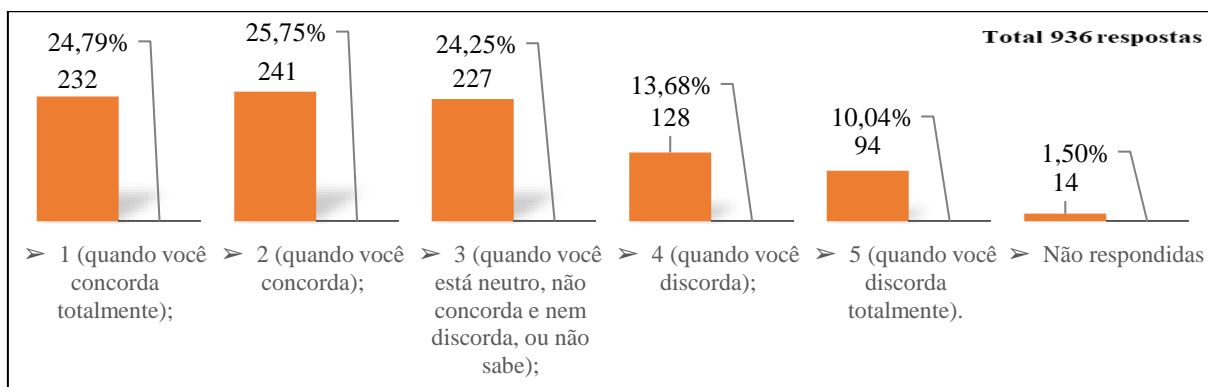
Na análise deste gráfico, pode-se fazer a correlação da *sensação de medo* com o sentimento, os crimes registrados e a efetiva percepção da segurança na cidade, bem como o olhar na prestação de serviço policial em relação à escolha individual do respondente.

Verificou-se um percentual de aproximadamente 45% (quarenta e cinco por cento) em razão da aglutinação de duas respostas (quando você discorda ou discorda totalmente) que os respondentes não se sentem seguros na cidade.

A destacar que aproximadamente 25% (vinte e cinco por cento) das pessoas sentem-se seguras, bem como quase 30% (trinta por cento), dos respondentes, assinalaram as opções “neutro”, “não concorda” e “não discorda” ou “não sabe” deixando vaga a sua resposta em relação ao sentimento, o que nos faz pensar dos motivos pelos quais deixaram de emitir esse juízo a respeito do assunto, em termos de sentimento de segurança.

De fato, como no item anterior, poder-se-á fazer várias elações a respeito do sentimento explicitado pela maioria dos respondentes, é justamente esse o objetivo da pesquisa em questão, em face do que se vive e do que se sente, expressa ou deixa de expressar por suas razões, tudo, ligado ao imaginário.

Gráfico 15 – Afirmativa 15: Não me sinto seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

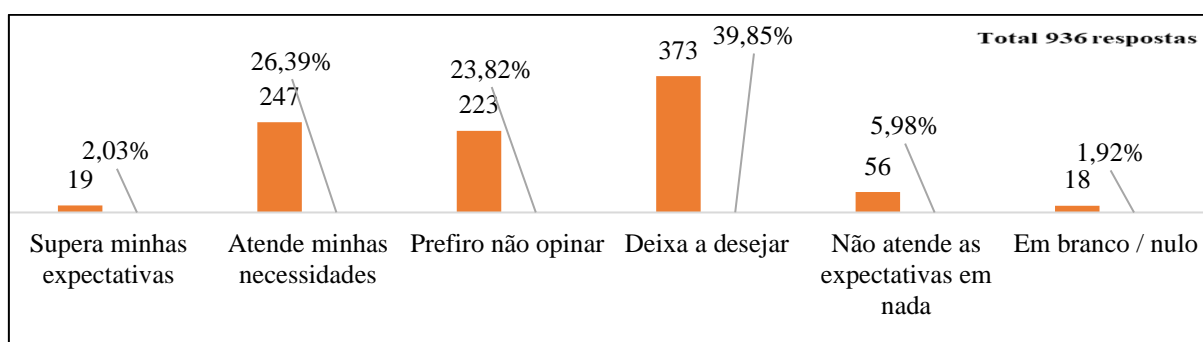
Como no item anterior, os sentimentos se coadunam acerca do entendimento sobre a situação, conforme o estudado, existindo para mais de 50 % (cinquenta por cento) do público entrevistado, uma sensação presente de medo em relação aos delitos, já descrita em itens anteriores; de fato, conforme o descrito, a respeito dos sentimento da ocorrência de um delito (sensação de medo), assim, reprisando o descrito anteriormente, poder-se-á fazer várias elações a respeito deste sentimento explicitado pela maioria dos respondentes, decorrentes da sensação individual colhida nas respostas, face a insegurança sentida e ao que se imagina sobre os delitos, é justamente esse o objetivo da pesquisa em questão ao ser comparado com o já disposto no primeiro do presente trabalho.

Permanecem também equânimes os percentuais daqueles que se sentem seguros, com uma pequena variação em relação ao item anterior, para menos, sendo que 23 % (vinte e três por cento) discordam ou discordam totalmente, em face da conjugação dos itens, da assertiva apresentada, e se sentem seguros em Santa Cruz do Sul.

3.4 Perguntas sobre o sentimento em relação ao efetivo

A partir deste item, foram elencadas perguntas diretas objetivas, com opções de respostas, acerca do efetivo da Brigada Militar e de sua forma de trabalho, devendo o respondente expor seus sentimentos em relação aos fatos e às interações com os policiais, escolhendo uma assertiva de resposta que melhor identificasse o seu pensamento, a sua ideia em relação à atividade e aos policiais militares.

Gráfico 16 Pergunta 1: A Polícia Militar consegue lhe trazer a sensação de segurança nesta cidade?



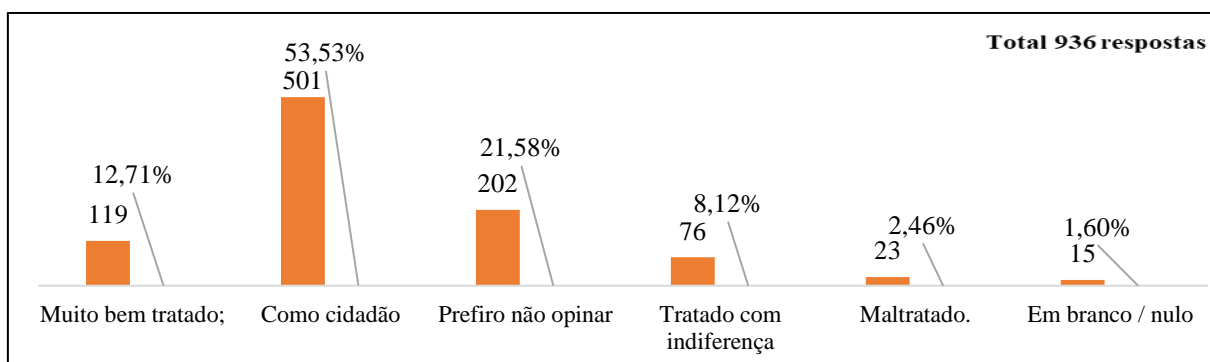
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Da análise do gráfico acima, pode-se verificar o sentimento do público em relação às atividades policiais, do qual se extraiu o percentual de aproximadamente 45% (quarenta e cinco por cento) dos participantes da pesquisa acreditam e sentem que os policiais deixam a desejar na prestação de serviço ou não atendem em nada às expectativas, demonstrando a mesma linha

de entendimento a respeito do serviço policial das assertivas dos blocos anteriores. De similar análise, porém em sentido inverso da maioria, de igual consonância com o apresentado pelas respostas até aqui, mais de 28% (vinte e oito por cento) do público participante entende que o efetivo da polícia militar supera e atende às necessidades de sensação segurança pública no município.

Ainda a destacar, como no item anterior, o elevado percentual de respondentes, quase 25 % (vinte e cinco por cento) dos participantes preferiram não opinar sobre o seu sentimento a respeito da sensação de segurança, o que também nos leva a indagar os motivos e receios de expressar uma opinião, mesmo que anônima, a respeito da polícia e de suas ações, além das representações simbólicas que podem ser subentendidas.

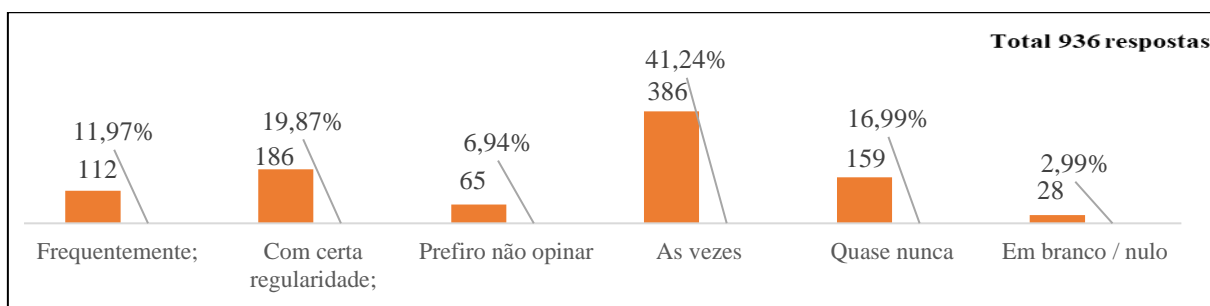
Gráfico 17 - Pergunta 2: Como você é tratado por policiais militares na cidade?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Neste gráfico, é possível perceber que mais de 75% (setenta por cento) do público respondente sente-se bem tratado ou é tratado como cidadão pelos policiais militares na cidade. Assim, acredita-se que os profissionais da área de segurança, durante o exercício de suas atividades, agem de maneira correta e profissional, na sua grande maioria.

Gráfico 18 - Pergunta 3: Você costuma ver com frequência os integrantes da Brigada Militar, na cidade?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

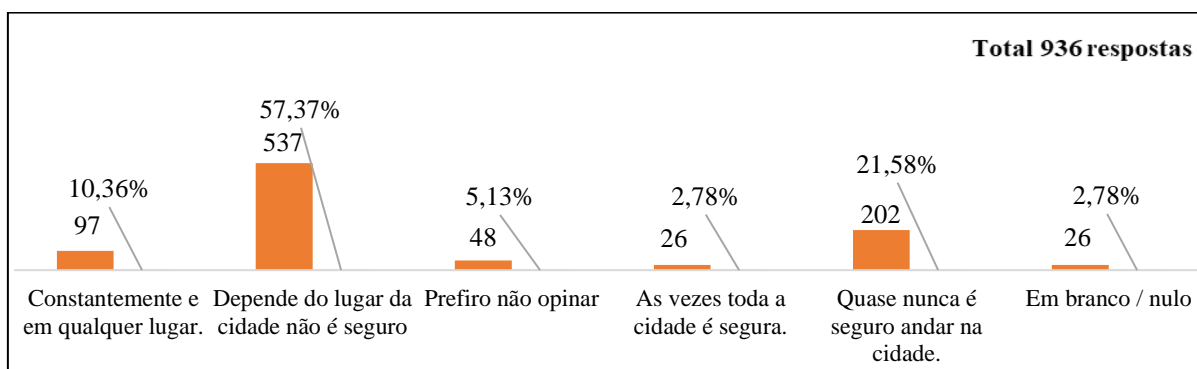
Dos respondentes desta assertiva, aproximadamente 30% (trinta por cento), conjugando “frequentemente” e ‘com certa regularidade”, visualizam policiais militares pela cidade; ao passo que aproximadamente 41% (quarenta e um por cento) do público declara que “às vezes” visualiza, fato que demonstra e oferece uma ideia de policiamento, em virtude de ter sido o policial notado, visto, uma vez que a presença do policial é caracterizada pela ostensividade da farda e dos equipamentos e pela capacidade de prevenção pela simples presença, sendo este o exercício diário para a atividade policial, entre outros atributos, mas pelo sentimento até aqui declarado e mensurado, não tem sido suficiente para propiciar o sentimento e a sensação de segurança, o que normalmente é sentido apenas por essa característica (visualização). Estes resultados, corroboram o sentimento contido no Gráfico nº 16 – sensação de segurança, no qual o efetivo da polícia militar “deixa a desejar” e “não atende em nada às expectativas”.

A análise destes dados gera um certo conflito e uma confusão de entendimento, pois ao passo que se vê a polícia, essa não é capaz de gerar o que se espera dela, pela presença ou pela ação, e coloca dúvidas sobre a ação policial e seus efetivos resultados, visto que, embora a comunidade de forma geral, mais de 70% (setenta por cento) dos participantes da pesquisa visualizem a polícia, em certos momentos, esta presença dos policiais não consegue, por si só, estabelecer uma sensação de segurança, como já demonstrado nas análises e nos Gráficos nº 12, nº 13, nº 14 e nº 15. Esses resultados denotam, em análise primária da conclusão por base no sentimento, que segurança pública não é só problema de polícia.

Do disposto acima, se faz necessário criar um recorte para o futuro, em próximas análises ou estudos, mais aprofundados, em face do cariz apresentado até o presente momento sobre o assunto e da obrigação de melhor compreensão do assunto e a produção de resultados que possam melhorar a vida e a convivência entre as pessoas, pois, conforme os estudos na área de criminologia, além dos já citados no presente trabalho, se faz necessário entender as nuances do ambiente e do indivíduo, as relações que compreendem o dia-a-dia desses *atores sociais* em todos os *papéis*, de governantes à criminosos, perpassando pelo indivíduo, seja ele quem for e que *função* represente, além de suas interações, em cada ação individual e o que essa ação desencadeará no outro, tomando por base o sentimento do medo e da

segurança, ambos baseados na percepção individual, do que se aprende, do que vive e do que se expressa.

Gráfico 19 - Pergunta 4: Você anda na rua com tranquilidade durante o dia?

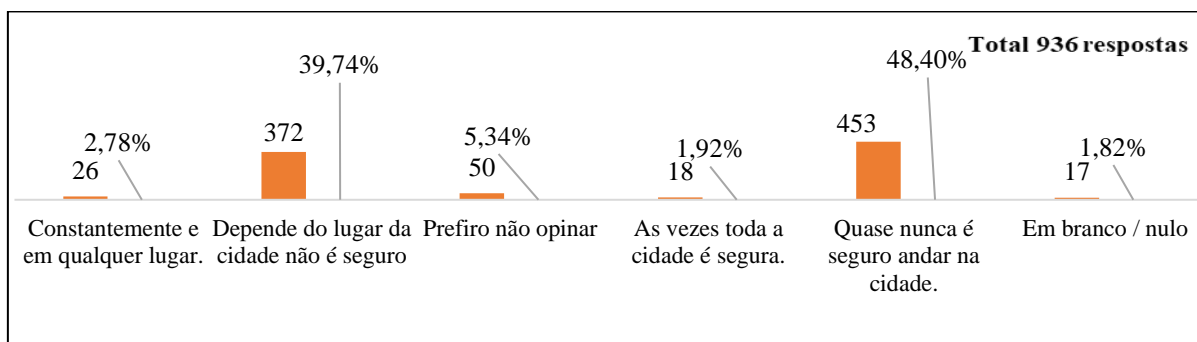


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Na análise deste gráfico, pode-se afirmar que, para aproximadamente 57% (cinquenta e sete por cento) dos entrevistados, dependendo do lugar, não é seguro andar durante o dia. Para aproximadamente 21% (vinte e um por cento), quase nunca é seguro andar na cidade, ao passo que para mais de 10 % (dez por cento) é seguro andar em qualquer lugar, durante o dia; muito embora não tenha o estudo focado diretamente nas ocorrências em seus turnos e horários de acontecimentos. Assim, estas respostas demonstram a presença do medo e da insegurança dos respondentes em relação às questões de segurança pública, não importando o turno/horário/dia dos seus deslocamentos, sendo constante o medo e a insegurança, em virtude do que sabem, ouvem e veem. Estas informações acerca do sentimento de medo são corroboradas pelo já disposto em itens anteriores, ficando presente e clara a *sensação de medo* das pessoas participantes da pesquisa.

No diapasão do item anterior, em estudos futuros, poder-se-á a partir das diagramações de locais e horários, desde que disponíveis para consultas e estudos, compor-se os pontos quentes dos registros criminais e obter-se mais definições específicas acerca dos delitos na cidade e por consequência uma radiografia criminal do delito, possibilitando melhores análise e conclusões.

Gráfico 20 - Pergunta 5: Você anda na rua com tranquilidade durante a noite?

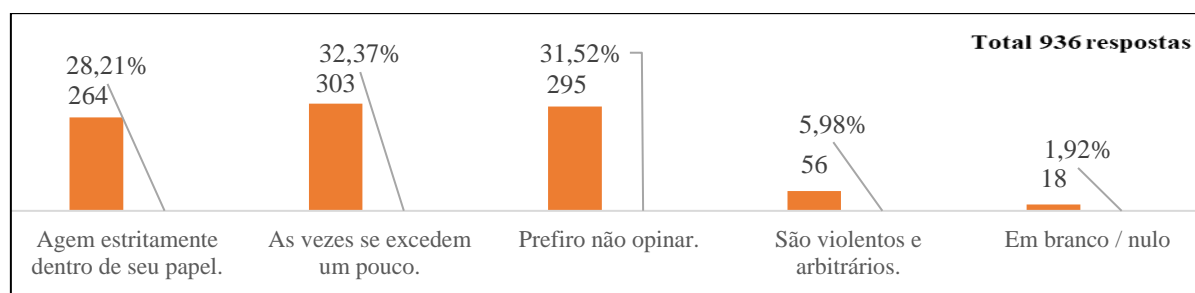


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Da análise deste gráfico, consoante ao item anterior andar na Rua / tranquilidade / durante o dia, pode-se afirmar que, para aproximadamente mais de 80% (oitenta e um por cento) dos entrevistados, de acordo com as assertivas, dependendo do lugar, não é seguro andar durante a noite, e quase nunca é seguro andar na cidade, sendo de igual análise, apenas trocando o turno e com um número maior de pessoas, muito embora não tenha o estudo focado diretamente nas ocorrências em seus turnos e horários de acontecimentos. Assim, estas respostas demonstram a presença do medo e da insegurança dos respondentes em relação às questões de segurança pública, sendo constante, em virtude do que sabem, ouvem e veem. Estas informações acerca do sentimento de medo são corroboradas pelo já disposto em itens anteriores, ficando presente e clara a *sensação de medo* das pessoas participantes da pesquisa.

Reprisando o item anterior, em estudos futuros, poder-se-á a partir das diagramações de locais e horários, desde que disponíveis para consultas e estudos, compor-se os pontos quentes dos registros criminais e obter-se mais definições específicas acerca dos delitos na cidade e por consequência uma radiografia criminal do delito, possibilitando melhores análise e conclusões.

Gráfico 21 - Pergunta 6: Os policiais militares da cidade agem com violência, ou se prevalecem da condição de policiais?



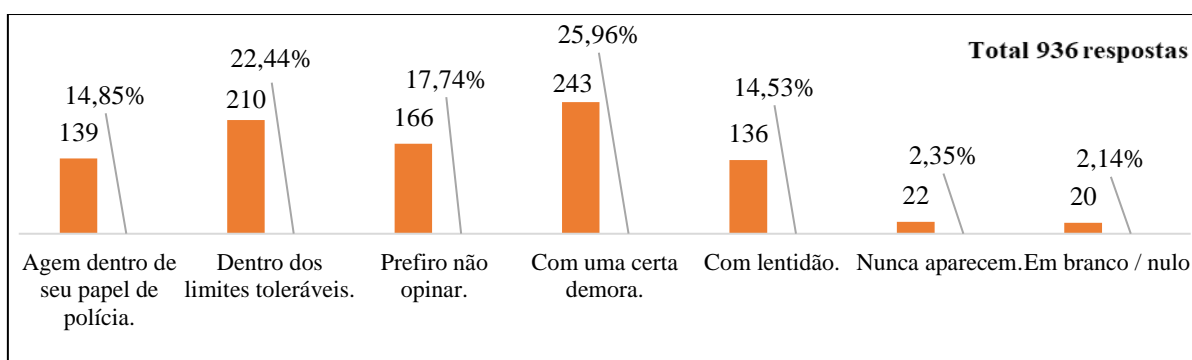
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Neste gráfico, e na perspectiva de captar o sentimento das pessoas em relação a como agem os policiais na cidade, pode-se visualizar que mais de 28% (vinte e oito por cento) acreditam que os policiais militares agem estritamente dentro de seu papel, o que corrobora com o pesquisado anteriormente e de acordo com o contido nos dados das análises e do Gráfico de nº 17, embora seja dissonante e controverso ao item referenciado para mais de 37% (trinta e sete por cento), que assinalaram as assertivas “às vezes se excedam um pouco” e “são violentos e arbitrários”. Importante ainda ressaltar que aproximadamente 31% (trinta e um por cento) dos respondentes preferiram não opinar em relação às ações dos policiais, fato que necessita uma avaliação, em estudos posteriores, mais contundente em relação a este receio de opinar,

justamente em face da controvérsia em relação à ação policial e o tratamento dispensado por estes.

A destacar o já referenciado em itens anteriores, em relação ao produto do serviço prestado pelos policiais, nota-se que para aproximadamente 38 % (trinta e oito por cento) dos entrevistados, em conjugação dos números, os policiais não prestam um serviço adequado e como se espera da polícia, visto que se excedem um pouco e são violentos e arbitrários. Resultando deste contexto e agregado a outros motivos a sensação de insegurança e medo até aqui mapeada.

Gráfico 22 – Pergunta 7: Como os policiais militares atendem à população?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Ao analisar o gráfico apresentado e em relação ao atendimento à população pelo efetivo da Brigada Militar, aproximadamente 36% (trinta e seis por cento) dos respondentes acreditam que as ações policiais estão dentro do seu papel de polícia e dentre os limites toleráveis, e aproximadamente 40% (quarenta por cento) entendem que as ações são com certa demora ou com lentidão. Os dois resultados somam mais de 75% (setenta e cinco por cento) dos participantes, que reconhecem que suas demandas são atendidas pela polícia, mesmo com demora.

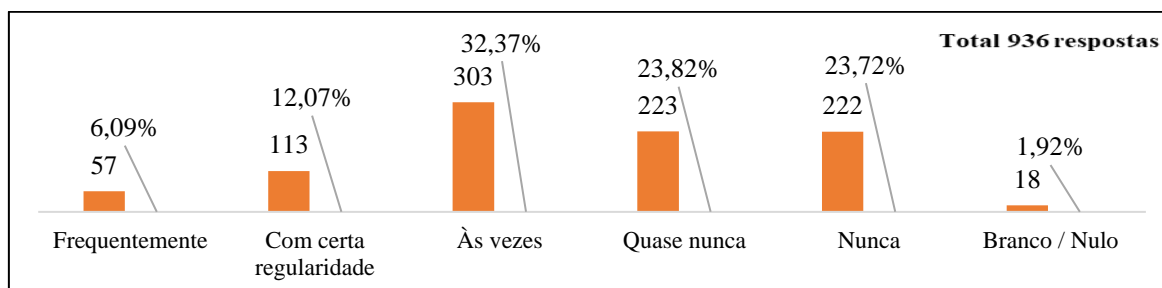
Dessas informações resultam a incongruência e certa contradição com o pesquisado até aqui acerca da ação e do sentimento sobre a polícia já descritos em itens anteriores. Fica, então, a pergunta: se a polícia atende às demandas solicitadas, como entender esta dubiedade de percepções e sensações a respeito da polícia? Qual é a nuvem que permeia o sentimento, visto que se a polícia atende as demandas e, por conseguinte se faz presente, por que não gera a sensação de segurança?

Claro, como pesquisa é justamente pelo objetivo de conhecer e perceber o sentimento da comunidade, também foram demonstradas, pelas respostas das assertivas de aproximadamente 40% (quarenta por cento), as questões relativas à certa ineficiência do trabalho policial, uma vez que estão insatisfeitos em relação à demora e à lentidão dos atendimentos policiais.

3.5 Perguntas relativas ao imaginário dos delitos

Para possibilitar uma comparação com os resultados dos itens anteriores, a partir das premissas definidas, foram elencadas perguntas em relação aos acontecimentos dos delitos, seus medos, o sentimento de violência, crime e segurança para que os respondentes pudessem, por meio de respostas às perguntas diretas e objetivas, em assertivas pré-definidas, externar o sentimento e a percepção sobre os delitos estudados, a saber: se já foi vítima de delitos, o local onde foi vítima, local de maior medo, local mais violento, local com maior número de crimes e local mais seguro. As perguntas aos entrevistados visavam a coleta de respostas, de forma direta e objetiva, acerca das definições para o estudo, escolhendo como respostas às assertivas que melhor expressassem seus sentimentos referentes aos acontecimentos. Havia em algumas respostas a possibilidade de incluir os locais, de forma aberta, para indicar aqueles que mais preocupavam.

Gráfico 23 – Pergunta 1: Você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime na cidade de Santa Cruz do Sul?

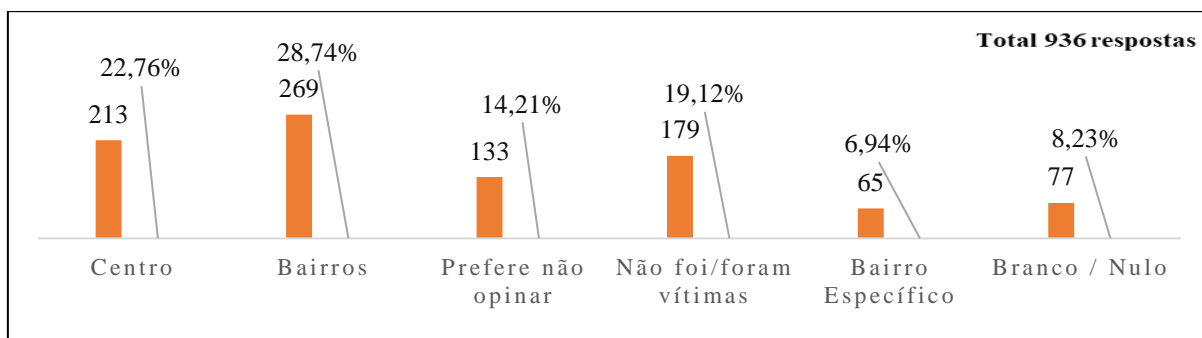


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

A partir da análise dos dados, verifica-se que aproximadamente 23% (vinte e três por cento) dos respondentes não foram ou não conhecem alguém que tenha sido vítima de crimes na cidade. Pelo somatório dos percentuais, aproximadamente 75% (setenta e cinco por cento) tiveram conhecimento ou foram vítimas de algum delito, fator que propaga o sentimento e a percepção acerca do crime, traduzindo uma *sensação de medo* e a possibilidade muito próxima de se tornar vítima.

Pode de depreender desta análise, a ocorrência de uma espiral perigosa e a conseqüente evolução da criminalidade, possibilitando o aumento também de conflitos sociais, conforme descrito por Carrillo (2002), referenciando a necessidade de uma melhor estruturação social das pessoas, por meio de valores éticos e morais, com base nos ensinamentos da família, da escola e da igreja, hoje em deterioração.

Gráfico 24 – Pergunta 2: Qual é o local da cidade em que você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime?

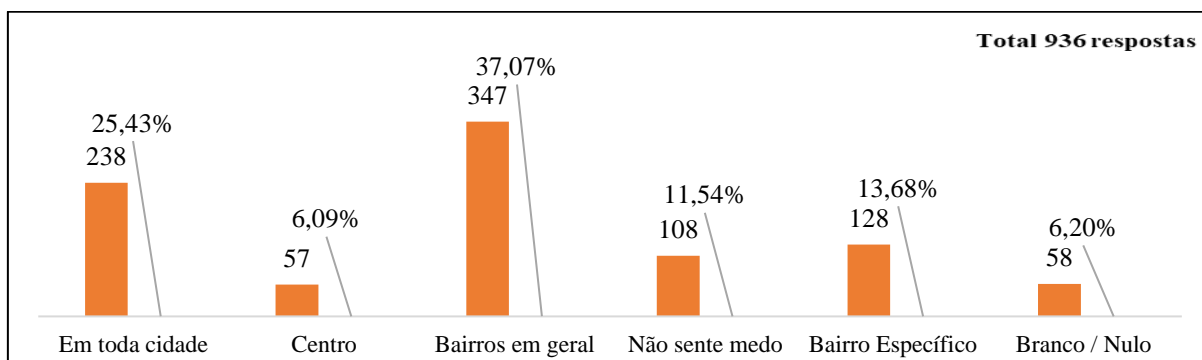


Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Ao analisar as respostas, verificou-se a ocorrência de aproximadamente 35% (trinta e cinco por cento) dos crimes informados, em razão do agrupamento de respostas, nos bairros ou em um bairro específico, ao passo que aproximadamente 22% (vinte e dois por cento) das respostas declararam que o local do crime ocorrido foi o centro, fato que corrobora com o analisado anteriormente noutro item.

Cabe ainda ressaltar informações de bairros específicos, a partir da possibilidade do relato dos respondentes ter a possibilidade de ser aberto, por escolha de inserção individual, assim, foram lembrados por mais de 03 (três) vezes os bairros Bom Jesus, Renascença, Faxinal, Aliança e Verena.

Gráfico 25 – Pergunta 3: Qual é o local da cidade que lhe causa maior medo?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

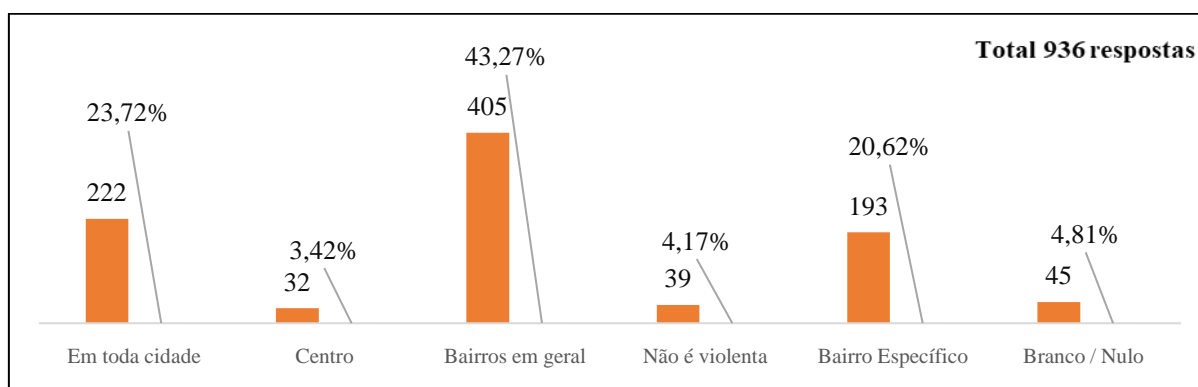
Sobre os locais específicos da cidade que causam maior medo, foi possível extrair da análise dos dados que apenas uma pequena parcela dos respondentes (aproximadamente 11%) relatou não sentir medo de viver na cidade. Divididos no percentual restante, com exceção das respostas “branco/nulo”, mais de 80% (oitenta por cento) dos respondentes relataram, de alguma forma, o “medo” em relação aos locais, conforme as assertivas de respostas, resultando na disseminação do sentimento de medo o que estabeleceu, de forma genérica, uma sensação

presente e constante da possibilidade de ser vítima de crime, aumentando os números em relação ao item anterior, quando refere o percentual bairros ou bairro específico.

Das informações possíveis sobre os bairros específicos, a partir da possibilidade do relato dos respondentes ser aberto, em relação aos bairros, onde foram lembrados pelas pessoas, por mais de 10 (dez) vezes, os bairros Bom Jesus, Santa Vitória, Camboim, Viver Bem e Macaca. Salienta-se que o bairro Bom Jesus foi lembrado de maneira discrepante em relação aos outros, a saber, por mais de 40 (quarenta) dos participantes.

Em caráter de informação para subsidiar o estudo, cabe salientar que estes bairros mencionados pelos respondentes, aliado ao contexto geográfico onde estão situados, são aqueles que reúnem as camadas sociais mais desprovidas socialmente de recursos, as quais são as mais vulneráveis, muito embora tenha sido adotado na cidade pelo poder público, em conjunto tanto estadual como municipal, estratégias de enfrentamento para o atendimento das demandas e das necessidades básicas dessas comunidades, porém muitas vezes insuficientes para a conjugação de vida em sociedade.

Gráfico 26 – Pergunta 4: Qual é o local da cidade que você acredita ser o mais violento?



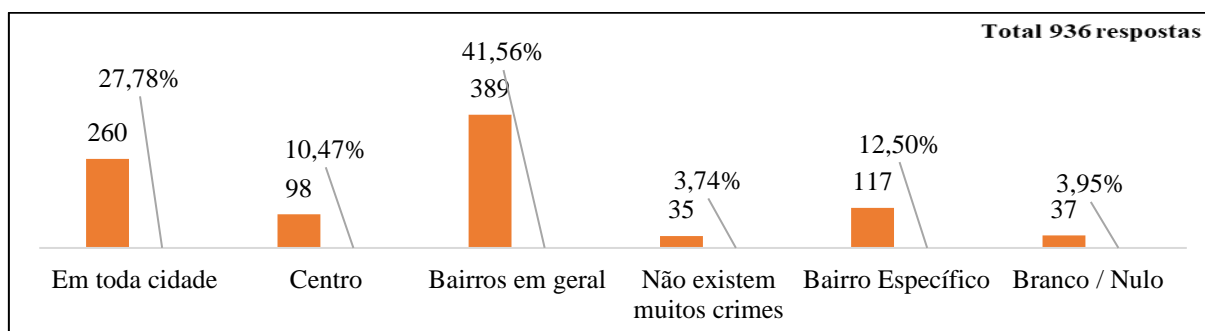
Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Sobre os locais mais violentos, no entendimento e na percepção dos respondentes e diferentemente das perguntas anteriores, que tratavam sobre o “medo” do crime, esta questão buscou o sentimento em relação à violência como fenômeno de um local específico. Foram relatadas situações genéricas ou de forma universal para a cidade, perfazendo um total de aproximadamente 23% (vinte e três por cento) dos respondentes. Apenas um ínfimo percentual de 3,2% (três virgula dois por cento) selecionou o centro, índice aproximado, tanto para a consideração de que a cidade não é violenta, quanto para os brancos e nulos (4,81%). Corroborando com o sentimento da ocorrência de delitos, mais de 60% (sessenta por cento) acreditam que os bairros são os locais mais violentos da cidade.

Mais uma vez, em consonância com o item anterior de acordo com as informações inseridas a partir do relato aberto dos participantes, a respeito dos bairros específicos foram lembrados por mais de 10 (dez) vezes os bairros Bom Jesus, Santa Vitória, Camboim, Viver Bem e Macaca. Salienta-se que o bairro Bom Jesus foi lembrado de maneira discrepante em relação aos outros, a saber, por mais de 50 (cinquenta) respondentes e o bairro Santa Vitória, por mais de 20 (vinte).

A destacar, conforme o já referenciado no item anterior as questões relativas à área geográfica da cidade, onde esses bairros estão inseridos, as dificuldades de acesso e a possibilidade dos serviços prestados pelo poder público, pelas empresas e pelos indivíduos nestes locais, além das questões sociais a respeito deles, em face das camadas sociais mais desprovidas socialmente de recursos que neles vivem, sendo estas, em via de regra, as mais vulneráveis e suscetíveis a sucumbir ao cometimento e/ou sofrimento do crime e da violência, por vários os fatores.

Gráfico 27 – Pergunta 5: Qual é o local da cidade que você acredita que existe o maior número de crimes?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Na análise desta pergunta, que visava comparar e compreender circunstâncias e questões já efetuadas anteriormente, justamente para identificar as nuances do crime - o que trouxe a confirmação e corroboração dos dados já pesquisados, analisados e apresentados, até o presente momento – que os bairros Gráficoram no sentimento e na percepção a respeito do crime como os locais mais lembrados em relação à quantidade de crimes que lá acontecem, constituindo um percentual de mais de 50% (cinquenta por cento).

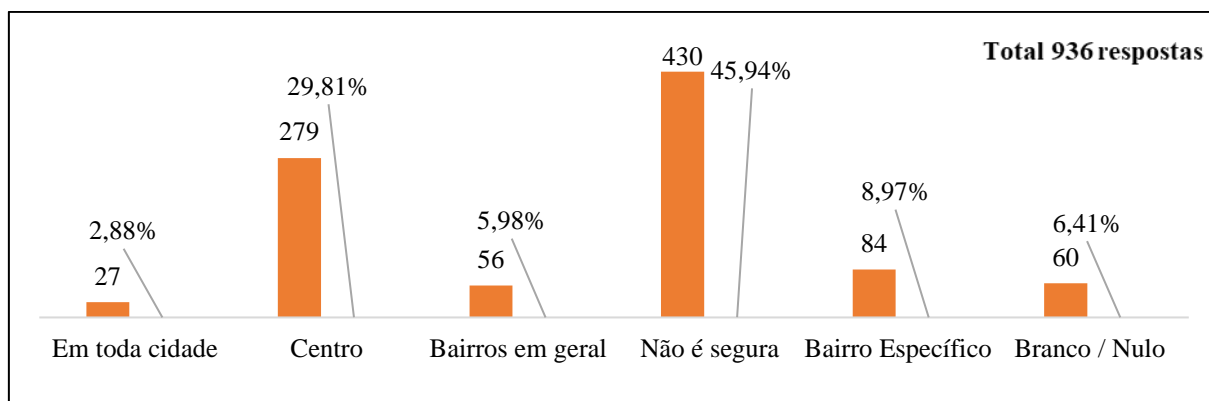
Embora que reprisando os dois itens anteriores em relação as informações de bairros específicos, a partir da possibilidade do relato dos respondentes ser inserida de forma aberta, por escolha, onde foram lembrados por mais de 05 (cinco) vezes os bairros Bom Jesus, Santa Vitória, Zona Sul, Menino Deus, Faxinal e Macaca. Salienta-se que o bairro Bom Jesus foi

lembrado de maneira discrepante em relação aos outros, a saber, por mais de 40 (quarenta) respondentes.

A destacar, conforme o já referenciado nos itens anteriores, porém agregando a análise do somatório de sentimentos sobre crime, violência e medo, ficou evidenciado claramente, pela percepção das pessoas, os bairros mais *problemáticos*, justificando a repetição do descrito sobre as questões relativas à área geográfica da cidade, local onde esses bairros estão inseridos, suas dificuldades de acesso e a possibilidade ou não de prestação de serviços por indivíduos, empresas e pelo poder público nestes locais; agregado às questões sociais a respeito deles, em face das camadas sociais socialmente mais desprovidas de recursos e que neles vivem, que normalmente são as mais vulneráveis e suscetíveis a sucumbir ao cometimento e/ou sofrimento do crime e da violência, por vários os fatores, uma vez que Gráficoom no universo representativo da cidade como zona conflagrada de perigos, medos e delitos.

Não menos importante do que já foi descrito e de forma relevante para a compreensão da percepção das pessoas e do sentimento a respeito do medo, da segurança, da violência e do crime, porém não estudado profundamente nos aspectos relativos às publicações efetuadas pela mídia a respeito dos delitos nesses bairros e conseqüente a produção de imaginário do que acontece, quando e como acontece, o que carece de aprofundamento e uma leitura de por menores, em estudos futuros, a respeito da forma e da quantidade do que é noticiado sobre o crime e a violência na cidade.

Gráfico 28 – Pergunta 6: Qual é o local da cidade que você acredita que é o mais seguro?



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

No sentimento e na percepção dos respondentes em relação ao local mais seguro, surpreendem as respostas de forma geral, pois aproximadamente 45% (quarenta e cinco por cento) acreditam (pensam) que **não** (grifo nosso) existem lugares seguros na cidade, muito embora seja esta a linha e tendência da análise e compreensão do respondido até aqui nas demais

respostas do presente trabalho, porém contraditório, em virtude de a maioria dos respondentes (aproximadamente 47%) entender que existem locais seguros, diferentemente do apresentado até aqui; o que retrata muito bem as questões da sensação de medo e a confusão de sentimentos e sensações expostas pelos respondentes, e justamente é o que o presente trabalho se propõem a estudar.

É importante também ressaltar que um percentual expressivo, cerca de 30% (trinta e por cento), acredita que o centro é local mais seguro da cidade.

Cabe ainda ressaltar as informações de bairros específicos, a partir da possibilidade do relato dos respondentes ser aberto, onde foram lembrados por mais de 05 (cinco) vezes os bairros Higienópolis, Interior, Universitário, Várzea e Costa Norte. Destaque-se que nestes bairros mais citados, de forma genérica, estão contidas as localidades que recebem moradores, via de regra, com melhores condições financeiras.

3.6 Análise da relação entre a densidade populacional e os índices criminais entre o Estado do Rio Grande do Sul e a cidade de Santa Cruz do Sul

Na estruturação inicial deste capítulo, no que tange ao levantamento de dados, à aplicação do inquérito por questionários e à efetiva disposição destes itens no trabalho, existiu a necessidade de dispô-los abaixo e distantes do seu bloco de questões, onde foram distribuídos de forma separada dos seus locais de adequação (primeiramente, ocorrências – levantamento de dados, nos seus itens; e, posteriormente, aplicação do inquérito por questionários, “afirmativas” a respeito do estudo. Ambas foram inseridas na análise de dados, a partir deste ponto, para facilitar a compreensão, comparação e a correlação de dados tabulados, visando a valorar quantitativamente para chegar-se a solução do problema de pesquisa formulado.

A comparação acima é a linha de estudo proposta, conforme ensina Durkheim (1997, p. 20): “só se explica comparando”. Desta forma, é neste contexto que serão efetivadas as devidas análises do trabalho.

Ao produzir a coleta e a análise dos dados, embora não estudados diretamente, mas de relativa importância para a contextualização do estudo, o entendimento acerca dos delitos ocorridos e a inserção destes dados da cidade em estudo, bem como seu pertencimento ao estado geográfico, foram fundamentais para compreender o universo significativo e de significados de representação macro, no tocante à população e aos próprios delitos estudados, como pode ser constado nas tabelas a seguir:

Tabela 4 – Comparação dos dados populacionais entre o estado e a cidade

	TOTAL	TOTAL		
		Homens	Mulheres	Representação
RS	11.286.500	5.492.563	5.793.937	
SCS	128.887	62376	66511	1,14%

Fonte: FEE – Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul (Ano base 2016).
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Tabela 5 – Comparação de dados de registros de crimes entre o estado e a cidade

Total de Crimes	2016	2017	Representação
RS	329.407	165.878	1,19%
SCS	3.917	1.826	1,10%

Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

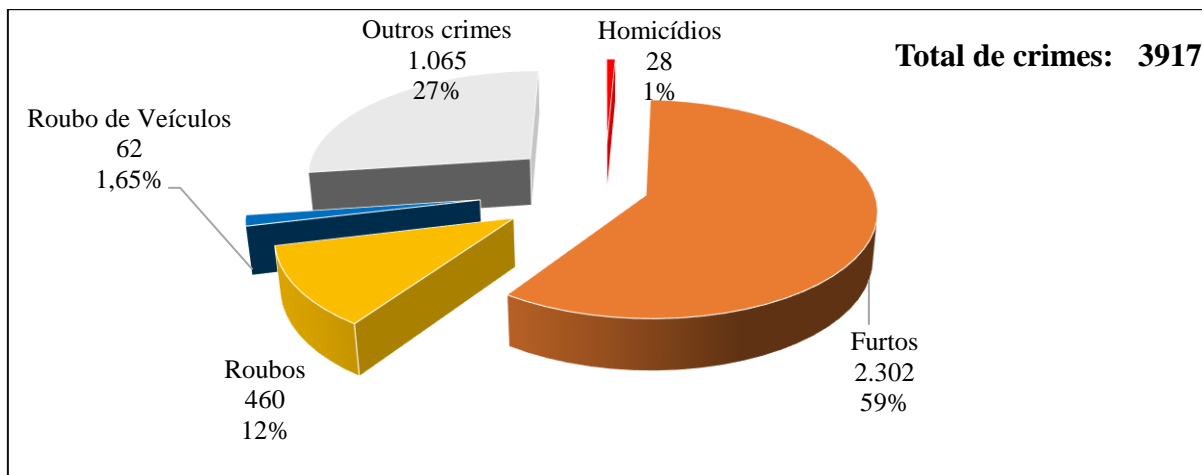
Com base nos dados das tabelas “04” e “05”, se pode depreender, de imediato, o universo de representatividade, em termos do percentual populacional de Santa Cruz do Sul (SCS) de 1,14% (um vírgula quatorze por cento) da população total do estado Rio Grande do Sul (RS), e de crimes ocorridos, tanto no ano de 2016, quanto no 1º semestre de 2017, e a relação destes em face do pertencimento e, por conseguinte, o contexto em que estão inseridos na ligação estado/município, constituiu-se esta análise, apenas para demonstrar o universo significativo dos delitos e sua evolução/involução (aumento/decrécimo), constatada nos percentuais, embora parciais, pois o ano de 2017 não está concluso. Como os dados acima mostram apenas os dados registrados no 1º semestre de 2017, por projeção, é possível supor que os índices do ano de 2017 serão menores que os de 2016, justamente comparando, por meio dos números, a cidade/SCS consigo mesma e a cidade/SCS em relação ao o estado/RS. Assim, ficou evidenciada a ínfima diminuição dos delitos.

Além disso, no estado do RS, por análise matemática, apenas em termos de ponderação numérica para estabelecer um índice por sofrimento de delito, existe 1 (um) delito aproximadamente para cada 34 (trinta e quatro) pessoas, enquanto que, na cidade de Santa Cruz do Sul, ocorre 1 (um) delito aproximadamente para cada 33 (trinta e três) pessoas. Os cálculos foram feitos a partir da divisão do número de delitos por pessoas, do estado e do município.

Ao adentrar mais amiúde as questões das significações a respeito do previsto para o estudo, adotando os procedimentos da coleta e para verificação geral dos crimes registrados no município, no ano de 2016 e no 1º semestre de 2017, os dados totais foram conjugados e

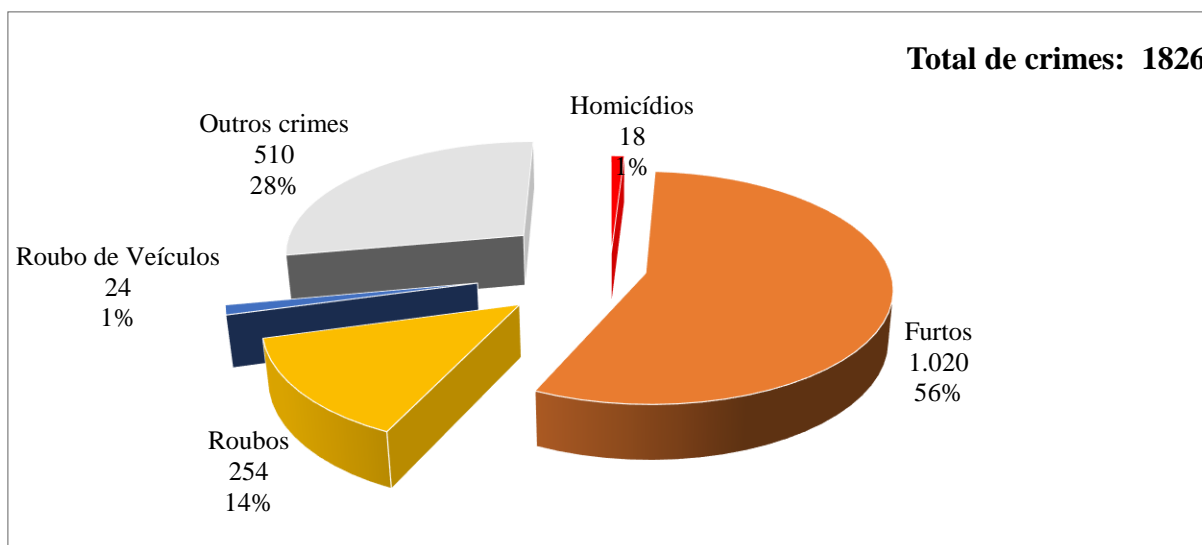
inseridos em gráficos para apresentação e melhor entendimento do proposto nos objetivos de análise, conforme segue:

Gráfico 29 – Dados dos registros criminais relativos ao ano de 2016



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Gráfico 30 – Dados dos registros criminais relativos ao ano de 2017 - 1º Semestre

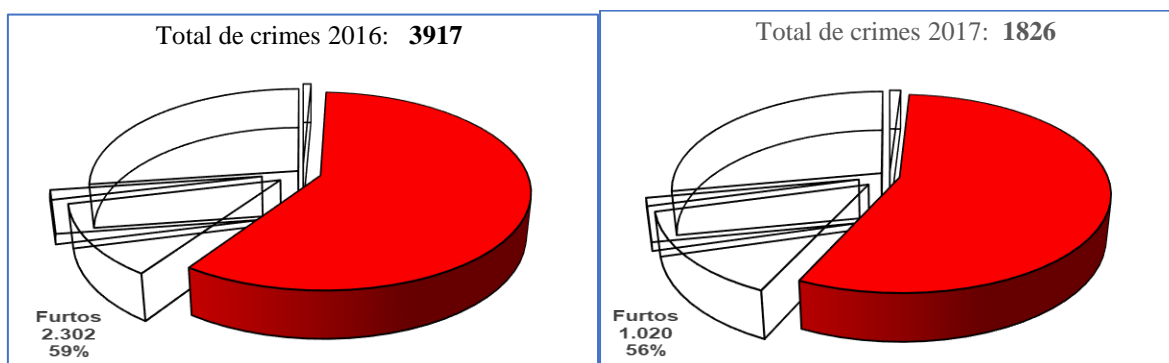


Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2017.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

3.6.1 Ocorrências registradas por tipo de crime

Em relação aos números apresentados, é importante ressaltar que a Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, para os registros policiais e acompanhamento da criminalidade, agrupa os delitos estudados (furto simples e furto qualificado) em razão de envolverem os delitos contra o patrimônio, por não existir o contato pessoal ou por passar despercebido o fato.

Gráfico 31 – Crimes registrados de furto simples e furto qualificado.



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Assim, ao analisar os dados totais deste tipo de ocorrência, verifica-se certa estabilidade e proporcionalidade dos eventos, uma vez que seus percentuais são semelhantes nos períodos analisados, com a ideia de pequeno declive dos crimes mencionados, notando-se decréscimo mínimo do ano de 2016 para 2017, bem como em análise semestral comparativa ao ano, vislumbra-se uma leve descendência nos números totais no período analisado.

Dos dados, também se destaca que os crimes estudados e analisados para o estudo, nesse caso dos furtos, compreendem mais de 50% (cinquenta por cento) dos delitos ocorridos e registrados para o município.

É importante frisar, mais uma vez, que nos crimes de furto estão contidos os dados dos furtos simples e furtos qualificados registrados na cidade de Santa Cruz do Sul, em razão da metodologia utilizada na elaboração dos números estatísticos do setor de Estatísticas da Secretaria de Segurança Pública.

Fator preocupante ainda se encontra na incidência deste delito na cidade, no período analisado (2016 e 2017), uma vez que a média do delito pressupõe 6,3 (seis virgula três) delitos a cada dia.

3.6.2 Percepção dos respondentes acerca do tipo de crime de furto e de furto simples

A partir das afirmativas que se enunciam e se transcrevem, obtivemos o sentimento das pessoas em relação a este tipo de delito.

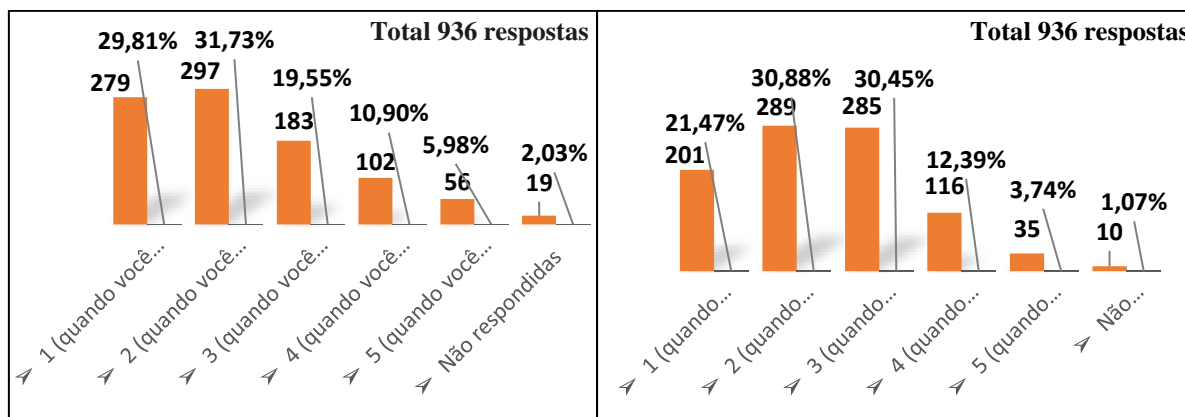
Afirmativa 4 – Um dos crimes que mais acontece na cidade é o furto (Ato de recolher, “pegar” objetos de outros, em casa ou na rua, em veículos, bolsas, carteiras, entre outros; caracteriza-se pela não-violência).

Afirmativa 5 – Um dos crimes que mais acontece é o furto qualificado (Ato de recolher, “pegar” objetos de outros, em casas ou na rua, em veículos, ou o próprio veículo,

bolsas, carteiras, entre outros; caracteriza-se pela não- violência; o ocorrido se dá pela destreza - chave falsa ou arrombamento; uso de objetos; arrombamento de casas sem violência contra o morador).

Gráfico 32 – Crime de furto

Gráfico 33 – Crimes de furto qualificado



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017.

Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Das informações acima, consoante à metodologia de análise da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, em razão do agrupamento dos delitos, é possível depreender que aproximadamente 65% (sessenta e cinco por cento) do público respondente acredita que o crime de furto é um dos fatos delituosos que mais acontecem na cidade, fato que vem a corroborar com as estatísticas do crime para a cidade, apresentadas nas Tabelas de nº 2 e nº 3, de acordo com o ano de suas correspondências, quando se refere à quantidade de crimes de furto e a sua evolução, entre os anos de 2016 e 2017. Há necessidade, ainda, de se salientar que os dados analisados de ocorrências (furto e furto qualificado), em razão da metodologia da Secretaria de Segurança Pública, Divisão de Estatística, estão agrupados.

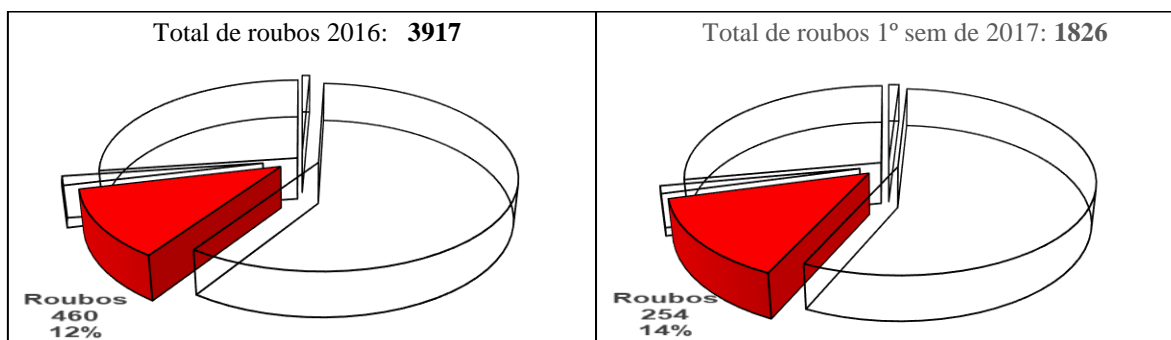
Tal conclusão leva a crer que, para este delito, há relação da sensação de medo versus os crimes registrados, uma vez que os fatos ocorridos e registrados estão em consonância com o que se pensa. Ainda sobre esta análise, é possível estabelecer a ligação do “sentimento” deste tipo de crime, uma vez que neste estão inclusas as ocorrências de furto em residências, pela especificação do crime em relação ao tipo.

De qualquer modo, mostra, tanto pelos registros quanto pelo sentimento, que é um delito que assola a comunidade. Para este tipo de delito, observadas todas as suas causas, características e, principalmente, as responsabilidades, devem haver políticas públicas de enfrentamento.

3.6.3 Ocorrências registradas por tipo de delito: Roubo

Gráfico 34 – Crime de roubo 2016

Gráfico 35 – Crime de roubo 1º Sem



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Em relação aos números apresentados acima, ao se analisar os dados totais deste tipo de ocorrência, verifica-se, de modo geral, “estabilidade” proporcional com pequena elevação parcial dos delitos, uma vez que, em análise semestral comparativa do ano, vislumbra-se a tendência de pequena elevação dos índices para os números totais. Observa-se ainda, que, em relação ao item anterior (furtos), que teve um pequeno decréscimo, este, por sua vez, tem uma tendência de elevação, o que leva a concluir que os delitos envolvendo as pessoas e com emprego de violência estão em ascendência.

Fator preocupante ainda se dá na incidência deste delito na cidade, no período analisado (2016 e 2017), uma vez que pressupõe, em média, a sua ocorrência de 1,2 (um vírgula dois) delitos a cada dia.

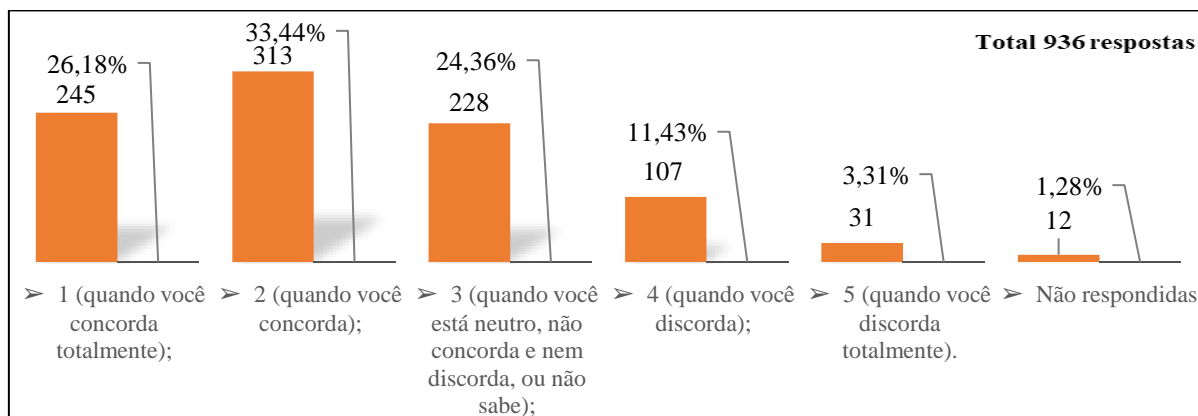
A ser salientado ainda, o percentual de representatividade dos delitos no universo dos registros efetuados na cidade, nos períodos em análise, uma vez que somam em um total de 12% (doze por cento) para 2016 e de 14% (quatorze por cento) para 2017. Sendo em termos gerais o 3º (terceiro) delito em incidência, claro considerando o percentual geral apresentado para “outros crimes” conforme os gráficos de nº 29 e nº 30.

3.6.4 - Percepção dos respondentes acerca do delito de roubo

A partir da afirmativa que se enuncia e se transcreve, obtivemos o sentimento das pessoas em relação a este tipo de delito.

Afirmativa 6 – Um dos crimes que mais acontece na cidade é de roubo à pessoa (Ato de levar, "pegar" objetos de outras pessoas com o emprego de violência - uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa).

Gráfico 36 – Percepção do sofrimento do crime de roubo à pessoa



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016

Da análise dos números do gráfico em análise, pode-se afirmar que aproximadamente 60% (sessenta por cento) do público respondente acredita que este crime é um dos que mais acontecem na cidade, fato corroborado pelos números apresentados anteriormente, pois, conforme os dados da SSP/RS, em incidência para a cidade, é o terceiro maior delito, conforme os gráficos de nº 29 e nº 30, considerando aqui o estudo dos números, pois esses compreendem a especificidade de “outros crimes”. Também a se destacar, a existência de uma diferença numérica expressiva em relação aos acontecimentos em comparação aos furtos pois, se falarmos em percentuais de delitos, apenas constituem um total de total de 12% (doze por cento) para 2016 e de 14% (quatorze por cento) para 2017. Desta forma, conclui-se que, para este delito, **não** (grifo nosso) é possível estabelecer a ligação do “sentimento” deste tipo de crime aos acontecimentos, pois não há relação da sensação de medo versus os crimes registrados, uma vez que os fatos ocorridos e registrados **não** (grifo nosso) estão em consonância com o que se pensa e sente sobre eles.

Entretanto, se faz mister também salientar, pelo estudo dos números e percentuais, que se percebe uma expressividade no sentimento do medo, ao se referenciar o delito, visto que esse sentimento, conforme os números apresentados, sentidos pelos respondentes da cidade, pressupõe um número maior de acontecimentos, fato que não encontra suporte numérico para justificativa de tanto medo, porém ao chegarmos até esta fase do estudo, compreendem-se os motivos de tal sentimento, que logo a seguir, nas análises, será demonstrado.

Ainda sobre estes dados, depreende-se que traduzem a questão da ocorrência de violência (física ou verbal – ameaça), quando da ocorrência do delito, haja vista a especificação técnica para a definição do crime (Art. 157 do Código Penal Brasileiro – “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”). Alia-se a esta análise também o fato especificado e demonstrado no Gráfico de nº 35, a saber, a incidência deste delito na cidade no período analisado (2016 e 2017), uma vez que a sua média pressupõe 1,2 (um vírgula dois) delitos a cada dia.

Nesta análise, embora não estudada diretamente, é nesse ponto, neste delito em específico, que envolve violência contra a pessoa, onde existe o fator preponderante e decisivo para este sentimento – a participação efetiva da mídia, e a maneira como propaga, divulga, constrói, reconstrói e, conseqüentemente, repercute os fatos delituosos para a população da cidade. Disto, conforme os estudos realizados e trazidos à lume, e a observar ainda o que será apresentado logo adiante, provavelmente nos dará a explicação e justificativa a esse sentimento apresentado no trabalho.

3.6.5 - Ocorrências registradas por tipo de delito: Roubo de veículo

Gráfico nº 37: Roubo de veículo (2016)

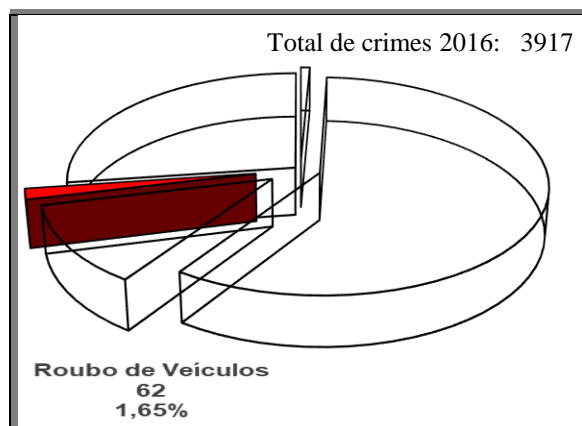
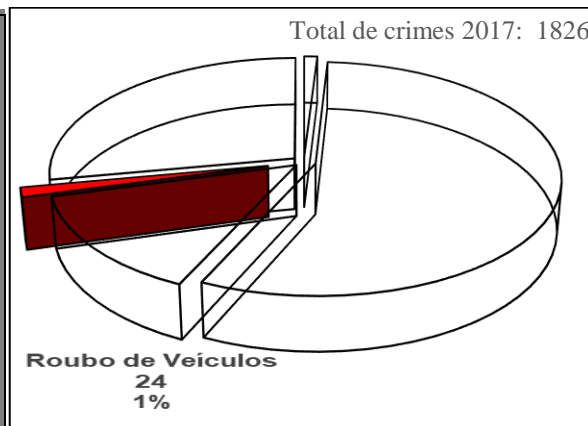


Gráfico nº 38: Roubo de veículo (2017)



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017.
Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Em relação aos números apresentados acima, ao se analisar os dados totais e a proporcionalidade dos períodos analisados, para este tipo de ocorrência, verifica-se um pequeno decréscimo em relação aos anos de 2016 e 2017, bem como, em análise semestral comparativa ao ano, há a ideia de pequena diminuição dos índices dos crimes mencionados, relativos aos mesmos anos, isto em números totais.

Também é necessário analisarmos os números, percentuais e seus significados perante aos dados totais (números e percentuais) relativos ao delito em comparação com os demais registros, somando menos de 2% (dois por cento) nos períodos analisados, identificando sua representatividade do universo dos números para a cidade.

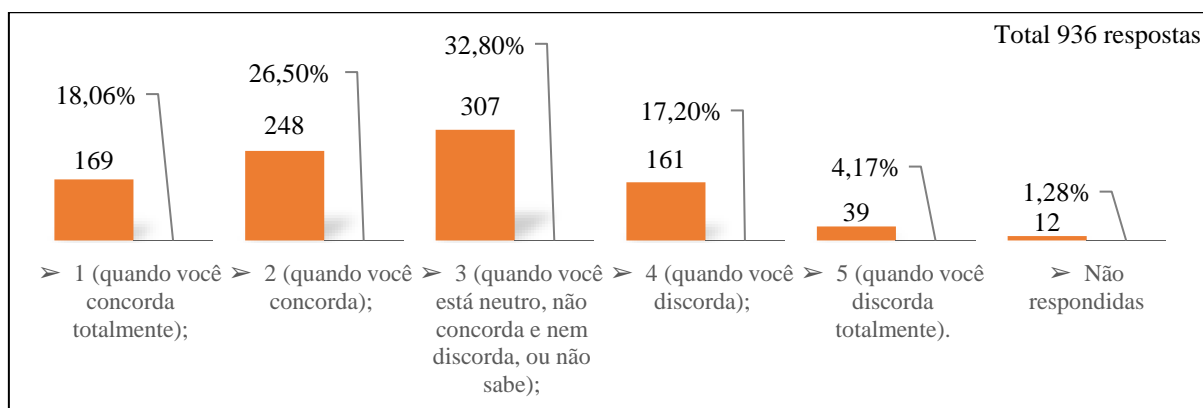
Alia-se a esta análise também o fato especificado conforme a incidência deste delito na cidade, no período analisado (2016 e 2017), uma vez que a média do delito pressupõe 1 (um) a cada 6 (seis) dias.

3.6.6 - Percepção dos respondentes acerca do delito de roubo de veículos

A partir da afirmativa que se enuncia e se transcreve, obtivemos o sentimento das pessoas em relação a este tipo de delito.

Afirmativa 7 – Um dos crimes que mais acontece na cidade é o roubo de veículos (Ato levar, "pegar" veículo de outros com violência - uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa, dentro do carro ou nas imediações para levar o carro).

Gráfico 39 – Percepção do crime de roubo de veículos



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Na análise dos dados, verifica-se que aproximadamente 45% (quarenta e cinco por cento) do público pesquisado acredita que o crime de roubo de veículo seja um dos fatos delituosos que mais acontecem na cidade, o que na realidade não encontra sustentação nos índices de criminalidade registrados para a cidade, conforme se vê nos Gráficos nº 37 e nº 38 e suas análises, uma vez que acontece um pequeno número de ocorrências desta modalidade de crime na cidade. Desta análise, depreende-se que o sentimento da comunidade e a *sensação de medo* referente a este delito é desproporcional aos acontecimentos registrados, uma vez que o número de delitos é

ínfimo se comparado a outros estados ou não, muito embora denote-se, neste caso, a preocupação em relação ao sofrimento desta violência. Outra análise a ser salientada é que mais de 30 % (trinta por cento) do público entrevistado está neutro, não concorda e não discorda ou não sabe sobre o tema, fator a ser levado em consideração, uma vez que a cidade possui uma das maiores frotas de veículos registrados em comparação com outras cidades, em média, para cada 1,5 habitante, existe um veículo, conforme os dados de janeiro de 2017 do DETRAN/RS (86.786 veículos).

Nesta análise, embora não estudada diretamente e já referenciado, em item anterior, a mídia desempenha o papel significativo ao difundir as notícias, demonstrar ocorridos, repercuti-los, bem como os objetivos que supostamente demonstra ou divulga para justificar a forma como conduz e faz suas exposições.

3.6.7 – Ocorrências registradas por tipo de delito: Homicídio 2016 e no 1º semestre de 2017

Gráfico 40 – Homicídio / 2016

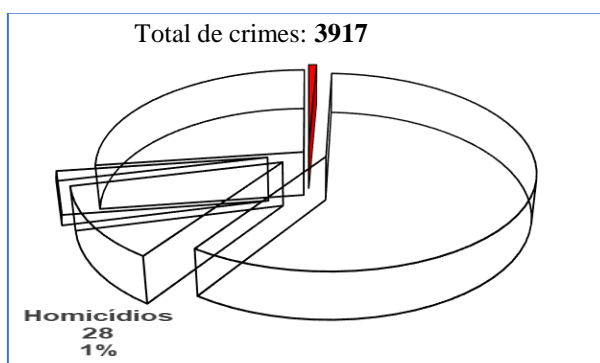
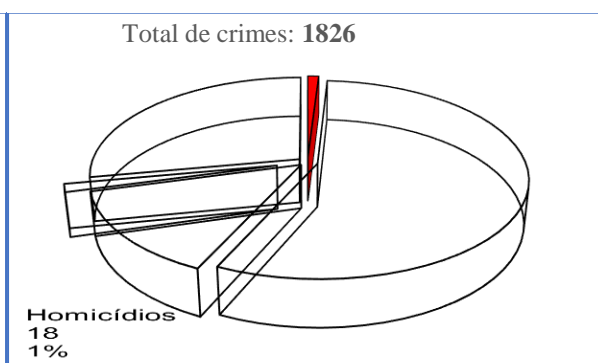


Gráfico 41 – Homicídio / 1º Semestre 2017



Fonte: Secretária de Segurança Pública/Divisão de Estatísticas – dados da pesquisa – 2016 e 2017. Elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Em relação aos números deste tipo de ocorrência apresentados no quadro acima, ao se analisar os dados totais dos anos envolvidos, verifica-se estabilidade da ocorrência dos delitos, sendo estes em pequena proporção, se comparados a outras cidades do estado do RS.

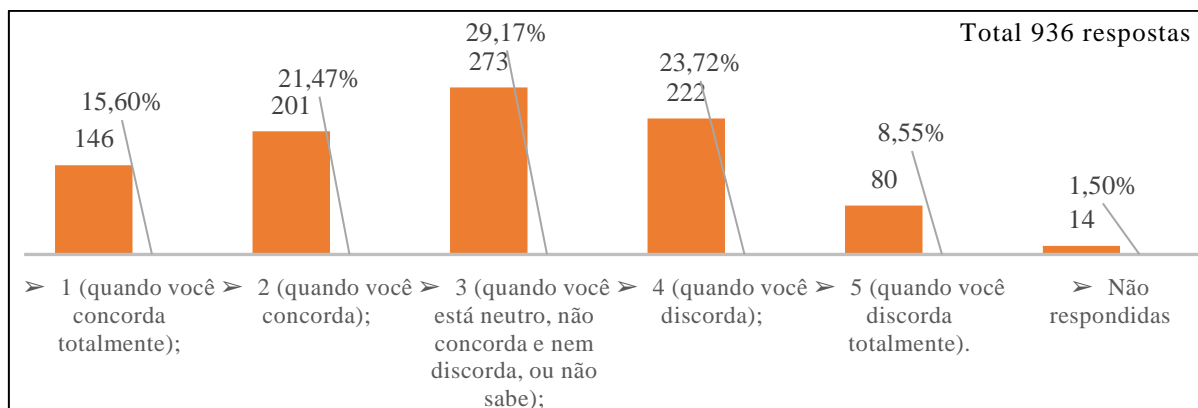
Em análise semestral comparativa ao ano em vigência, em relação aos acontecimentos, vislumbra-se a tendência de permanência e de igualdade dos índices da incidência desse delito aos totais do ano anterior.

Também é necessário analisarmos os números, percentuais e seus significados perante aos resultados totais relativos ao delito em comparação com os demais registros no ambiente estudado, somando menos de 1% (um por cento) nos períodos analisados, identificando sua representatividade do universo dos números para a cidade.

3.6.8 - Percepção dos respondentes acerca do delito de homicídio

A partir da afirmativa que se enuncia e se transcreve, obtivemos o sentimento das pessoas em relação a este tipo de delito.

Gráfico 42 – Afirmativa 8: Um dos crimes que mais acontece na cidade é o homicídio.



Fonte: elaborado pelo autor, lançados no Microsoft Office/Excel 2016.

Conforme os dados expostos acima, pode-se depreender que, nos mais de 35% (trinta e cinco por cento) dos respondentes, a sensação de medo está em desacordo com os fatos ocorridos, pois acreditam que o crime de homicídio é uma das ações delituosas que mais acontecem na cidade, ao passo que aproximadamente 32% (trinta e dois por cento) dos respondentes acreditam que o crime de homicídio **não** (grifo nosso) é uma das ações delituosas que mais acontecem na cidade. Essa razão e o sentimento do que imaginam os respondentes está de acordo com os dados registrados para o delito na cidade e corroboram-se, conforme o contido nos dados dos Gráficos de nº 40 e nº 41 do presente trabalho. Embora se deva levar em conta na análise a preocupação de ser vítima, o sentimento, para 1/3 (um terço) da população, ou seja, na maioria simples pelos números dos respondentes, não encontra relação de causalidade, pois, em relação a outros municípios do estado, os números apresentados e registrados não condizem com tal sensação, muito menos com a realidade do município. Assim, para maioria daqueles que se posicionaram a respeito do tema, no que se refere aos números analisados, mais uma vez, **não** (grifo nosso) coincide o pensamento e a prática dos fatos, uma vez que **não** (grifo nosso) há, à primeira vista, relação entre o imaginário do que se sente e a real ocorrência do crime.

Mais uma vez, reprisam-se os comentários anteriores a respeito da mídia, pois é esse o papel decisivo que desempenha a mídia, quando difunde as notícias, demonstra ocorridos, repercute os fatos e resultados, tudo de acordo os objetivos que supostamente demonstra ou divulga para justificar a forma como expõe o ocorrido.

3.7 Opinião dos respondentes acerca do que tornaria a cidade mais segura

(Espaço para críticas e sugestões no inquérito por questionário)

Neste bloco, foi proporcionado o espaço para que os respondentes, de forma aberta e descritiva, pudessem responder à pergunta proposta, além de efetuar críticas e sugestões acerca do que tornaria a cidade se Santa Cruz do Sul mais segura.

Quando os respondentes foram questionados a respeito do que tornaria a cidade de Santa Cruz do Sul mais segura, foi facilmente identificado um conjunto de ideias-chave, sugeridas pela maioria dos inquiridos, designadamente: políticas públicas, postos policiais no interior, atividades de prevenção à violência, mais policiamento, mais policiais nas ruas, um trabalho mais ostensivo, maior agilidade da justiça, conscientização da população em medidas de segurança.

Ainda antes de entrarmos no capítulo da discussão, destaca-se a relevância do problema de investigação, traduzida no entendimento contido e realçado nos excertos textuais abaixo transcritos, parte do conteúdo das respostas dos participantes, a respeito de críticas e sugestões possibilitadas em forma de pergunta aberta, no instrumento de recolha de dados percebidos, designadamente:

- Leis novas, que realmente puna esses bandidos; nós, população estamos trancados dentro de nossas casas com medo.

- Um trabalho social de valores, auto estima e respeito ao próximo nas periferias, o que geraria uma melhor perspectiva de futuro. Melhorar os níveis de educação e emprego no município, o controle da violência depende de mudança cultural.

- Vejo as polícias com as mãos atadas, a falta de efetivo, condições de trabalho, valorização da sociedade, da imprensa, seguido de leis que beneficiam os malfeitores, dificulta cada vez mais o "trabalho das polícias."

- Mais policiais nos bairros em todas as horas, não temos segurança nem para dormir, pois os bandidos estão entrando nas casas durante o sono dos trabalhadores. Santa Cruz do Sul, cidade que um dia as crianças podiam brincar nas ruas em frente das suas casas, hoje não podem mais. Triste realidade de nossa querida cidade.

- Penso que os Policias Militares, devem ser pessoas exemplares para a comunidade. Pois lembro que quando criança o meu sonho era ser um policial, mas hoje observo tantos policiaes sendo maus

exemplos para as crianças, em face de posturas e comportamentos. Mas claro, existem exemplos que são dignos de verdadeiros policiais.

- Muito crimes ocorrem por menores infratores, precisa melhorar apoio do conselho tutelar.

- Crimes ocorrem em todo lugar, porém nos bairros são os mais violentos, no centro mais furto e roubo pequenos atos.

- Na cidade existe hoje um grande número de roubo a carros, poderia ser melhorado com maior monitoramento por câmeras, assim coibindo tal ato.

- Atuação mais rígida sobre o tráfico de drogas nas regiões que são historicamente dedicadas e este tipo de crime, além de ações da prefeitura nestas áreas para levar cultura e capacitação ao mercado de trabalho.

- Apoio maior de autoridades políticas e ajuda de outras instituições e a sociedade.

IV – DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Ao chegar-se nesta parte do trabalho e enfim concluir-se o estudo, é imperativo que se recorde das perguntas de pesquisas que indagavam especificadamente o seguinte:

- Será que a criminalidade real é menor do que a percebida em consciência coletiva ou imaginário social (medo)?

- Será que criminalidade existente de fato na cidade de Santa Cruz do Sul é percebida como fator preponderante para a *sensação de medo*?

A recordar que do trabalho visou a analisar os registros de ocorrências policiais efetuadas nos órgãos oficiais do Estado do Rio Grande do Sul e os dados pesquisados por meio de inquérito por questionário, em relação ao sentimento, às percepções dos entrevistados, além de terem sido contextualizados, por meio do referencial teórico para descrever e situar conceitos como “medo”, “pânico moral”, “violência”, “crime”, “criminalidade”, “imaginário”, “segurança pública” entre outros conceitos, todos especificados no intuito de propiciar entendimento inicial de leitura e facilitar a compreensão do proposto foram analisados para então chegar-se a uma conclusão e responder as nossas perguntas de pesquisa.

Ainda, pode-se, no decorrer do trabalho, entender e estabelecer ligações acerca dos objetivos e das perguntas formuladas, os quais, para facilitar a compreensão do tema, foram comparadas as ocorrências registradas e expostas nas *Tabelas nº 2 e nº 3*, em que foram descritos os dados numéricos dos crimes ocorridos na cidade de Santa Cruz do Sul, nos anos de 2016 a 2017 (conforme os períodos analisados), nos tipos penais (furto, furto qualificado, roubo, roubo de veículo e homicídio) - com os dados pesquisados após a aplicação de inquérito por questionário sobre sentimentos e percepções da comunidade em geral (presidentes, representantes e associados de associações comunitárias, da associação comercial e industrial, do sindicato de lojistas da cidade, dos diretores de escolas particulares, municipais e estaduais e das universidades, além de uma parcela de alunos de cada centro de ensino do município de Santa Cruz do Sul), detalhando as informações gerais pesquisadas; realizando a interação e o comparativo destas informações; efetuando o cruzamento dos dados obtidos (ocorrências e respostas); analisando os fatores que contribuíram para as ocorrências e o sentimento, e atingindo os objetivos propostos, no levantamento de dados e na análise dos mesmos para a efetiva resposta ou não em relação às perguntas formuladas.

Ainda, antes da efetiva finalização do estudo, face à comparação proposta e efetuada, constatou-se que, em 2016, os registros de crimes de furtos tiveram o maior índice/percentual, que representou 58,77 % (cinquenta e oito vírgula setenta e sete por cento) do total de delitos, ao passo que a soma dos índices/percentuais dos outros crimes estudados (homicídios e roubos)

não chegou a 16% (dezesseis por cento) do total de delitos para a cidade, números bem parecidos com os dados para 2017, porém com um pequeno decréscimo para furtos em relação aos outros delitos. Em contrapartida, o sentimento do sofrimento dos delitos, conforme o inquérito por questionário, somou 65 % (sessenta e cinco por cento) para os furtos, enquanto somou 61 % (sessenta e um por cento) para os roubos, demonstrando que o imaginário do que se sente é muito maior do que efetivamente ocorre.

Destaque-se também que o estado do RS e a cidade de Santa Cruz do Sul não são considerados estado e cidade violentos nos dados e índices dos registros oficiais da Federação Brasileira, desde que estejamos apenas tratando de números totais em comparação com outras cidades e estados.

Diante destas últimas análises aliado à amplitude de crimes e às situações do cotidiano acerca do imaginário que foram abordadas no presente estudo, e amparando as conclusões baseadas em tabelas e gráficos, em ocorrências ou em sentimentos (imaginário), foi possível concluir que as perguntas de pesquisas foram respondidas, pois constata-se que a criminalidade real é menor do que a sentida, embora que estejam intimamente ligada a forma como foram percebidas, isto em virtude dos números de crimes e tipos de ocorrências estudados, pois para o público entrevistado os registros policiais colhidos, apenas se coadunam ao sentimento percebido nas ocorrências e situações pesquisadas para o crime de furto, muito embora a considerar a metodologia de análise da SSP/RS, em face de que conjuga os delitos de furto simples e furto de veículos e outros furtos, em apenas um numeral e percentual, estando estes conjugados; nos demais, o sentimento é imensamente maior em comparação ao registrado. Ainda neste raciocínio, é necessário e importante salientar que o recorte estudado sobre os crimes, em face da dificuldade de obtenção dos dados qualitativamente por horários e locais, por não estarem a disposição estratificados e abertamente, dificultou a interação dos resultados com a percepção e o sentimento das pessoas, bem como o tempo de análise não possibilitaram a plenitude de avaliação das informações.

Em relação à segunda pergunta, foi possível respondê-la em razão de que o aumento da sensação (medo) e as questões resultantes desta consciência coletiva (imaginário social) estão presentes nas respostas ao inquérito por questionário, uma vez que o temor do sofrimento de ações criminosas e a “sensação de medo” estão presentes no contexto das respostas dos participantes da pesquisa.

Sobre a sensação de medo verificada e do que pode influenciar no sentimento, sejam os *fatores determinantes*, caracterizados pela bagagem cultural das pessoas, por suas personalidades, por suas condições sociais e econômicas, quando decidem se aceitam um certo tipo de conduta ou

ainda se influenciam por circunstâncias e entendimentos alheios, sejam os *fatores componentes*, caracterizados por tudo aquilo que compõe uma circunstância delituosa (pessoas, lugares, onde vivem, onde residem, onde trabalham, onde estudam, os horários) e ainda pelos os *fatores condicionantes*, pelas rotinas do dia-a-dia, pela interação, pela conversa e propagação das ideias, pelas vivências em relação aos crimes registrados na cidade.

Desta forma, pelo estudo realizado, foi possível compreender as questões relativas à criminalidade na cidade, sob a ótica do trabalho de pesquisa ligada diretamente aos acontecimentos registrados (crimes), em relação ao que se pensa sobre eles (em quantidade – números). Muito embora não tenham sido objeto do estudo, constatou-se que os graus qualitativos de ocorrências (horários mais incidentes, turnos, locais específicos) são fatores que compõem o cenário do fato delituoso, em virtude de não estarem disponíveis abertamente para consulta, o que, com certeza, melhoraria substancialmente a finalização deste trabalho.

Salienta-se ainda que foi possível detectar, pelo sentimento e pelo imaginário dos respondentes, o papel que exerce a mídia sobre as pessoas, quando noticia informações repetidas ou não acerca de crimes ocorridos e seus tipos penais, autores e locais específicos (bairros, vilas, localidades e outros), sem estabelecer a veracidade e sem confrontar dados ocorridos, moldando conceitos, formando opiniões e estabelecendo imaginários sociais.

A mídia, necessária para a imediata divulgação dos ocorridos, se apresenta como fonte **perigosa** (grifo nosso) de poder fazer crer na notícia, como representação da realidade, quando a tendência do jornalismo for transformar um fato banal em extraordinário e chocante, justamente com a intenção de propagar sem responsabilidade a notícia pela notícia, tornando-se assim “o árbitro do acesso da existência social e política” (BOURDIEU, 1997, p. 29). Nas últimas décadas, os noticiários da imprensa brasileira, escrita ou falada, estão direcionados para as notícias que envolvam, de algum modo, crimes e, de preferência, os “bárbaros”, em especial a espetacularização destes crimes, como escreveu Teixeira (2002). Neste sentido Michaud (1989, p. 49) afirma que a mídia ao invés de anunciar que não aconteceu nada de problemas, violências ou criminalidades, em face de que precisa de acontecimentos sensacionais para prender a atenção do expectador e pode transformar um dia qualquer, calmo e banal, por meio de seus jornais e noticiários, em eletrizante, sensacional, perigoso, problemático, sofrível em sentimento, ou vice e versa, salientando que a mídia precisa de acontecimentos e vive do sensacional. As notícias de jornais, embora que muitas vezes apresentem um caráter de eventos verídicos, onde relatam imagens, circunstâncias, eventos, podem ser enganosas. Ao passo que, mesmo que tragam consigo certa autenticidade, podem ser direcionadas, selecionadas, montadas, enquadradas de acordo com a sua vontade, salientando que as imagens não fogem

essas distorções. Menciona-se ainda, de acordo, com o mesmo autor, que a violência, transmitida pela mídia, seja ela ajeitada, adornada ou não, seja ficção ou realidade, incluída como parte dos noticiários diários, servem, de uma certa maneira, a um descarregar-se, distender-se e dar um livre curso aos sentimentos das pessoas por meio do espetáculo. E consequentemente chamando atenção para a sua fidedignidade, audiência e permanência da assistência por ser o árbitro da existência.

A mídia desenvolve o seu papel de informação, noticiando o que se “faz” e o que “acontece”. Ela informa o que interessa e também dita regras, moldando condutas, fazendo com que a liberdade esteja ligada diretamente a este poder, impossibilitando o indivíduo, imerso em informações por ela trazidas, de questionar-se acerca da relevância das informações veiculadas (MOREIRA, 2002).

Estudos realizados pelo Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento de Delinquente – ILAUDE, que compararam a maneira como o crime é noticiado pela imprensa com os dados coletados pelos órgãos oficiais, revelaram que a percepção popular em relação ao crime guarda frequentemente pouquíssima verossimilhança com a realidade efetiva: “crimes violentos e contra pessoa são superestimados com relação ao seu montante; os índices de criminalidade são sempre percebidos numa espiral ascendente e jamais descendente” (MOREIRA apud PASTANA, 2003, p 145). Glassner (2003, p. 76-77), em estudo, avaliou o medo associado à criminalidade nos Estados Unidos: “o crime decresceu em 20% (vinte por cento), mas as notícias sobre o crime aumentaram 600% (seiscentos por cento), o crime cai, o medo aumenta”.

Não podemos olvidar o tratamento dado pela mídia ao fenômeno da criminalidade, assegurado por diversos pesquisadores, tais como Rondelli (1998), ao afirmar que no Brasil, a mídia busca exibir uma violência cotidiana, supostamente sem motivação psicológica, ideológica ou política aparente; além de referir a produção da comoção na opinião pública, como lhe convém, principalmente quando o fato noticiado possui um envolvimento policial como sujeito provocador. De certa forma, na exposição das notícias, busca o aumento de sua audiência, produz o sensacionalismo, a banalização da cultura e a disseminação da violência; e em muitas vezes dá visibilidade exacerbada a alguns fatos, dramatizando-os, ocasionalmente, invertendo os “papéis” do ocorrido, manipulando a informação em favor de uma maior repercussão pública, produzindo discursos mascarados e midiáticos, que podem induzir um consenso de opiniões incompatíveis com a realidade. Ao ter a mídia como propulsora e amplificadora, a violência augura o seu sentido social, visto que não só transmite, divulga,

mostra; ela o reconstrói, reconstrói o delito ou exposição como “imaginário coletivo” tornando-se parte integrante do fenômeno criminal.

Constantemente a população é exposta à informação sobre delitos de ocorrência frequentes, denominado por Dantas (2007) por “crimes-problema” (homicídios, roubos, sequestros, estupro e outros delitos menos frequentes) que por via da exposição ocasionam o impacto social pela forma como são expostos; resultante dessa exposição, invariavelmente se constrói um “imaginário popular – imaginário coletivo – sensação de medo”.

É importante também ressaltar que os fatores que contribuíram para elevar os níveis de violência sentidos pelos respondentes, em relação aos crimes ocorridos na cidade: as condições socioeconômicas, os níveis de miséria e pobreza de parte da população, aliados à aceleração da disseminação do uso de drogas, tudo o que vem agregado e somando para a geração do medo e da insegurança, e, conseqüentemente, aumentando a violência, corroborando com o que escreveu Balandier (1997, p 207-212), em seu texto o autor descreveu que a violência pode tomar forma de uma desordem contagiosa, dificilmente controlável, uma doença da sociedade, que aprisiona o indivíduo e a coletividade, intrincado num estado de insegurança e medo, sendo percebida e entendida como o resultado negativo e anacrônico de uma ordem bárbara que precisa ser controlada. Ressalte-se ainda que a própria sociedade é geradora de rejeições e exclusões e recusa do outro por meio do controle social.

Se faz mister recorrer a Lourenço e Lisboa (1998) que, ao tratarem do tema violência, nos lembram que “é perspectivada como uma transgressão aos sistemas de normas e valores que se reportam em cada momento, social e historicamente definido, à integridade da pessoa[...], não apenas na natureza da força e do agente agressor, mas também nos efeitos de quem sofre, isto é, a vítima.” Aludem ainda os autores no estudo sobre a desagregação do tecido social-urbano, que a dissolução das estruturas familiares, o desemprego e a toxicodpendência surgem como primeiros fatores, a partir da década de 60, contribuindo para o aumento da violência e ao “modo de vida” à delinquência.

Na esteira do medo, estão as causas naturais (biopsicológicas), as situações sociais e culturais que geram insegurança e aumentam este sentimento, conforme descreveu Maria Milagros López (1988), pesquisadora da Universidad de Puerto Rico, que considera o medo com condição trans-histórica, numa qualidade social que emerge ou desaparece em função real ou imaginária com o exterior, fazendo parte da natureza humana. Milagros também sugere que o “imaginário do medo” é alimentado por dados reais ou imaginários, ao mesmo tempo em que o imaginário do medo coloca todos contra tudo, estabelece uma rede de relações que fortalece

a solidariedade e a socialidade entre os membros de um grupo, que se unem pelo sentimento comum de insegurança.

Conforme os dados do inquérito por questionário, também foram salientadas, pelos respondentes, as questões do sentimento de impunidade e a demora da responsabilização dos criminosos, bem como a quantidade de vezes que se prende uma mesma pessoa pelo mesmo crime ou até mesmo outros crimes e a facilidade e a rapidez com que retorna para as ruas e volta a praticá-los, aumentando a ideia de violência, criminalidade e o sentimento medo em relação a novas ocorrências. Esta cultura do medo é um reflexo da forma de pensar sobre a criminalidade, aliado ao sentimento das leis penais elaboradas que, na maioria das vezes, representam valores associados à classe dominante, como sugere Pinheiro (2003, p.17) ao relatar que o “sucesso da difusão do medo depende não somente da forma como é expresso, mas também da eficácia em exprimir ansiedades culturais profundas”. Revela o autor ainda que paradoxalmente, a cultura do medo nunca é apenas e isoladamente do medo, pois carrega consigo outros atributos.

Ainda como análise do impacto do sentimento em relação a crimes, violência e criminalidade, segundo as respostas do inquérito por questionário, também foram muito lembrados, em grande número, os problemas ocorridos nos *bairros*, nas *vilas* e na *periferia*, como forma genérica de representação de locais, onde mais acontecem crimes. Em razão das respostas propiciou-se também a identificação dos bairros mais incidentes pelo sentimento das pessoas entrevistadas, em relação ao que se pensava de quanto e onde havia ocorrido, a saber, Bom Jesus e Santa Vitória (principalmente), de tal forma corroborado pelo que escreveu Cusson (2011) a respeito dos enclaves urbanos incivis, em face da singular virulência combinando incivildades e violências em zona urbana bem delimitada, no caso do estudo, a *periferia*; ainda a destacar o envolvimento das pessoas destas localidades, sendo as que mais estiveram envolvidas em situações de violência e criminalidade, como destaca Pastana (2003), em estudos realizados a partir da análise do impacto do “simbolismo” associado ao medo do crime, passando-se a dar enfoque aos grupos e locais estigmatizados em decorrência do medo (migrantes, favelados, negros, pobres, periferia). Assim como Batista (2004, p.35), em sua obra “O medo na cidade do Rio de Janeiro. Dois tempos de uma história” analisa, em contexto histórico, estas questões e a sua relação com os dias de hoje, relatando: “se antes a fantasia era o quilombo, hoje, o medo é da periferia e do morro”, aliado ao sentimento de “paranoia de segurança” vivida na cidade. Disto, deparamo-nos com base no estudo e conforme destaca Ansorff (1983) sobre a perspectiva ambiental, onde destaca “a crescente complexidade das incumbências da sociedade levaram à certeza de que os modelos organizacionais históricos

deixaram de responder às demandas sociais”. Dessa máxima resultam as dificuldades para o poder público estabelecer políticas públicas capazes de realizar o enfrentamento da criminalidade e a violência.

De outra parte, tendo sido trazido a lume no trabalho o termo “pânico moral”, conforme os estudos e a revisão conceitual proposta por Machado (2004), de fato se coaduna com o trabalho ora desenvolvido, quando afirma que “o pânico moral não deve ser visto como uma erupção súbita de preocupação, mas antes como uma forma comunicacional endêmica na nossa sociedade, apresentando intensificações em locais e momentos específicos, a propósito de temas particulares”.

Dentro do que se observou neste trabalho, foi possível, também, depreender a importância de como é compreendida pela sociedade a informação sobre algo (fato criminoso ou criminalidade), uma vez que o seu entendimento nem sempre é o do que realmente aconteceu, visto que, muitas vezes, se tem uma noção distorcida da realidade. Isto depende dos interesses dos meios de comunicação, sendo a noção sobre a criminalidade, na maioria, influenciada por eles (imprensa falada ou escrita), conforme destaca Pastana (2003). Ainda, conforme o mesmo autor, existe uma distorção na percepção da população sobre o criminoso e a criminalidade, causada, entre outros fatores, pelo preconceito social; pela ênfase da imprensa em certos tipos de crimes de interesse jornalístico; ou ainda pela exploração política do tema segurança.

Como analisou Silva (2003, p 49), “o imaginário continua a ser um mistério, retomá-lo implica assumir uma dívida e, ao mesmo tempo, promover uma distorção”. Este autor ainda diz que não se crê no imaginário, vive-se nele. Não há crença no imaginário, embora se possa mapear os imaginários de crença. Também entende o autor citado que os melhores cartógrafos do imaginário são os escritores, os romancistas, os cronistas do cotidiano e os repórteres, que procuram captar flagrantes da vida, livres de obsessão explicativa, impulsionados pelo vírus da empatia, da compreensão, da descrição, da fotografia; finalizando com a expressão “Todo imaginário é uma imaginação do real”.

As questões ambientais não podem ser analisadas isoladamente, é preciso considerar também que a sociedade brasileira tem sido excessivamente permissiva com os comportamentos antissociais, como crimes sexuais, furto, roubo, latrocínio, entre outros, mas é imperativo lembrar o que relatou Cusson (2011, p 182), “O cidadão constitui um ingrediente indispensável da solução do problema criminal, desde logo porque lhe compete velar pela sua segurança e pela dos que lhe são próximos”.

De certo sabemos, e como sustentaram Alemika e Chukuwma (2005), que a vitimização criminal acarreta sérias consequências para a sociedade em nível individual e/ou coletivo, prejudicando a democracia, o desenvolvimento e os direitos humanos e principalmente reduzindo a qualidade de vida. Considerando ainda, em virtude dos números, o aumento da criminalidade e a vitimização referenciada, em face dos diversos fatores, sejam eles pela espiral das possibilidades dos delitos do universo que os constituem, visto o sentimento da oportunidade sopesado a ausência do Estado, trará o aumento/evolução da sensação de medo do crime, conforme nos mostrou Santos Jr. (2000).

Assim, perante ao panorama exposto, onde a formação da mentalidade e percepções, bem como a opinião pública são diretamente ligadas à mídia, que causa inquietação, medo e, por conseguinte, a projeção de ser a próxima vítima das mazelas da sociedade, gerando ainda um sentimento de desconfiança em todos, denotando “estranheza” para com as pessoas e a criação de nichos, territórios, classes e lugares, criando denominações como “intrusos” e “bodes-expiatórios”, conforme Bauman (2003). Resulta ainda, como escreveu Zaffaroni (2008) a respeito da disseminação do medo no tecido social, onde explica que, uma sociedade dominada pelo medo coletivo, naturalmente passa a fabricar seus próprios inimigos, quando elege algumas classes como perigosas (pobres, negros, condenados e viciados) como inimigos em potencial.

Também é necessário destacar que as pessoas podem estar sujeitas a outro reflexo negativo gerado pela cultura do medo no combate da criminalidade, tal como sugeriu Hassemer (1994), pelo arrocho nos meios coercitivos, o relaxamento e a corrosão de direitos fundamentais, entre outras, constituindo um mecanismo destinado a regular o sentimento de insegurança da comunidade, propiciando o surgimento de estratégias populistas de combate ao crime, muitas vezes com medidas insuficientes, ineficazes e incapazes de solucionar o problema da violência.

1. Contributos e implicações práticas

Contata-se a impossibilidade do Estado e da Polícia serem onnipresentes e as dificuldades, caso isso ocorresse, no objetivo de propiciar o sentimento esperado de sensação de segurança, é necessário que lembremo-nos do que escreveu Cusson (2011) sobre as circunstâncias da autodefesa, ainda que fora dos parâmetros permitidos pela lei, esta reprovável e marginal, ou ainda a autoproteção, sendo aquele conjunto de medidas não violentas capaz de evitar que um indivíduo se torne vítima de crime, atreladas ao manancial da prevenção situacional e seus meios (de forma simplificada), tais como: a vigilância; os obstáculos físicos;

os controles de acesso; o desvio do delinquente do alvo; a eliminação ou redução do benefício potencial de um delito; o controle de armas e outros instrumentos que sirvam para cometer delitos. Providências estas, que se adotadas em conjunto pelas pessoas, *pari passu* com as políticas públicas, possibilitariam uma melhor convivência e a redução do imaginário do medo e do pânico moral em razão do fortalecimento das ações e do sentimento do pertencimento ao ambiente e a vida em sociedade.

A considerar também que por meio do sentimento criado, divulgado e percebido, constituído pela sensação de medo, insegurança ou efetivamente por ter sido vítima, tem gerado socialmente o crescimento da “indústria do medo”, visto que as pessoas, pelas possibilidades, intensificaram medidas pessoais e físicas, barreiras para diminuir suas vulnerabilidades perante ao sentimento propagado, na construção de muros, grades, alarmes, vídeomonitoramento, segurança privada, adotando engenhosos e sofisticados métodos, que custam caro, e inclusive mudando a rotina ao não se exporem em lugares públicos com medo da violência.

Também se pode depreender do grupo entrevistado, amparado pelas respostas do inquérito por questionário, a percepção em sentimento da qualidade nos serviços prestados pelos policiais militares na cidade e a imagem (em imaginário), perante aos recebedores do serviço policial, ressaltando, em grande maioria, o descrédito, a insatisfação pela insuficiência de efetivo, a incapacidade e ineficiência em propiciar sensação de segurança em face do trabalho realizado, pelo tratamento recebido e pelo o não atendimento às demandas. Tal desconfiança também foi detectada por Frias (2004), referente a ações policiais na Europa, em especial em Portugal. Ainda como resultado do sentimento dos entrevistados, pôde-se perceber que a grande maioria, tem a percepção de ser bem tratada pela polícia, além de visualizá-la em algum momento, entretanto, isto, não produz, como resultado de imaginário, a sensação de segurança esperada pelos órgãos de polícia e pelos responsáveis pela segurança pública.

Considere-se também ao fim do estudo, o que escreveu Paulo Pereira de Almeida, Sociólogo Português, na obra de Poiares (2013) – Mudar a Polícias ou Mudar os Polícias? – ao referir que uma Polícia órfã de natureza política pela administração do estado; de uma organização estrutural, de recursos humanos e com baixa credibilidade científica, não possui utilidade social. Claro que a realidade portuguesa é diferente da brasileira, e por conseguinte do estado do RS, mas como paralelo e vislumbre futuro, estamos de frente a possibilidades, exigências e oportunidades, perante às organizações, pois este é o momento da mudança e da (re)valorização da Polícia, hoje desacreditada e incapaz, por diverso motivos, de prover segurança pública, é necessário uma mudança de conceitos tanto na cultura, quanto na ação policial e na função de polícia, que dê credibilidade e eficácia na ação, que produza resultados

efetivos e práticos na vida e no imaginário das pessoas, não por ser uma polícia temida, mas sim por ser técnica, efetiva e ao fim respeitada e valorizada. Para isto, na modesta opinião, deste pesquisador, basta adentrar-se mais um pouco a obra de Poiares (2013) e buscar conceitos, ações demonstradas com clareza e sensatez que podem ser adotadas e resultar em mudança na multifacetada função de polícia, sendo elas em seis linhas estratégicas, quais sejam: A formação policial; a eficiência da ação policial; a motivação policial; a proximidade policial; a modernização policial; e a fiscalização interna. Fatores esses que se conjugados e amparados por uma estratégia de promoção da imagem institucional e organizacional, em face das especificidades no desenvolvimento da ação policial, junto à sociedade e a mídia, terá impacto substancial na promoção o imaginário social relativo a função policial, amparado por um trabalho de prevenção e repressão calcado em doutrina, filosofia,, ideologia e identidade policial, fundamentados na égide constitucional, legal e típicas da missão de polícia.

Ainda, perante as “possibilidades” supra evidenciadas nesta investigação e a forma que os responsáveis pelo provimento da segurança pública, principalmente a polícia, na adoção de estratégias de aproximação, visibilidade, prestação de serviços e gestão comunitária, experiências positivas já forma adotadas por meio do policiamento comunitário em vários países, como sustentam Beato Filho (2001) e outros. Em face disto consideramos serem pertinentes as medidas que se elencam a seguir:

- A readequação da disponibilização dos índices de criminalidade dispostos para consulta, sendo estes dados mensuráveis em quantidade e qualidade, pois possibilita a análise sistemática e adequada da verificação de “zonas quentes” com maior incidência de delitos, por tipos, horários, locais, tudo amparado pelas teorias da prevenção situacional do crime;

- A necessidade de complementação de recursos humanos e recursos materiais para a cidade, na área da Segurança Pública, uma vez que o efetivo existente, muito embora tenha sido em algumas vezes notado, é nitidamente insuficiente para suprir todas as demandas de segurança pública para a cidade;

- A necessidade de investimento em capacitação profissional para os policiais da cidade, em face dos resultados e do sentimento dos respondentes acerca da qualidade do trabalho desenvolvido;

- Integração das políticas públicas principalmente na área da prevenção criminal na vertente social e na situacional para o atendimento dos aspectos relevantes para a produção da segurança.

- A construção coletiva de ações em segurança pública dos órgãos públicos com a comunidade e comunidade escolar;

- Adoção de políticas públicas efetivas, eficientes e eficazes para o acompanhamento e prevenção dos delitos e controle dos índices criminais para cidade, em todas as áreas de atendimento à comunidade.

2. Limitações e pesquisa futura

Antes do fechamento deste trabalho, é importante ressaltar os elementos limitadores da pesquisa, principalmente a dificuldade de obtenção dos dados qualitativos das ocorrências estudadas (em dias, horários e locais específicos), como fonte aberta, de fácil acesso e comparação, fator que certamente possibilitaria uma melhor compreensão do assunto e das respostas obtidas, na busca das respostas das perguntas de pesquisa.

De outra forma e de relevante importância o estudo ressaltou o que pensam os entrevistados em relação aos crimes ocorridos, nos tipos específicos estudados no trabalho e analisados item a item, onde obteve-se das respostas o “imaginário”, conforme a conceituação já descrita nesta pesquisa e definida por Silva (2003), de que os furtos constituem um imaginário representativo e consonante com a realidade, pois é um dos crimes que mais acontece na cidade. Em decorrência deste, intimamente ligados, ou logo em sua sequência, para o sustento do vício, ocorre o tráfico de drogas, que conduz a ações e atividades criminosas violentas na cidade, em bairros específicos, noticiadas pela mídia. Este fato não pode ser validado e confirmado, por não ter sido efetuado estudo em relação a esta questão, aos sentimentos e às percepções para este crime na cidade (tráfico de drogas), neste trabalho ou em outro que se tenha conhecimento. No futuro, pode vir a ser efetuado estudo a este respeito para complementar a exploração sobre o imaginário na cidade de Santa Cruz do Sul em relação ao crime.

Do que foi contextualizado, analisado e descrito, se faz mister relacionar a necessidade de ações para estudos futuros, quais sejam:

- Continuação do estudo, no intuito de aprofundar a análise da criminalidade e o imaginário coletivo e as suas relações, de forma a integrar os responsáveis pela segurança pública e a aplicação prática dos resultados em políticas públicas para a redução dos índices de criminalidade na cidade; e

- Embora não tenha sido alvo como estudo mais aprofundado no trabalho, e em continuidade da temática mídia ser de relevante preponderância e extremamente necessário ser estudada com um maior foco sobre face a esse papel que desempenha, no contexto dos estudos em relação às informações nas respostas das perguntas abertas no inquérito por questionário aplicado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEMIKA, E. E. O.; CHUKWUMA, L. C. Criminal victimization and fear of crime in Lagos Metropolis, Nigéria. Cleen Foudation Monograph Series, n.1. Lagos, Nigéria, 2005. Disp em <http://www.cleen.org/Crime%20Victimization%20Safety%20and%20Policing%20in%20Nigeria.pdf>. Acesso em 07 nov 2017.
- ALVES, Tanize Tomasi; SAHR, Cicilian Luiza Löwen. O método comparativo em estudos regionais. Geoiingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia, v. 6, n. 2, p. 3-19, 2015.
- BACHELARD, Gaston. La Formation de l'Esprit Scientifique. Paris: Vrin, 1847.
- BALANDIER, Georges. A desordem: ELOGIO DO MOVIMENTO. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. [S.1]: Edições 70, 1979.
- BATISTA, Vera Malaguti. O medo na cidade do Rio de Janeiro, dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Medo Líquido. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEATO FILHO, C. Reinventando a polícia: a implementação de um programa de policiamento comunitário. Belo Horizonte: Crisp/UFGM, 2001
- BECKER, Howard S. Métodos de pesquisa em ciências sociais. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BOBA, Rachel. Crime analysis and crime mapping. United States: Sage Publications, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRANTINGHAM, P. J.; BRANTINGHAM. P. L. Environmental criminology. Prospect Heights: Waveland Press, 1991.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contêm as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.
- _____. Ministério da Justiça. SENASP – Conceitos Básicos. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/Pages/MJ1BFF9F1BITEMIDE16A5BBC4A904C0188A7643B4A1DD68CPTBRNN.htm>. Acesso em: 01 maio 2017.
- CARRILLO, A. Pérez. Análisis y evaluación de leyes en materia de prevención delictiva. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Macgraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHAUÍ, Marilena. Uma ideologia perversa. Folha de S. Paulo, Caderno Mais, 14 mar. 1999.

- CORDEIRO, J. Dias. *As Faces do Medo*, Alter Ego, n.º 4, Lisboa: Edições Salamandra, 1987.
- CORNISH, D.; CLARK, R. V. *The reasoning criminal*. New York: Springer-Verlag, 1986.
- COHEN, L., FELSON, M., *Social Change and Crime at Trens: A routine Activity Approach*. *American Sociological Review*, Vol 44:588-608, 1979.
- CUSSON, Maurice. *Criminologia: Só pelo conhecimento se pode evitar a criminalidade*. 3. ed. Alfragide: Casa das Letras, 2011.
- DANTAS, George Felipe de Lima; DE PERSIJN, Annik; JÚNIOR, Álvaro Pereira da Silva. *O medo do crime*. *O Alferes*, v. 22, n. 62, 2007.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente. 1300-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- DURKHEIM, Emile. *O suicídio. Estudo de Sociologia*. São Paulo: Ed. Martin Fontes, 2000.
- _____. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.
- FERNANDES, Fábio. *Para além de Althusser e Foucault*. *Revista Galáxia* v. 4, n.7, 2004.
- FERRARI, A. Trujjilo. *Metodologia da Pesquisa Científica*. São Paulo: Mcgraw Hill do Brasil, 1982.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário de língua portuguesa – Sec XXI*, 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2010, 1038p.
- FRIAS, Graça. *A construção social do sentimento de insegurança em Portugal na actualidade*. In.: VIII Congresso LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. Coimbra, set. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/gracafrias.pdf>>. Acesso em 29 out 2017.
- GHEDIN, E. *Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica*. In: PIMENTA, S. G; GHEDIN, E. *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2002.
- GRABOSKY, PN. "Fear of Crime, and Fear Reduction Strategies". 1995. *CICrimJust* 14; (1995) 7(1) *Current Issues in Criminal Justice* 7. Disponível em <<http://www.austlii.edu.au/au/journals/CICrimJust/1995/14>>. Acesso em 22 setembro 2017.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- _____. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- GLASSNER, Barry. *Cultura do medo*. São Paulo: Francis, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 10.ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2007.

HASSEMER, Winfried. Segurança Pública no Estado de Direito. Revista da Associação dos Juízes do Rio Grande do Sul. 1994.

KÖCHE, J. C. Fundamentos da metodologia científica. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LACAN, Jaques. O simbólico, o imaginário e o real (SIR). Uma visão sobre a Conferência de 8 de julho de 1953 da Sociedade Francesa de Psicanálise. Disponível em: <http://www.psicocoanalis.org/lacan/>. Acesso em: 01 maio 2017.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAZZARINI, Álvaro. Estudos de direito administrativo. 2.ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

LEITE, Eduardo de Oliveira. A monografia jurídica. 5ª. Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

LEVANTAMENTO da percepção do medo e do crime em Santa Catarina. Disp em: https://www.researchgate.net/publication/232723754_Levantamento_da_percepcao_do_medo_e_do_crime_em_Santa_Catarina. Acesso em: 02 set. 2017.

LÓPEZ, Maria Milagros. Notre peur de tous lês jours: L'imaginaire de l'insecurité et la militarisation de la vie quotidienne a Porto Rico. Comunicação apresentada no Colloque International de Sociologie de la Vie Quotidienne. Paris: Sourbonne, Université René Descartes, 1988 (mimeo).

LOURENÇO, Nelson e LISBOA, Manuel. Representações da Violência. Cadernos do Centro de Estudos Judiciários, nº 2/91. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, Ministério da Justiça.

MACHADO, Carla. Pânico Moral: Para uma revisão do conceito. Interações: Sociedade e as novas modernidades. [S.I], n.7, out 2004. ISSN 0873-0725. Disponível em: <http://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/125/129>. Acesso em 31 out 2017.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.

MATTAR, Fauze Najib. Pesquisa de marketing. Ed compacta. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MAXIMIANO, A. C. Antônio. Teoria Geral da Administração / Da Revolução Urbana à Revolução Digital. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social. Teoria, método e criatividade. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

- MOLINA, Antonio Garcia Pablos de. *Criminologia*. 6. ed. reform., atual. e ampl. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2008.
- MORAES, Denis. Notas sobre o imaginário social e hegemonia cultural. 2002. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso em: 01 maio 2017.
- MOREIRA, Elizabeth Huber. *A mídia e o exercício de poder na atualidade*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2002.
- MORLEY, L. Elmbridge. Borough council fear of crime survey autumn 2004. Elmbridge Borough Council. ORC International. Disponível em: www.orc.co.uk. Acesso em: 02 set. 2017
- NUPEVI (Núcleo de Pesquisas sobre Violência). *Cenários sociais da criminalidade no Rio Grande do Sul. Relatório de Pesquisa*. Porto Alegre: Convênio UFRGS-SJS/RS, 2001.
- ODÁLIA, Nilo. *O que é violência?* 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PÁDUA, Vinícius Alexandre de. *Prevenção delitiva da criminologia moderna*. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 31 mar. 2015. Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.52855&seo=1>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- PASTANA, Débora Regina. *Cultura do medo, reflexões sobre a violência criminal, controle social e cidadania no Brasil*. São Paulo: Método, 2003.
- PEIXOTO, Alberto. *Cartografia dos medos*. Edições Macaronésia. Ponta Delgada. 2004.
- PEIXOTO, Alberto. *Vitimização Criminal – Mitos e Realidades*. Edições Macaronésia. Ponta Delgada. 2012
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Crime, violência e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PIETROBON, S. R. G. A prática pedagógica e a construção do conhecimento científico. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v.1, n.2, p.77-86, jul-dez. 2006.
- POIARES, Nuno. *Mudar a Polícia ou mudar os Polícias? O Papel da PSP na Sociedade Portuguesa*. Bnomics, Portugal, 2013.
- POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPERRIERE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. (2014). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina. Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. (Coleção Sociologia)
- RAINE, Adrian. *A Anatomia da Violência: As Raízes Biológicas da Criminalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015. Tradução: Maiza Ritomy Ite.
- RAMONET, Ignácio. *A Tirania da Comunicação*. São Paulo: Editora Vozes, 2010.
- RAUEN, F. J. *Roteiros de investigação científica*. Tubarão: Unisul, 2002.
- ROCHA, S. Cláudio. *Administração de Polícia Ostensiva*. Porto Alegre: CEditBM, 1993.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Projetos de estágio do Curso de Administração: guia para pesquisas, projetos e trabalho de conclusão de curso. 1.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ROLIM, Marcos. A síndrome da Rainha Vermelha: policiamento e segurança pública no século XXI. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

RONDELLI, E. Imagens da violência: práticas discursivas. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP. Departamento de Sociologias. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, v 10, 2 out 1998.

RUDIO, F. Victor. Introdução ao projeto de pesquisa científica. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

RUIZ, J. A. Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia. 10. ed. Belo Horizonte: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. As conflitualidades como um problema sociológico contemporâneo. Revista Sociologias, dossiê conflitualidades, n.01. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

SANTOS, Juarez Cirino. A criminologia radical. Curitiba: IPCP, Lumen Júris, 2006.

SANTOS JÚNIOR, A. A. dos. Dimensões de uma segurança pública mais efetiva: a gênese de uma polícia estadual única. Revista Alcance, Santa Catarina, Univali, n. 2, p. 33-38, 1999.

_____. O discurso garantista ou de tolerância zero para o sistema penal. Revista Alcance, Santa Catarina, Univali, n. 4, p. 41-51, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. A idade da razão. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação. 3a edição revisada e atualizada. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Laboratório de Ensino a Distância. 2001.

SILVA, Juremir Machado da. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A pesquisa científica. Métodos de pesquisa, 2009, p.31-42.

SODRÉ, Muniz. Sociedade, mídia e violência. Porto Alegre: Editora Meridional LTDA e EDIPUCRS, 2.ed., 2006.

TEIXEIRA, Alex Niche. A espetacularização do crime violento pela televisão: o caso do programa Linha Direta. Dissertação de Mestrado pela UFRGS (2002).

VALENTE, Manuel Monteiro G. Ciências Policiais Ensaio. Universidade Católica Editora. Lisboa, 2014.

VERGARA, Sílvia Constant. Projetos e relatórios de pesquisa em Administração. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VERMA, A; LODHA, S. K. A typological representation of the criminal event. Western Criminology Review. V.3 n.2, 2002.

WAQUIM, Bruna Barbieri. Prevenção situacional: Teses, técnicas e reflexões. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XII, n. 67, ago 2009. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=6544>. Acesso em 07 nov 2017.

[World report on violence and health](#), Organização Mundial da Saúde, Genebra. 2002.

ZAFFARONI, Eugenio Raul; OLIVEIRA, Edmundo. Criminologia e Política Criminal. Rio de Janeiro: GZ Ed., 2010.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Esta é uma pesquisa desenvolvida por Ailton Pereira **Azevedo**, Mestrando do ISPCSI (Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança Interna, Lisboa, Portugal, no Mestrado não Integrado em Ciências Policiais Área de especialização em Criminologia e Investigação Criminal e-mail: *azevedosul@hotmail.com*, telefone (051) 981776777.

***NÃO É NECESSÁRIO IDENTIFICAR-SE...
BASTA, APENAS RESPONDER AS QUESTÕES:***

O objetivo da pesquisa é identificar como o imaginário social (medo) se relaciona com a Criminalidade registrada oficialmente na Cidade de Santa Cruz do Sul.

Ao responder o questionário, declaro que fica AUTORIZADA a divulgação das respostas da pesquisa, sem qualquer indicação da identidade do respondente.

BLOCO 1 – DADOS GERAIS

1.1 Pertence a entidade que defende interesses comunitários em Santa Cruz do Sul:

() Sim () Não

1.2 () Presidente () Representante () Diretoria () Associado () Não pertence a entidade

1.3 Idade: _____

1.4 Sexo: _____

1.5 Escolaridade:

() 1º Grau incompleto () 1º Grau Completo () 2º Grau incompleto () 2º Grau Completo

() Superior incompleto () Superior Completo () Pós-graduação

INSTRUÇÕES:

Cada item só pode ter uma resposta.

Para responder o questionário coloque um "X" no local adequado dando uma nota de 1 (um) a 5 (cinco) para as características relacionadas sua forma de agir, de acordo com a seguinte convenção:

- 1 (quando você concorda totalmente);
- 2 (quando você concorda);
- 3 (quando você está neutro, não concorda e nem discorda, ou não sabe);
- 4 (quando você discorda);
- 5 (quando você discorda totalmente).

BLOCO 2 – AFIRMATIVAS	1	2	3	4	5
2.1 O efetivo da Brigada Militar é suficiente para prover Segurança Pública no Município.					
2.2 Segurança Pública é problema de Polícia.					
2.3 Os principais crimes acontecem no centro da cidade.					
2.4 Um dos crimes que mais acontece na cidade é o furto (Ato de recolher “pegar” objetos de outros, em casa ou na rua, em veículos, bolsas, carteiras entre outros, caracteriza-se pela não – violência).					
2.5 Um dos crimes que mais acontece é o furto qualificado (Ato de recolher, “pegar” objetos de outros em casas ou na rua, em veículos, ou o próprio veículo, bolsas, carteiras entre outros, caracteriza-se pela <u>não – violência</u> ; o ocorrido se dá pela destreza (chave falsa ou arrombamento; <u>uso de objetos</u> ; arrombamento de casas sem violência contra o morador).					
2.6 Um dos crimes que mais acontece na cidade é de roubo a pessoa (ROUBO A PESSOA – Ato de levar, “pegar” objetos de outras pessoas com o emprego de violência – uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa).					
2.7 Um dos crimes que mais acontece na cidade é o roubo de veículos . (Ato levar, “pegar” veículo de outros com violência – uso de arma, faca ou outros objetos diretamente contra a pessoa dentro do carro ou nas imediações para levar o carro).					
2.8 Um dos crimes que mais acontece na cidade é o homicídio (MATAR ALGUÉM).					
2.9 Acontecem crimes na cidade que não são registrados na Polícia.					
2.10 Não acontecem muitos crimes na cidade.					
2.11 Os crimes acontecem mais durante o dia.					
2.12 Locais perigosos (escuros e desertos) aumentam a probabilidade de ocorrer um crime.					
2.13 O crime ocorrerá independentemente da presença ou não de Policiais e Viaturas.					
2.14 Sinto-me seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.					
2.15 Não me sinto seguro na cidade de Santa Cruz do Sul.					

BLOCO – 3 / Perguntas relativas ao sentimento

(Assinale a alternativa que corresponde com seu sentimento).

3.1 A Polícia Militar consegue lhe trazer a sensação de segurança nesta cidade?

() Supera minhas expectativas; () Atende minhas necessidades; () Prefiro não opinar; () Deixa a desejar; () Não atende as expectativas em nada.

3.2 Como você é tratado por policiais militares na cidade?

() Muito bem tratado; () Como cidadão; () Prefiro não opinar; () Tratado com indiferença; () Maltratado.

3.3 Você costuma ver com frequência os integrantes da Brigada Militar, na cidade?

() Frequentemente; () Com certa regularidade; () Prefiro não opinar; () As vezes; () Quase nunca.

3.4 Você anda na rua com tranquilidade durante o dia?

() Constantemente e em qualquer lugar. () Depende do lugar da cidade não é seguro.
() Prefiro não opinar. () As vezes toda a cidade é segura. () Quase nunca é seguro andar na cidade.

3.5 Você anda na rua com tranquilidade durante a noite?

() Constantemente e em qualquer lugar. () Depende do lugar da cidade não é seguro.
() Prefiro não opinar. () As vezes toda a cidade é segura. () Quase nunca é seguro andar na cidade.

3.6 Os policiais militares da cidade agem com violência, ou se prevalecem da condição de policiais?

() Agem estritamente dentro de seu papel. () As vezes se excedem um pouco. () Prefiro não opinar.
() São violentos e arbitrários.

3.7 De que forma a Brigada Militar da cidade atende às solicitações da população?

() Agem dentro de seu papel de polícia. () Dentro dos limites toleráveis.
() Prefiro não opinar. () Com uma certa demora. () Com lentidão. () Nunca aparecem.

BLOCO 4 – Perguntas relativas aos acontecimentos

(Assinale a alternativa que corresponde aos acontecimentos).

4.1 Você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime na cidade de Santa Cruz do Sul?

() Frequentemente; () Com certa regularidade; () Às vezes; () Quase nunca. () Nunca;

4.2 Qual é o local da cidade que você, algum parente seu ou conhecido já foi vítima de crime?

() Centro; () Bairros; () Prefere não opinar; () Não foi/foram vítimas; () Bairro Específico

4.3 Qual é o local da cidade lhe causa maior medo?

() Em toda cidade; () Centro; () Bairros em geral; () Não sente medo; () Bairro Específico

4.4 Qual é o local da cidade você acredita ser o mais violento?

() Em toda cidade; () Centro; () Bairros em geral; () Não é violenta; () Bairro Específico

4.5 Qual é o local da cidade você acredita que existe o maior número de crimes?

() Em toda cidade; () Centro; () Bairros em geral; () Não existem muitos crimes; () Bairro Específico.....

4.6 Qual é o local da cidade que você acredita que é o mais seguro?

() Em toda cidade; () Centro; () Bairros em geral; () Não é segura; () Bairro Específico

BLOCO 5 – CRÍTICAS E SUGESTÕES

5.1 O que tornaria a cidade de Santa Cruz do Sul mais segura? () Prefere não opinar;
Descreva: